



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE

LIZ BEZERRA SANTANA

CASAS MODERNAS EM FEIRA DE SANTANA:

CONTRIBUIÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO

Feira de Santana

2025

LIZ BEZERRA SANTANA

CASAS MODERNAS EM FEIRA DE SANTANA:

CONTRIBUIÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Desenho, Cultura e Interatividade sob orientação do Prof. Dr. Pedro Vieira.

Feira de Santana

2025

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Santana, Liz Bezerra Santana
S223c Casas modernas em Feira de Santana: contribuições para a
preservação./ Liz Bezerra Santana, 2025.
86f.: il.

Orientador: Pedro Vieira
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade,
2025.

1.Arquitetura moderna – Preservação. 2.Casa – Feira de Santana.
3.Patrimônio. I.Vieira, Pedro, orient. II.Universidade Estadual de Feira
de Santana. III.Título.

CDU: 728.1(814.22)

LIZ BEZERRA SANTANA

CASAS MODERNAS EM FEIRA DE SANTANA:

CONTRIBUIÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana para a obtenção do título de mestre em Desenho, Cultura e Interatividade sob orientação do Prof. Dr. Pedro Vieira.

Data de aprovação: 02 de abril de 2025

Banca examinadora:

Prof. Dr. Pedro Augusto Vieira Santos – FAU/USP

Assinatura:  Documento assinado digitalmente
PEDRO AUGUSTO VIEIRA SANTOS
Data: 08/07/2025 12:20:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria da Graça Rodrigues dos Santos – PPGDCI/UEFS

Assinatura:  Documento assinado digitalmente
MARIA DA GRAÇA RODRIGUES DOS SANTOS
Data: 09/07/2025 17:45:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Michele Marta Rossi – USP

Assinatura:  Documento assinado digitalmente
MICHELE MARTA ROSSI
Data: 07/07/2025 11:50:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Feira de Santana

2025

AGRADECIMENTOS

Nenhuma conquista é individual e essa dissertação é fruto de muitas parcerias que possibilitaram sua realização. O desenvolvimento deste trabalho contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), cuja concessão da bolsa foi essencial para viabilizar a dedicação necessária à sua execução. Os agradecimentos dessa pesquisa dirigem-se também ao corpo docente e administrativo do Programa de Pós-Graduação em Desenho Cultura e Interatividade (PPGDCI) que fazem do PPGDCI um programa de excelência.

Agradeço a Pedro Vieira, que acreditou na minha pesquisa quando eu mesma duvidei, que segurou minha mão durante todo o processo e não soltou mesmo quando convocado por outra instituição. Essa pesquisa não seria o que se tornou sem sua orientação. À Livia pela coordenação e pela dedicação ao programa que eu pude acompanhar como representante docente. À Maria da Graça Rodrigues e Luís Salvador pelas contribuições durante a banca de qualificação. Essas colaboraram para que este trabalho chegasse a sua defesa, onde agradeço a Michele Rossi pela generosidade em compor a banca final.

Ao Arquivo Público Municipal de Feira de Santana que forneceu toda a base documental para a pesquisa. Aos funcionários do arquivo em sua cordialidade, onde as luvas já vinham acompanhadas de água e café, pois foram meses de muito café.

Aos colegas de mestrado, em especial Halley Lobo que se tornou uma parceira para além da academia. Aos colegas que encontrei ainda na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), mas fora do mestrado, Leandro, Vivian, Paloma e Victoria, que me mostraram que “casa” - tema dessa pesquisa - está muito além de uma construção.

E findo esse texto com os maiores agradecimentos. A minha avó que não completou o ensino fundamental e mesmo sem entender o que seria a tal carreira acadêmica, sempre falou com orgulho da neta que “já tinha feito pós-graduação e já estava no mestrado” a qualquer pessoa que a entregasse mais de quinze minutos de conversa. Agradeço a minha mãe que sempre ensinou o valor da educação, que me deu a maior herança que ela poderia, a qual, como a própria diz, “ninguém pode nos tirar”. Ela foi, e continua sendo, minha maior apoiadora, a quem devo tudo o que sou e sem a qual eu nada seria.

RESUMO

As habitações da elite brasileira das décadas de 1970 e 1980 são importantes marcos da história política, social, urbana e arquitetônica do país, contudo muitos desses exemplares vêm sendo ameaçados. Em Feira de Santana-BA a especulação imobiliária, a expansão comercial e a mudança nas dinâmicas sociais criam uma demanda por outros usos nessas regiões enquanto cresce a oferta de casarões abandonados, uma vez que se perdeu o interesse por habitar essas construções. Em face dessa ameaça, o presente estudo objetiva colaborar com a preservação da arquitetura de casas modernas em Feira de Santana-BA. Para isso, foram analisados os projetos aprovados entre os anos de 1976 e 1985 junto ao Arquivo Público Municipal e essas construções localizadas através das ferramentas de imagens satélites e passeios virtuais. Com o cruzamento desses dados foi possível identificar as transformações nas obras e na paisagem composta por estas ao longo dos anos. Compreende-se que o estudo dessas casas atravessa questões políticas, sociais e urbanísticas evidenciando o impacto das transformações dessas dinâmicas no patrimônio arquitetônico moderno. Tendo assim, um valor patrimonial que não está sendo valorizado conforme se observa a destruição injustificada das mesmas. Desse modo, a pesquisa denuncia um iminente apagamento desse conjunto e divulga dados sobre os projetos e as obras contribuindo para futuros trabalhos sobre esses patrimônios.

Palavras-chave: arquitetura moderna, preservação, patrimônio, casa, Feira de Santana.

RESUMEN

Las viviendas de la élite brasileña de las décadas de 1970 y 1980 son hitos importantes de la historia política, social, urbana y arquitectónica del país; sin embargo, muchos de estos ejemplares se encuentran amenazados. En Feira de Santana-BA, la especulación inmobiliaria, la expansión comercial y el cambio en las dinámicas sociales generan una demanda por otros usos en estas regiones, al tiempo que crece la oferta de casonas abandonadas, ya que se ha perdido el interés por habitar estas construcciones. Frente a esta amenaza, el presente estudio tiene como objetivo colaborar con la preservación de la arquitectura de las casas modernas en Feira de Santana-BA. Para ello, se analizaron los proyectos aprobados entre los años 1976 y 1985 en el Archivo Público Municipal, y estas construcciones fueron localizadas mediante herramientas de imágenes satelitales y recorridos virtuales. Con el cruce de estos datos, fue posible identificar las transformaciones en las obras y en el paisaje compuesto por ellas a lo largo de los años. Se entiende que el estudio de estas casas atraviesa cuestiones políticas, sociales y urbanísticas, evidenciando el impacto de las transformaciones de estas dinámicas en el patrimonio arquitectónico moderno. De este modo, se constata un valor patrimonial que no está siendo valorizado, como se observa en la destrucción injustificada de estas construcciones. Por lo tanto, la investigación denuncia un inminente borrado de este conjunto y divulga datos sobre los proyectos y las obras, contribuyendo a futuros trabajos sobre estos patrimonios.

Palabras clave: arquitectura moderna, preservación, patrimonio, casa, Feira de Santana.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa da Bahia, Feira de Santana em relação a Salvador.	34
Figura 2: Mapa de Feira de Santana de 1982.	36
Figura 3: Instituto de Educação Gastão Guimarães (IEGG) em 1957 e 2014.	39
Figura 4: Estádio Municipal Alberto Oliveira (Joia da Princesa) em 1966 e 2022.	40
Figura 5: Fórum Desembargador Filinto Bastos em 1967 e 2022	41
Figura 6: Ginásio Municipal Joselito Amorim em 1967 e 2022	41
Figura 7: Biblioteca próximo ao ano de inauguração, em 2011 e em 2023 (em reforma).....	42
Figura 8: Terminal próximo à inauguração, Painel de Lênio Braga e Terminal em 2022.....	43
Figura 9: Observatório Antares próximo ao ano de inauguração e em 2020.	44
Figura 10: UEFS próximo ao ano de construção e em 2023.....	45
Figura 11: Projeto de fachada do módulo do BPM e acesso ao BPM em 2022.....	45
Figura 12: Projeto do Edifício Ana Muller e estado da construção em 2022.	47
Figura 13: Projeto do Arnold Silva Plaza e estado da construção em 2022.	47
Figura 14: Projeto do Edifício Santana dos Olhos D'Água e estado da construção em 2022.....	47
Figura 15: Projeto do Edifício JALF e estado da construção em 2022.....	48
Figura 16: Projeto do Edifício Ducarmo e estado da construção em 2022.....	48
Figura 17: Mapa dos edifícios modernos em Feira de Santana.....	50
Figura 18: Mapeamento das casas pelo ano de aprovação do projeto na prefeitura.	54
Figura 19: Mapeamento das casas pelo estado de preservação.....	55
Figura 20: Mapa de localização dos estudos de caso.	59

Figura 21: Prancha de Situação da casa à rua Marechal Castelo Branco.....	64
Figura 22: Rua Juscelino Kubitschek em 2019.....	65
Figura 23: Casa à rua Marechal Castelo Branco em 2022.....	66
Figura 24: Projeto da fachada da casa à rua Marechal Castelo Branco.....	67
Figura 25: Planta da casa à rua Marechal Castelo Branco.....	68
Figura 26: Corte GH da casa à rua Marechal Castelo Branco.....	69
Figura 27: Corte AB da casa à rua Marechal Castelo Branco.....	70
Figura 28: Imagens satélites da poligonal à rua Marechal Castelo Branco em 2002 e 2022..	71
Figura 29: Casa em 2011 e estacionamento em 2022.....	72
Figura 30: Casa em 2011 e loja de móveis em 2022.....	72
Figura 31: Casas em 2011 preservadas em 2022.....	72
Figura 32: Prancha de Situação da casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo.....	73
Figura 33: Casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo em 2022.....	74
Figura 34: Projeto da fachada da casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo.....	74
Figura 35: Planta da casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo.....	75
Figura 36: Corte CD da casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo.....	77
Figura 37: Corte AB da casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo.....	78
Figura 38: Imagens satélites da poligonal a rua Milton Rodrigues de Melo em 2002 e 2022.	79
Figura 39: Prancha de situação da casa à rua Rio Amazonas.....	80
Figura 40: Casa à rua Rio Amazonas em 2022.....	81
Figura 41: Projeto da fachada da casa à rua Rio Amazonas.....	81

Figura 42: Planta da casa à rua Rio Amazonas.	82
Figura 43: Corte AB da casa à rua Rio Amazonas.....	83
Figura 44: Corte CD da casa à rua Rio Amazonas.....	84
Figura 45: Imagens de satélite da poligonal à rua Rio Amazonas em 2002 e 2022.....	84
Figura 46: Prancha de situação da casa à rua Marechal Candido Rondon.....	86
Figura 47: Casa à rua Marechal Candido Rondon em 2011.....	87
Figura 48: Projeto da fachada da casa à rua Marechal Candido Rondon.....	87
Figura 49: Projeto da fachada para a rua Riolândia.	87
Figura 50: Planta do pavimento térreo da casa à rua Marechal Candido Rondon.	89
Figura 51: Planta do pavimento superior da casa à rua Marechal Candido Rondon.....	90
Figura 52: Corte AB da casa à rua Marechal Candido Rondon.	91
Figura 53: Cortes CD e EF da casa à rua Marechal Candido Rondon.	91
Figura 54: Imagens de satélite da poligonal à rua Marechal Candido Rondon em 2002 e 2022.	92
Figura 55: Casa à rua Marechal Candido Rondon em 2022.....	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPM – Batalhão da Polícia Militar

CAU – Conselho de Arquitetura e Urbanismo

DOCOMOMO – Documentação e Conservação de Edifícios, Sítios e Bairros do Movimento Moderno

FAUFBA – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LOUOS – Lei de Ordenamento do Uso e Ocupação do Solo

PDDU – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano

PDLI – Plano de Desenvolvimento Local Integrado

PPGDCI – Programa de Pós-graduação em Desenho Cultura e Interatividade

SICG – Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão

SIPAC – Sistema de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

UFBA – Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

Introdução	12
1 Preservação e arquitetura moderna	18
1.1 Alguns conflitos, contradições e preconceitos.....	19
1.2 Arquivo, desenho e inventário	26
2 Feira de Santana e a arquitetura moderna.....	32
2.1 Contexto urbano feirense	34
2.2 Arquitetura e preservação de edifícios modernos em Feira de Santana	38
3 As casas modernas em Feira de Santana	52
3.1 As casas e suas transformações no território	53
3.2 Estudos de caso	59
<u>3.3.1 Casa à rua Marechal Castelo Branco.....</u>	<u>64</u>
<u>3.3.2 Casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo.....</u>	<u>73</u>
<u>3.3.3 Casa à rua Rio Amazonas.....</u>	<u>80</u>
<u>3.3.4 Casa à Rua Marechal Candido Rondon.....</u>	<u>86</u>
Considerações finais	94
REFERÊNCIAS	98

APÊNDICE I - Fichamento das casas

Introdução

No final do século 19 a zona urbana de Feira de Santana-BA se desenhava a partir de uma coexistência entre usos residenciais, comerciais e de serviços. Contudo, o arquiteto e urbanista Juraci Dórea (2018, p. 95) indica que “com o crescimento do comércio e a expansão da cidade em direção ao nascente [...] o feirense passou a edificar suas residências nas áreas novas, onde os terrenos eram mais amplos e baratos, e abandonou o sítio original da cidade, que, progressivamente, foi ocupado pelo comércio”. O que pode ser visto atualmente é o contínuo deslocamento dos domicílios para a periferia a leste da cidade. De modo que o espaço onde anteriormente se instalou uma área predominantemente residencial, vem sendo tomada pelo constante crescimento do centro comercial.

Na segunda metade do século 20 a burguesia feirense era uma nova classe em ascensão que financiou a construção de muitas casas com uma arquitetura que estava “de acordo com as expectativas de um grupo social ansioso por expressar em suas moradias o que os diferenciava dos outros grupos” (Vidal, 2008, p. 163). Tendo, então, essas construções o valor de produto cultural de uma sociedade que imprimiu em sua arquitetura gestos que demarcavam as necessidades daquele setor e, assim, contribuiu para a construção da memória visual coletiva.

A arquitetura residencial¹ não é comumente alvo de preservação se comparada a obras públicas e institucionais. Contudo, “pode-se conhecer a história da civilização tanto pela análise de suas batalhas como pela observação de seus hábitos privados” (Zabalbeascoa, 2013, p. 13). Em confirmação, Anatxu Zabalbeascoa narra em sua obra uma história antropológica e social através da análise dos espaços residenciais. Nela, ao ponto que se descobre a história dos cômodos, também se conhece mais sobre determinada população e seus costumes. Outra obra que relaciona intrinsecamente a história da casa e seus cômodos à história da sociedade é a obra “500 anos da casa no Brasil” de Francisco Veríssimo e William Bittar (1999). Logo, não só prédios públicos e grandes templos carregam a história de uma civilização, mas esta pode da mesma forma ser examinada através de seus ambientes domiciliares.

¹ Os termos ou expressões arquitetura doméstica, arquitetura residencial, habitação, casa, moradia, são utilizados como sinônimos neste texto para evitar excessivas repetições. Contudo, entende-se como objeto da pesquisa um padrão de casa que se afasta e muito das habitações de interesse social ou de moradias populares, alvos de outros estudos.

As habitações construídas pela elite no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980 refletem a história política do país, os padrões de construção destinados a essa classe social, a migração para novas zonas urbanas impulsionada pelo surgimento de condomínios fechados, o abandono de áreas centrais e os impactos da especulação imobiliária. Essas edificações representam parte significativa da constituição da arquitetura brasileira, da evolução das cidades e do modo de habitar no Brasil, além de narrar a história privada de seus moradores e as dinâmicas de classe e gênero estabelecidas no ambiente residencial. É fundamental reconhecer essas construções como parte do legado arquitetônico do processo de modernização de uma cidade. Elas compõem não apenas a paisagem construída, mas também um capítulo relevante da história da habitação no Brasil, enfrentando desafios internos, externos, históricos e contemporâneos para garantir sua preservação para as futuras gerações.

No entanto, esses exemplares vêm sendo ameaçados pela já comentada expansão da zona comercial da cidade. Tal processo gerou um aumento no potencial construtivo dos terrenos, que passaram a valer mais que as casas em si. Acarretando, assim, na demolição de algumas construções e na descaracterização de outras pela valorização comercial de sua localização². De forma que mais uma vez, como ocorreu no século passado, “a preocupação com a preservação da memória cedeu lugar à especulação e ao ganho fácil” (Dórea, 2018, p. 95).

Considerando a iminente extinção desse patrimônio, o trabalho pretende abordar as múltiplas relações entre o desenho, a arquitetura moderna e questões da preservação. Primeiro, ao expor o desenho que é materializado nessas construções e que expressou os traços de uma determinada população e marcou o visual urbano de uma época. Depois, ao tratar como fonte privilegiada para preservação do construído o patrimônio arquivístico formado pelos projetos originais dessas residências. Outro tratamento teve o desenho, que não é objeto de investigação teórico-conceitual, mas tomado como objeto direto de investigação, seja por meio dos desenhos técnicos analisados, seja por meio da materialidade que esses desenhos ganham no espaço construído. São tratamentos distintos, mas não uma hierarquização de temas, e demonstram a relevância do desenho no processo.

² No sentido atribuído por Flavio Villaça: a localização não é o local, referência geográfica, mas insere-se numa dinâmica social e de infraestrutura. Cf. VILLAÇA, F. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, Lincoln Institute, 2001.

Os temas e questões concernentes à arquitetura moderna e à preservação organizam a dissertação, bem como dirigiram as pesquisas bibliográficas. Algumas obras que tratam dos exemplares da arquitetura moderna no Brasil e na Bahia frequentemente marginalizam ou mesmo ignoram as cidades interioranas do estado. Exemplo recente é o texto de Ceila Cardoso (2023)³ no livro *Documentos da arquitetura moderna no Brasil*, organizado por Alcília Afonso e que parte da documentação como base para o trabalho de preservação cultural: traz cinco exemplares da arquitetura moderna na Bahia, todos na capital Salvador. Já a obra de Nivaldo Andrade⁴, *O lugar da Bahia na história da arquitetura moderna brasileira*, fala justamente de como a arquitetura na Bahia, nesse recorte, foi silenciada. Esse livro integra a coleção “arquitetura moderna na Bahia”, mas mapeia obras apenas dentro da capital. E como Nivaldo traz em seu texto “a versão hegemônica da história da arquitetura moderna brasileira não nos satisfaz [...] é preciso que nós assumamos a tarefa de levantar e selecionar dados e informações e construamos a nossa trama narrativa, que contraporemos àquela existente” (Andrade, 2019, p. 41), uma vez sobre o Nordeste, outra sobre a Bahia, e agora, sobre Feira de Santana.

Diante desse cenário (de destruição material de nosso patrimônio e de sua pouca visibilidade dentro do panorama científico), a pesquisa pretende colaborar com a preservação da arquitetura de casas modernas em Feira de Santana-BA, quando ainda possível e, em outros casos, colaborar para uma revisão historiográfica da produção arquitetônica (que raramente considera esse tipo de construção ou exemplares no interior dos estados), considerando o estado desse conjunto produzido entre os anos 1976 e 1985 na cidade (recorte temporal que será justificado a seguir). Para isso, deve-se compreender as dificuldades e possibilidades para a preservação de produções modernas no Brasil; entender o contexto do surgimento e apagamento da produção moderna em Feira de Santana e reconhecer a relação anterior e atual dessas construções com as transformações no seu entorno (questões que estruturam os capítulos da dissertação, como veremos adiante). Dentro de um conjunto inicialmente amplo de temas e objetos, vale comentar os primeiros procedimentos da pesquisa, os recortes propostos e a escolha dos objetos, pois o estudo das fontes bibliográficas foi motivado não apenas por

³ Cf.: CARDOSO, Ceila. Bahia. In: MELO, Alcília; PEREIRA, Ivanilson (org.). *Documentos da arquitetura moderna no Brasil*. São Paulo: DOCOMOMO Brasil, 2023, p. 243-257.

⁴ Cf.: ANDRADE, Nivaldo. *O lugar da Bahia na história da arquitetura moderna brasileira*. Salvador: EDUFBA, 2019.

questões teóricas, mas pela pesquisa de fontes primárias – a arquitetura construída e os seus desenhos.

A pesquisa se concentrou nos documentos de projetos encontrados no arquivo público municipal que passaram por aprovação entre os anos de 1976 e 1985. Nesse primeiro momento já houve uma pré-seleção dos projetos relevantes para a pesquisa sendo fotografados aqueles que atendiam ao propósito da pesquisa: tipologia residencial unifamiliar, excluindo os especificados como padrão popular e os que foram realizados por profissionais sem formação em arquitetura.

Após a etapa de recolhimento do material em campo foi realizada uma busca por essas construções através de recursos como imagens satélites e passeios virtuais. A partir disso, elaborou-se uma ficha para cada casa, com informações básicas e uma foto do projeto da fachada, uma imagem da casa em 2011 e outra em 2022. Esses anos foram escolhidos para uma padronização dos dados, sendo esses os anos de registro mais antigo e mais recente disponível para todas as obras. Essas fichas⁵ serviram para a elaboração de mapas e análises sistemáticas sobre o estado de preservação dessas construções.

Com o objetivo de compreender as principais características arquitetônicas das casas modernas em Feira de Santana e assim selecionar os estudos de caso foi realizada uma segunda filtragem descartando casas com endereço não localizado ou com projetos incompletos. Com isso foi elaborado um quadro⁶ para cada casa dessa nova seleção sistematizando os pontos a serem observados em cada projeto, facilitando a visualização e análise de um panorama geral dessas construções.

Com base na análise desses quadros foi possível estabelecer parâmetros para a seleção dos estudos de caso: a representação dos arquitetos mais presentes no período, a linguagem compositiva dessas construções e a integridade formal entre o projeto e o estado atual das construções. Os objetos foram alvo de uma avaliação detalhada sobre sua arquitetura, preservação e relação com as transformações do seu entorno.

⁵ Material disponível no apêndice I.

⁶ Material também disponível no apêndice I junto a uma descrição sobre a heterogeneidade da arquitetura das casas modernas em Feira de Santana. Inicialmente essa etapa foi sistematizada em quadros, separados das primeiras fichas. Contudo em razão de uma melhor leitura desses dados, esses foram unidos em um único apêndice.

Os objetivos e procedimentos da pesquisa orientaram a organização estrutural dessa dissertação em três capítulos, descritos na sequência.

O primeiro capítulo pretende introduzir o tema da preservação da arquitetura moderna no Brasil, evidenciando pontos de maior interesse desse processo. Esse estudo se realiza a partir de uma pesquisa bibliográfica, promovendo um diálogo entre diferentes autores para analisar questões relacionadas à preservação e interpretá-las no âmbito da arquitetura moderna e do contexto de Feira de Santana. As fontes para o desenvolvimento desse capítulo foram obras de Yves Bruand, Silvio Oksman, Beatriz Kühl, Ulpiano Menezes, Carlos Lemos, Elizabeth de Castro e Maria da Graça dos Santos, Benjamim Saviane, Flávia Nascimento, Juraci Dórea e Alcília Melo. Ao fim do capítulo, pretende-se compreender as dificuldades e possibilidades para a preservação de produções modernas no Brasil e em Feira de Santana. Também nesse capítulo, é exposto o trabalho realizado junto ao arquivo de projetos, realçando a relevância que esses documentos – desenhos – possuem para a preservação da arquitetura em si e que deveriam também ser objeto de preservação. Deve-se frisar que a preservação não é tema central da dissertação – e por isso fala-se em introdução ou aproximação –, mas aquilo que a motivou, e por isso aparece logo no título: compreender ou defender o reconhecimento da produção moderna em Feira de Santana é passo fundamental para sua preservação.

O segundo capítulo contextualiza em que momento político, social e econômico do município essa tipologia surgiu, e quais foram os principais arquitetos, trazendo as primeiras construções com as características modernas em solo feirense, passando pela caracterização de algumas fases desse movimento em Feira de Santana. Esse capítulo é resultado de variadas fontes como as bibliográficas de Livia Azevedo, Juraci Dórea, Nivaldo Andrade, Carolina Bierrenbach, Mariana Andrade e Lysie Reis; dados documentais encontrados na biblioteca virtual do IBGE e no site oficial da prefeitura; bem como os dados recolhidos presencialmente no arquivo público municipal. Além de contextualizar o surgimento da arquitetura moderna na cidade, esse capítulo pretende problematizar o empenho para com a preservação dessas construções por parte do poder público e do privado.

O terceiro capítulo examina o destino das casas modernas em Feira de Santana após a virada para o século 21. A partir das fichas confeccionadas para cada casa da primeira seleção, investiga quais ainda existem, como foram preservadas, quais foram demolidas e os fatores que influenciaram esses desfechos. Assim, ao abordar o estado atual dessas construções, o capítulo oferece um panorama geral que evidencia a urgência em preservar esse patrimônio que, em

outros momentos, pode ser fonte para a compreensão das mudanças nas necessidades ao longo do tempo. A última parte do capítulo apresenta um material documental composto por imagens, desenhos e descrições analíticas de quatro exemplares de casas modernas em Feira de Santana, selecionadas no último procedimento metodológico. A partir da compreensão de seus aspectos compositivos e formais, abrange desde a organização espacial e a distribuição dos ambientes – que refletem algumas das intenções dos arquitetos e de seus contratantes – até as alterações e transformações sofridas ao longo do tempo. Essa exposição aprofunda interpretações e ilustra as análises do capítulo anterior, destacando soluções projetuais e intervenções posteriores específicas a essas obras e ao seu entorno. Além de seu valor documental para preservação, as informações reunidas servem como base para outros estudos e intervenções nessas edificações, evidenciam a possibilidade de preservação ainda que com alterações na função atendendo às demandas contemporâneas.

As considerações finais trazem uma síntese dos principais resultados, as contribuições e limitações da pesquisa e possíveis desdobramentos e lacunas que podem ser exploradas em futuras pesquisas.

1 Preservação e arquitetura moderna

A estreita e conflituosa relação entre preservação e modernidade se dá desde a sua origem no Brasil, uma vez que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi criado em 1937 tendo Lucio Costa como consultor técnico. A criação do SPHAN, atual IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), refletia a necessidade de preservar o patrimônio histórico e artístico do país em um momento de afirmação da identidade nacional durante o governo de Getúlio Vargas. A atuação de Lúcio Costa contribuiu com a preservação de muitos patrimônios arquitetônicos do período colonial, contudo, os exemplares da arquitetura eclética não foram considerados passíveis de salvaguarda, devido a um julgamento enviesado pelos padrões modernos de uma boa arquitetura (Bruand, 1997). Já uma pequena amostra da arquitetura moderna, aquela consagrada ainda em seu momento de surgimento, entrou na visada do IPHAN – basta lembrarmos o tombamento da capela de São Francisco de Assis, na Pampulha, em Belo Horizonte, antes mesmo de seu término e consagração –, mas não garantiu a salvaguarda dessa produção de forma ampla ou consolidada.

Ainda que preservação não seja tema central da dissertação – e por isso fala-se em introdução ou aproximação –, mas aquilo que a motivou, é necessário fazermos uma aproximação a essa relação, que continua estreita e conflituosa nos dias de hoje. Bastante breve, o capítulo começa por apresentar tais questões, sem pretensão de esgotar o assunto, mas valendo-se de estudos já consolidados para, na sequência, chamar atenção para a relevância que o desenho possui nesse processo de preservação.

1.1 Alguns conflitos, contradições e preconceitos

Segundo Silvio Oksman (2017), duas questões principais se colocam no cuidado sobre o restauro dessa arquitetura e na preservação de seus exemplares. Primeiro, trata da elaboração de novos padrões para restaurá-la uma vez que “as marcas do tempo dão uma aparência de envelhecimento e de má conservação que não condizem com o ideal moderno de atemporalidade, de não envelhecimento” (Oksman, 2017, p. 48). E também chama atenção para a necessidade de se compreender os entraves e consequências para uma arquitetura que tem um curto espaço de tempo entre sua produção e o seu reconhecimento como patrimônio cultural.

Sobre isso, ao discorrer sobre a relação entre patrimônio e valor econômico, o ônus e o bônus do tombamento, Oksman aponta que “as políticas públicas e o mercado imobiliário tendem a considerar a preservação como grande entrave para seus novos projetos” (Oksman, 2017, p. 70). O autor complementa que é perceptível com base em casos recentes os obstáculos para a conservação e o aproveitamento, inserindo-as no planejamento e em projetos urbanos. Contudo, aos entraves apontados por Oksman é possível trazer o olhar de Beatriz Kühl (2016) sobre a preservação e sua grande função no tema de sustentabilidade, uma vez que os gastos de recurso e mão de obra para restaurar e conservar mantendo o existente é muito menor que o de demolir e reconstruir parcial ou totalmente qualquer edifício.

Embora alguns arquitetos vejam os parâmetros do restauro como um obstáculo, essas limitações podem, na verdade, servir como estímulo para soluções inovadoras. Uma restauração criteriosa não implica, necessariamente, custos mais elevados em comparação a intervenções invasivas. Pelo contrário, projetos de restauro bem planejados costumam ser mais econômicos do que “renovações” radicais, além de possibilitar o reaproveitamento do edifício para novos usos, preservando sua integridade histórica. Ademais, o restauro não demanda mais tempo do que outras formas de intervenção. Apesar de requerer uma fase inicial mais detalhada de estudos e planejamento, essa preparação resulta em maior eficiência durante a execução da obra. Em contraste, projetos baseados em análises insuficientes frequentemente levam a atrasos e custos adicionais durante a execução.

Contudo, Kühl (2016) destaca outro preconceito em relação à preservação: a crença de que, para ser preservada, uma obra ou monumento deve permanecer intocado e imaculado, considerando essa ideia como um dos muitos problemas que permeiam essa temática. Essa visão é corroborada por Ulpiano Menezes (2012), que argumenta que o uso contínuo desses

espaços, em vez de contribuir para sua deterioração, é justamente o que possibilita sua permanência e dá sentido à sua preservação. Ele ressalta que um objeto sem função não tem razão de existir e que, enquanto a ação das intempéries naturais degrada qualquer obra humana, o uso constante exige dos usuários uma manutenção frequente de sua estrutura.

Essa ideia é ainda corroborada por Carlos Lemos (2017, p. 46) quando afirma que “o edifício será conservado enquanto o programa estiver sendo satisfeito”. O autor justifica sua afirmação ao exemplificar a igreja central das cidades como edificação que se mantém íntegra em grande maioria, motivada pela manutenção de seu programa mesmo com as mudanças sociais experienciadas por essas cidades. Mas é possível aqui reinterpretar essa afirmação observando exemplos como o de basílicas que sobreviveram à passagem do tempo adaptando sua função de igreja para mesquita, para museu e para mesquita novamente, ou templos pagãos que se tornaram igrejas, local de sepultamento e por fim monumento turístico. Desse modo compreende-se que o edifício deve ter algum uso, mesmo que distinto do original.

Outro preconceito sobre o restauro trazido por Kühl (2016) inclui a ideia de que o restauro consiste em retornar a obra ao seu estado original. No entanto, o restauro não deve ser entendido como um processo de congelamento ou de simples retorno ao passado, pois voltar ao estado original pode significar ignorar ou negar os eventos que levaram a obra à sua condição atual. Portanto, o objetivo do restauro é transformar o bem cultural de modo que ele atenda às necessidades do presente e possa ser transmitido às gerações futuras (Kühl, 2016).

Contudo, é fundamental considerar as questões materiais, formais e documentais que asseguram o respeito aos aspectos memoriais e simbólicos de uma obra. Para lidar com o legado de outras gerações, Kühl (2016) afirma que “antes de se tornar uma ação, o restauro é um ato crítico”. Assim, a autora destaca a importância de analisar a obra em sua evolução ao longo do tempo e em seu contexto contemporâneo, como um guia para as decisões de preservação. O restauro, portanto, não deve ser visto como uma simples operação técnica ou um problema prático a ser resolvido. Pelo contrário, as formulações teóricas oferecem a base necessária para orientar as escolhas. Nesse sentido, compreender o histórico e o contexto da obra é uma etapa indispensável do processo de restauro.

Elizabeth de Castro e Maria da Graça dos Santos (2023, p.12) afirmam que “os registros de bens de valor histórico e cultural devem ser precedidos de um inventário criterioso, que inclua, além de dados históricos e de autoria, informações sobre técnicas construtivas e estado

de conservação dos bens”. As autoras citam a lei municipal de Curitiba de 2016, que estabelece o inventário como um instrumento fundamental para a proteção do patrimônio cultural da cidade. Elas concluem que “de nada adiantam as leis que determinam a proteção sem que seja garantido como se dará tal proteção. No final, o inventário é um registro que permanece, quando não há mais o bem” (Castro; Santos, 2023, p. 12).

Já Benjamim Saviane (2023, p. 14) ressalta que “somente o próprio objeto é o ‘documento de si mesmo’”, destacando que a documentação, embora essencial, não substitui o objeto, mas compila informações sobre ele, tendo, assim, caráter sintético. Saviane complementa que “o estudo direto do objeto, que é realizado com o levantamento, é complementado pelo estudo a partir de fontes indiretas a seu respeito” (p. 18), apontando que a pesquisa bibliográfica, especialmente sobre arquitetura moderna, é crucial para interpretar os dados coletados durante a etapa documental. Dessa forma, Saviane apresenta o inventário como uma interface entre o tangível e o intangível, enfatizando a necessidade de articulação entre a materialidade do objeto e as informações históricas que o complementam.

Além de abordar o documento como representação do objeto ou o objeto como documento de si, Kühn (2016, p. 3) amplia o entendimento ao tratar o objeto como documento de seu contexto. A autora enfatiza a importância de ter “respeito pelos aspectos documentais da obra”, reforçando que a restauração não deve buscar um retorno ao estado original, mas decifrar as transformações ao longo do tempo. Essas modificações integram a história da obra, refletindo a passagem do tempo, mudanças de função e novas necessidades. Assim, aqueles que veem o restauro como um ato cultural reconhecem o valor documental da obra, distinguindo passado e presente por meio da materialidade e das transformações acumuladas ao longo do tempo. Essa abordagem, segundo Kühn (2016), promove uma consciência histórica que valoriza a trajetória e o significado cultural do patrimônio.

O valor atribuído a um bem cultural é sempre uma construção subjetiva, variando conforme os agentes envolvidos em sua atribuição. Meneses (2012) aponta que, até a Constituição de 1988, o poder público desempenhava um papel instituinte no reconhecimento do patrimônio cultural, sendo o tombamento o principal instrumento para conferir valor cultural. Naquele contexto, bens não tombados não possuíam reconhecimento como

patrimônio. Essa relação foi ressignificada com o texto constitucional em vigor⁷, e o poder público assumiu um papel declaratório, enquanto o valor passou a ser produzido pela comunidade. A partir disso, Meneses também aponta que a resistência ao reconhecimento de determinados bens vai além dos interesses econômicos, como a especulação imobiliária. Ela reflete, igualmente, um desconhecimento das dinâmicas sociais que conferem significado e valor a esses bens.

Castro e Santos (2023, p.12) reforçam essa perspectiva ao destacarem que “não se pode despejar sobre técnicos do patrimônio e normativas internas de órgãos públicos o fardo da preservação”. Essa consideração sublinha a importância do reconhecimento coletivo na preservação do patrimônio cultural. Quando o valor de determinados bens não é amplamente reconhecido pela sociedade, a preservação torna-se ainda mais suscetível às pressões econômicas e às transformações urbanas. Assim, evidencia-se a necessidade de sensibilizar a sociedade sobre os mecanismos e processos que fundamentam o reconhecimento e a preservação do patrimônio cultural, promovendo uma valorização que vá além do mero cumprimento de normativas.

A proteção do patrimônio cultural muitas vezes reflete o equilíbrio entre as iniciativas populares e institucionais. Flávia Nascimento (2016) exemplifica essa relação através de alguns casos como o de Petrópolis, onde a preservação de bens resultou de movimentos externos ao Iphan, demonstrando que a representatividade e a memória coletiva auxiliam na preservação do bem, sendo ele tombado ou não. Na avenida Modelo daquela cidade, o processo teve origem dentro do grupo Vilas e Congêneres na Divisão de Tombamento e Conservação. Nesse caso, foi a partir do entendimento do “seu lugar na história da arquitetura brasileira e das transformações urbanas da virada do século XIX para o XX” (Nascimento, 2016, p. 246) que então os moradores reconheceram sua importância. De modo que o status de patrimônio nacional gerou nestes uma articulação de zelo para com o local, demonstrando que o reconhecimento institucional pode, por sua vez, estimular o cuidado e a valorização por parte da população. Já no processo da Vila Operária da Cascatinha “percebeu-se que sem a colaboração estreita dos moradores não seria possível o trabalho de preservação” (Nascimento, 2016, p. 254). Nessa intenção, o Iphan publicou uma carta aos moradores justificando o

⁷ Cf.: BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: [s.n.], 1988. Deve-se também reconhecer a relevância que órgãos municipais e estaduais de preservação tiveram na mudança dessas dinâmicas.

tombamento pelo viés histórico e legal, apontando os obstáculos econômicos e os efeitos do tombamento. Sendo, então, uma chamada para a discussão com as oito associações organizadas para pôr em diálogo o que pretendiam para o futuro do conjunto. Assim, compreende-se que a identificação, o sentido de pertencimento e a preocupação popular com o bem é tão importante para a preservação que, quando não existe, esse deve ser de algum modo criado. Logo, da mesma forma que o movimento popular pode contribuir para a proteção das casas, o órgão público pode não somente proteger, como também colaborar para a construção coletiva do reconhecimento, gerando na população o desejo pela conservação do bem.

Nesses casos a importância dos espaços urbanos e suas ambiências, juntamente com a ampliação da compreensão do que constitui o entorno dos bens tombados, possibilitou a inclusão de arquiteturas não monumentais na lista de bens tombados pelo Iphan de modo que os centros urbanos foram selecionados “não apenas por serem monumentos artísticos, mas como documentos dos processos históricos, econômicos e sociais de produção urbana” (Nascimento, 2016, p. 234). Sendo assim, em conformidade com Köhl (2016), faz-se necessário rever a postura diante do valor e da avaliação do valor, sem excluir a perspectiva do especialista, mas privilegiando a do usuário.

Essa atribuição de valor pode ser aplicada a Feira de Santana, uma cidade que apresenta antecedentes no que tange a desvalorização de seu patrimônio e a ausência de políticas públicas conservacionistas. Permitindo, assim, ao livre comércio ceifar a história presente em seus prédios em prol da lucratividade. Como aponta Dórea (2018, p. 93):

A ausência de uma política de preservação patrimonial e a valorização do solo urbano contribuíram para o desaparecimento de expressivos exemplares da arquitetura eclética em Feira de Santana. Acrescente-se a isso o pragmatismo de um grande número de empresários e comerciantes sem compromissos afetivos com a cidade e em busca de novos espaços para seus negócios. Resultado: do desenho eclético que caracterizava a paisagem urbana feirense, na primeira metade do século XX, quase nada restou.

É perceptível que com o passar dos anos vem ocorrendo o mesmo processo com os exemplares da arquitetura moderna em Feira de Santana. Contudo, por se tratar de uma arquitetura recente, o que implica em tantas questões aqui tratadas, seus exemplares vêm sendo demolidos antes mesmo de serem reconhecidos como obras importantes.

Há outro ponto que colabora para o apagamento dessas casas, segundo Alcília Melo (2022, p. 498),

As instituições brasileiras de preservação são lentas, os processos de proteção levam anos sendo analisados pelos poucos técnicos existentes nos órgãos, enquanto a especulação imobiliária é rápida e eficiente, articulada com os empresários da construção civil e políticos, e que, portanto, não está preocupada em preservar esta arquitetura moderna, que ocupava grandes lotes, para usos residenciais e que, na contemporaneidade, são ideais para implantação de novos projetos, destruindo por isso, grande parte do acervo moderno.

Contudo, pode-se compreender o estudo do objeto como o primeiro passo para o reconhecimento patrimonial. Na obra de Nascimento (2016, p. 260) são listados e muitas vezes citados os inúmeros trabalhos acadêmicos que colaboraram com a discussão sobre as construções estudadas e ressalta como “no início dos anos 1980, os profusos estudos acadêmicos sobre habitação social e história do operariado ajudaram a justificar algumas das políticas de patrimônio cultural”. Com isso observa-se como o número de trabalhos acadêmicos sobre o habitar proletário influenciou nos processos de patrimonialização, numa intenção de historicizar a arquitetura. Através de um processo que busca tanto a compreensão quanto a divulgação de sua relevância dando visibilidade e trazendo à luz a discussão sobre a preservação da arquitetura de habitação moderna, sendo ela proletária ou burguesa.

Deve-se também reconhecer a relevância que órgãos municipais e estaduais de preservação tiveram na mudança dessas dinâmicas. A Bahia foi pioneira, criando sua Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural (FPACBa) em 1968, e que, em 1980, é convertida em Instituto do Patrimônio Cultural da Bahia. É válido ainda mencionar o exaustivo trabalho de inventário realizado desde os anos 1970, com a publicação dos cadernos do IPAC (Inventário de Proteção do Acervo Cultural), então sob coordenação de Paulo Ormindó de Azevedo. O último volume, finalizado em 2002, é voltado à região Pastoral, e contempla Feira de Santana – mas nenhum exemplar da arquitetura moderna⁸.

⁸ Em Feira de Santana são apresentados 29 imóveis. A maior parte dos imóveis é de arquitetura eclética, do final do século 19; alguns exemplares de arquitetura vernacular, além de algumas construções rurais e de características coloniais. Cf.: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC). Monumentos da região pastoral. Vol. 8. In: *Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia*. Salvador: Ipac, 2002.

É preciso entender essas construções como herança arquitetônica do processo de modernização de uma cidade do interior baiano. Elas são além de parte da paisagem construída da cidade, página importante da história da habitação no Brasil, e tais construções se colocam na perspectiva das tensões internas, externas, históricas e atuais para sua perpetuação às gerações futuras.

1.2 Arquivo, desenho e inventário

A primeira etapa da pesquisa de campo foi realizada dentro do arquivo público municipal de Feira de Santana, órgão que se responsabiliza pelo registro e salvaguarda dos documentos produzidos e recebidos pelos demais órgãos municipais. O acervo de projetos arquitetônicos disponível para consulta nesse arquivo compreende as cópias dos desenhos que passaram por aprovação na prefeitura entre os anos de 1916 a 2002. Esses documentos estão armazenados em caixas, separados e organizados pelo ano em que foram entregues à prefeitura para aprovação e posteriormente enviados ao arquivo público.

Nesse ponto, já se tinha em mente algumas das construções cujos projetos se desejava encontrar. Pois apesar da pesquisa dentro do arquivo público ter sido a primeira etapa da pesquisa de campo, o processo de estudo dos objetos se iniciou antes mesmo do processo seletivo para o mestrado. Esse processo se confunde com a motivação para a pesquisa, quando se observa no cotidiano das ruas a destruição de símbolos arquitetônicos que compõem a paisagem de Feira de Santana. Essas casas apresentam uma volumetria única proporcionada por grandes empenas de concreto que extrapolam a funcionalidade e incorporam um caráter escultural, com jardins que integram o objeto construído emoldurando esse elemento trazendo uma transição entre o espaço público e privado.

Contudo, não se tinha claro o ano de construção dessas casas. Assim, como ponto de partida para a pesquisa documental, foi considerado o período de manifestação dessa tipologia arquitetônica em diferentes contextos⁹ a partir dos dados extraídos da pesquisa bibliográfica. Junto a isso foi considerado o período de declínio de manifestações arquitetônicas anteriores, como o ecletismo, em Feira de Santana (Dórea, 2018), bem como o cenário político e econômico industrial feirense que colaborou para a consolidação dessa tipologia (Azevedo,

⁹ Como exemplo de pesquisa que parte de um recorte também longe dos grandes centros (ou dos mais recorrentes no sudeste e nordeste), vale conferir: ALBERTON, Josicler Orbem. *Influência modernista na arquitetura residencial de Florianópolis*. 2006. 102f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006; ARAÚJO, Ricardo Ferreira de. *Arquitetura residencial em João Pessoa-PB: a experiência moderna nos anos 1970*. 2010. 301 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010; SANQUETTA, Felipe Taroh Inoue. *A casa do arquiteto em Curitiba: Estudo de caso de três residências 1964-1981*. 2022. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. VIDAL, Celma Chaves Pont. *Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960*. *Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo* (Online), n. 8, p. 145-163, 01, julho, 2008.

2015). Desse modo, a pesquisa junto ao arquivo público municipal se iniciou com as caixas de projetos aprovados no ano de 1980, sendo então analisadas em ordem cronológica decrescente até o ano de 1976 quando se percebeu que as manifestações já estavam muito diferentes daquelas que se pretendia analisar. Foi nesse momento que a pesquisa se voltou à década de 1980 analisando em ordem crescente as caixas de 1981 a 1985.

Existe no arquivo um catálogo do acervo de projetos aprovados entre o ano de 1916 a 1960¹⁰. Contudo, como o período de estudo da presente pesquisa estava fora desse registro foi exigido um trabalho manual de exploração, abertura e folheio de cada projeto em todas as caixas dos anos investigados. Por fim, no processo de pesquisa foi analisada uma década de projetos que compreendem um universo de 88 caixas cada uma contendo cerca de 50 projetos de variadas tipologias (indústria, comércio, residência, serviço). Demandando assim, uma inspeção em cerca de 440 projetos – cada projeto contendo de 3 a 5 folhas na média – e análise de inúmeras pranchas de desenho a fim de selecionar os exemplares que serviriam ao estudo da arquitetura das casas modernas em Feira de Santana.

Aqui se faz necessário destacar a urgência na sistematização dos arquivos facilitando futuras pesquisas e as consequências da ausência de uma catalogação. Durante a busca alguns dos arquivos se encontraram incompletos, com folhas ausentes, sendo possível que alguns projetos tenham se perdido por completo, sem deixar vestígios de sua existência ou mesmo de seu desaparecimento. Além disso, a busca manual por diferentes pesquisadores entre esses arquivos também pode danificar os desenhos que estão impressos em folhas de cerca de 50 anos que deveriam exigir maior zelo em seu manuseio. A salvaguarda desses documentos como patrimônio vem sendo discutida com maior atenção nos últimos anos levando à luz a incapacidade do poder público em protegê-los e entendendo que esses documentos podem fornecer respostas para perguntas ainda não elaboradas (Lira et al., 2021). Esses arquivos são fundamentais para o processo de muitas pesquisas como a de Aline Luther (2012, p. 25) que enfatiza que “o inventário é parte fundamental do processo de preservação, sendo o momento inicial do reconhecimento dos exemplares merecedores de proteção”, bem como foi utilizado

¹⁰ Esse catálogo é produto de um Trabalho de Conclusão de Curso, cf.: OLIVEIRA, Wilyana Brito. *Catálogo da série de plantas e projetos (1916-1960) do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2018.

neste estudo.

Para uma primeira filtragem e seleção das casas foram utilizados como critérios de inclusão a tipologia residencial e unifamiliar. Além disso, foram adotados alguns critérios de exclusão, sendo descartados projetos de cunho popular ou realizados por profissionais sem formação em arquitetura, bem como projetos incompletos cujos desenhos necessários à análise estivessem ausentes. A partir desses critérios e com base numa pré-avaliação dos desenhos das fachadas, plantas e cortes, foram selecionados os projetos que pudessem colaborar para a construção de uma ideia de moderno em Feira de Santana (que, veremos, não é uniforme). Apesar da pesquisa ter revelado outras características específicas, foram observados para a primeira filtragem projetos que apresentassem algumas características modernas: concreto aparente, elementos em balanço e uso da vegetação como elemento construído. Essa primeira triagem resultou no registro de 64 projetos que tiveram fotografadas as pranchas de desenhos e ofícios de solicitação da aprovação disponíveis.

Após essa etapa de recolhimento do material em campo, foi realizado um fichamento que fornece uma visão preliminar através da relação de informações básicas dos exemplares até aqui selecionados. Tem-se então desde dados para identificação do projeto, como o nome do proprietário, do arquiteto e a data de aprovação, até as áreas construída, ocupada e do terreno, que ajudam a identificar o porte da construção. As fichas apresentadas em apêndice seguem a ordem do ano de aprovação.

Outro dado cadastrado nessas fichas se refere à localização da construção (e nas fichas fez-se necessário apresentar dois endereços: aquele que consta no projeto e o denominado endereço atual). Visto que, no período em que as casas foram projetadas, muitos dos terrenos integravam a parcela de um loteamento, no carimbo das pranchas a localização é identificada nesses casos pelas quadras e numeração dos lotes, por vezes contando com o nome de ruas adjacentes. Além disso, algumas ruas sofreram alteração na nomenclatura, e alguns bairros mudaram seus limites geográficos, além de que em pouquíssimos casos o projeto identifica a numeração da casa na rua. Desse modo o endereço atual na maioria dos objetos se difere do apresentado em carimbo.

As incompatibilidades de endereço dificultaram a busca pelas casas sendo algumas localizadas pela semelhança dos desenhos dos telhados e lotes identificáveis por meio de imagens de satélite no programa *Google Earth Pro*. Esse instrumento permite a visualização

de algumas áreas em anos anteriores, condição necessária à busca considerando que atualmente muitas já foram demolidas. A localização dessas casas, ainda que já tenham sido demolidas, fez-se imperativa na posterior elaboração dos mapas temáticos e avaliação do estado de preservação da produção estudada em Feira de Santana.

Outro campo que preenche o fichamento são as fotografias dos desenhos das fachadas. Nesse primeiro momento essas imagens pretendem auxiliar na identificação dos parâmetros da arquitetura moderna para decidir o que vai se manter como exemplar durante a pesquisa, além de servir para comparar o que foi projetado e o que se encontra nas imagens recolhidas do objeto construído. Visto que muitas das construções aqui estudadas não mais existem, serão utilizadas, como principal registro visual dessas construções, as imagens obtidas por meio da ferramenta *Street View*¹¹ da plataforma *Google Maps*. As datas dessas imagens foram escolhidas com base no material disponível na plataforma, sendo 2011 o registro mais antigo e, 2022, o mais recente, como forma também de padronizar as informações para todos os objetos. Com isso, a última célula das fichas constitui-se de uma descrição sucinta das alterações que se pode observar com base nessas imagens e no topo das fichas uma classificação do estado de preservação de cada objeto.

Vale lembrar que o Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG)¹² do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) utiliza parâmetros como o Estado de Preservação dividido em Íntegro, Pouco Alterado, Muito Alterado ou Descaracterizado e o Estado de Conservação classificado em Bom, Regular, Ruim ou Péssimo. Já as fichas do IPAC (Inventário do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia) utiliza Estado de Conservação, dividido em Satisfatório, Medíocre ou Ruim, e que por sua vez é indicado para Estrutura Portante, Elementos Secundários, Cobertura, Interior, Instalações e Serviços, Salubridade. Ou seja, não existe um consenso ou regra explícita para o uso e aplicação universal desses termos.

Optou-se, no fichamento, por uma classificação mais geral pois o estado de

¹¹ “Confira imagens históricas do *Street View* para conferir como um local mudou ao longo do tempo”. Descrição encontrada na homepage da ferramenta. Cf.: GOOGLE MAPS. *Street View*, 2023. Mapas mais vivos com imagens. Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/streetview/>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

¹² O SICG é uma plataforma elaborada pelo IPHAN que tem por objetivo reunir em uma única base os dados sobre o patrimônio cultural, com foco nos bens de natureza material. Cf.: SICG Iphan. *Pesquisa avançada do bem*. Disponível em: <https://sicg.iphan.gov.br/sicg/pesquisaAvancadaBem>. Acesso em: 07 de novembro de 2023.

conservação e preservação das casas é de difícil caracterização e pode ser mal interpretada: uma construção deteriorada pode apresentar grande estabilidade – ou seja, impõe um problema específico para sua preservação –, enquanto uma construção aparentemente bem conservada pode apresentar riscos à princípio menos identificáveis, seja em função de sua estrutura, uso ou mesmo riscos externos. Assim, neste trabalho a escolha foi pelo uso de preservação por se tratar de um termo mais amplo.

Nas fichas elaboradas nesta pesquisa, bem como nos mapas (ver p. 54 e 55), foi usada apenas a indicação Preservada, Pouco alterada, Muito alterada e Demolida – considerando o ano de 2022. As casas classificadas como “não encontrada” podem ter sido demolidas antes de 2002 (ano da imagem satélite mais antiga analisada) ou podem nunca ter sido construídas ou ainda não foi possível identificar o endereço pela já comentada deficiência de informação nos projetos. Enquanto as classificadas como “não identificável” podem ter barreiras visuais à identificação do estado de preservação como muro alto, vegetação, entre outras.

Para a seleção dos estudos de caso foi necessária a criação de um panorama sobre como se deu essa produção ao longo da década de 1976 a 1985. Para isso, foram elaborados quadros que sistematizam os pontos a serem observados em cada projeto com base na pesquisa bibliográfica sobre a arquitetura moderna de casas no Brasil: a materialidade compositiva e aparente, a composição volumétrica, o modelo de cobertura, a relação entre níveis, a ocupação da construção no lote, e características dos ambientes e fluxos entre o setor íntimo, de serviço e social.

As casas fichadas no apêndice passaram por uma nova seleção para filtrar as que pudessem servir de base para este estudo. De modo que foram excluídas da análise todas as casas que não foram geograficamente localizadas, uma vez que as mesmas podem nunca ter sido construídas (essas casas possuem apenas a ficha do projeto mas não o quadro descritivo). Também foram descartadas as casas cujos projetos foram encontrados incompletos, o que inviabilizaria a análise de alguns dos pontos, bem como do projeto como um todo, refletindo mais uma vez a importância da catalogação dos arquivos e até mesmo uma digitalização desses documentos. Ao fim, tem-se o quadro de características de 45 casas que permitiu montar o cenário arquitetônico descrito no apêndice. A partir do qual foi possível estabelecer critérios e selecionar os estudos de caso apresentados no terceiro capítulo da dissertação.

Compartilhar os procedimentos de pesquisa junto ao arquivo público não diz respeito apenas ao registro de um método, mas trata do reconhecimento de uma necessária, válida e preciosa articulação entre desenho, arquivo e inventário, que pode fomentar leituras críticas desse patrimônio e enseja sua preservação: seja do patrimônio arquitetônico (desenho construído), seja do patrimônio arquivístico (desenho como produção). Conhecido esse recorte, e já tendo discutido alguns conflitos, contradições e preconceitos em relação à preservação da arquitetura moderna, passemos ao segundo capítulo, para uma melhor contextualização e caracterização desses exemplares em Feira de Santana.

2 Feira de Santana e a arquitetura moderna

Para que se possa ter uma melhor compreensão da arquitetura realizada em Feira de Santana entre os anos 1976 e 1985, precisamos compreender o início da manifestação dessa produção. São aqui representadas por aquelas construções que se afastam da consolidada arquitetura eclética¹³, submetida a um processo de anulação pelo pensamento moderno¹⁴. O capítulo repassa o contexto urbano em que se deram e de certo modo faz um paralelo com o período em que ocorreram as mesmas manifestações na capital do estado.

Os textos e autores que discutem a produção arquitetônica moderna são muito numerosos. Sendo assim, foi feita uma seleção em função dos diferentes recortes geográficos (Brasil, Bahia). Para a referida contextualização do cenário urbano feirense foram utilizadas como fontes bibliográficas as produções de Juraci Dórea (2018), Livia Azevedo (2015) e Mariana Andrade e Lysie Reis (2017). Enquanto para o paralelismo proposto à arquitetura do período produzida na capital, Salvador, utilizou-se as obras de Nivaldo Andrade (2019) e Carolina Bierrenbach (2012).

O capítulo pretende, ao compilar um pequeno aparato de construções representativas encontradas nos arquivos do IBGE e no Arquivo Público Municipal, criar um quadro da arquitetura desse período, além de analisar como se deu a preservação, ou não preservação desses exemplares ao longo dos anos. Os objetos de estudo são exemplares construídos no centro de Feira de Santana e que antecederam ou foram contemporâneos às casas, objetos principais da pesquisa. A definição ou caracterização do que seriam as características de uma arquitetura moderna extrapolam o escopo do trabalho, por dois motivos: considerando uma ampla bibliografia existente, retomar ou sintetizar tais pontos poderia ser redutor – essa síntese poderia levar a um entendimento simplista ou manualístico dessas fontes, que são complexas; depois, porque a pesquisa e as análises desenvolvidas no trabalho mostram como tais características são plurais, e tratar a arquitetura moderna desse modo seria um movimento

¹³ Sobre a arquitetura eclética e seu processo de desaparecimento em Feira de Santana, Cf: DÓREA, Juraci. *Feira de Santana: memória e remanescentes da arquitetura eclética*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.

¹⁴ Dentro deste pensamento moderno devem ser consideradas manifestações variadas desde experiências protomodernas, até manifestações *art déco*, como sugere Bierrenbach (2012). Cf.: BIERRENBACH, A. C. S. *Considerações sobre as arquiteturas modernas soteropolitanas vistas a partir do arquivo do DOCOMOMO-BAHIA*. In: IV DOCOMOMO N-NE, 2012, Natal. ANAIS DO IV DOCOMOMO N-NE, 2012. Disponível em: <https://lab20.ufba.br/consideracoes-sobre-arquiteturas-modernas-soteropolitanas-vistas-partir-do-arquivo-do-docomomo-bahia>. Acesso em: 20 mar. 2024

oposto ao de abertura, crítica e revisão historiográfica proposto.¹⁵ Neste e no próximo capítulo, as características são explicitadas a partir dos próprios objetos descritos e analisados.

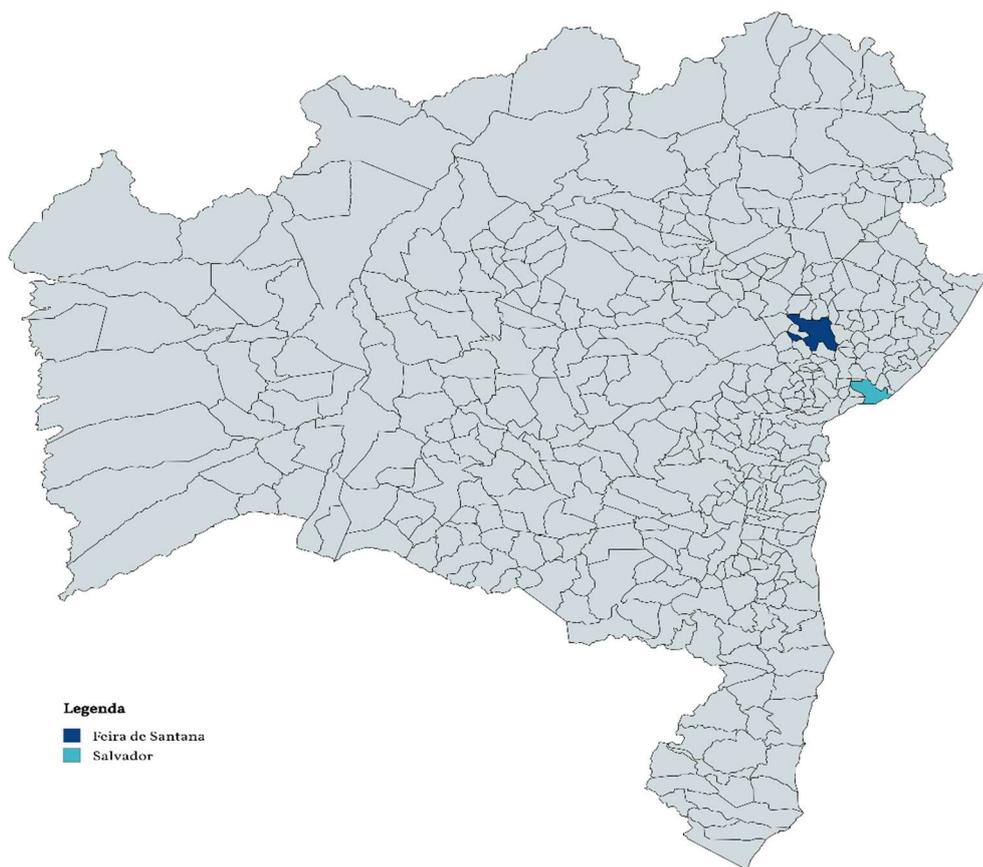
Ao final será relacionado o surgimento desses exemplares com o contexto urbano da cidade no período, dividindo essas manifestações entre as incorporadas pelo poder público e as de iniciativa privada. Diagnosticando as características preservadas com base nas imagens encontradas, tendo em vista, para essa avaliação, o histórico feirense de descaso para com o patrimônio.

¹⁵ Para uma primeira aproximação crítica, Cf. SEGAWA, Hugo Massaki. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1999. No que se refere à arquitetura moderna brasileira no panorama internacional, Cf. GOODWIN, Philip L. *Brazil Builds: Architecture New and Old (1652-1942) / Brasil constrói: arquitetura moderna e antiga (1652-1942)*. São Paulo: Ikrek, 2023. Essas referências, e muitas outras, mostram como a arquitetura moderna, no Brasil, extrapola os “cinco pontos” propalados por Le Corbusier, e que as relações entre racionalidade, funcionalidade, materialidade e espacialidade variam ao longo do tempo e também no espaço. Na edição brasileira são indicadas as obras que foram protegidas pelo Iphan bem como aquelas que foram demolidas – ou seja, apesar da relevância dessas obras, muitas foram perdidas.

2.1 Contexto urbano feirense

Feira de Santana é uma cidade no interior baiano sede da sua região metropolitana e está localizada a cerca de 116 quilômetros da capital Salvador (**Figura 1**). De acordo com as arquitetas e urbanistas Mariana Andrade e Lysie Reis (2017, p. 391) o município teve sua origem no século 18 ocasionada pelo comércio de mercadorias. Isso, principalmente, devido à sua localização geográfica, por se tratar de uma região que era ponto de cruzamento entre as rotas comerciais para diferentes regiões da Bahia. Com o crescimento do povoado a vila foi se expandindo até a cidade ser oficialmente fundada em 1873 pela Lei Provincial nº. 1320 (Plano de Desenvolvimento Local Integrado - PDLI, 1968, p. 98).

Figura 1: Mapa da Bahia, Feira de Santana em relação a Salvador.



Fonte: Elaborado por Liz Bezerra, 2025.

Feira de Santana, na segunda metade do século 20, “experimentou novo ciclo de desenvolvimento que alterou sua feição espacial e estética” (Dórea, 2018, p. 99). Essas mudanças foram consequência de uma série de impulsos que teve início com o estímulo municipal para a construção de estradas, articulado à criação da rede estadual, com a Salvador-

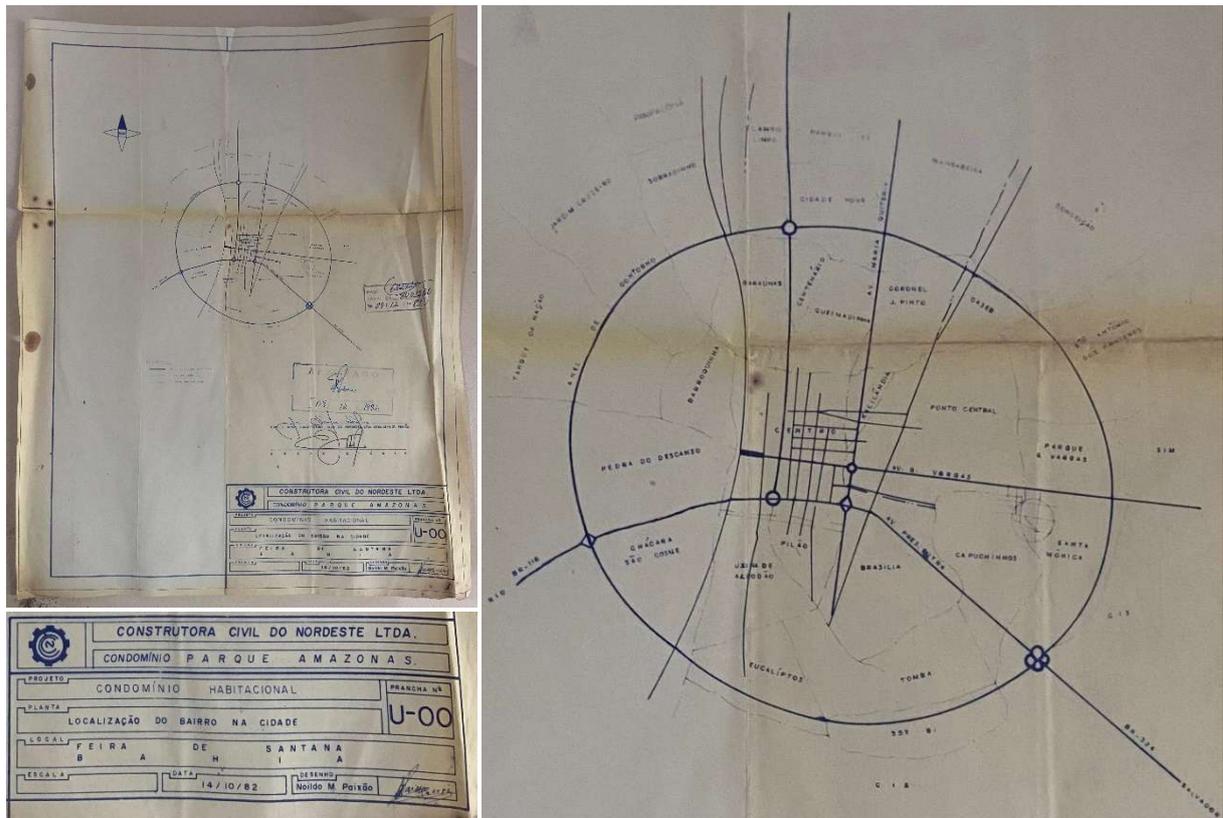
Feira em 1929. Sendo essa a referência inicial e, posteriormente, a federal BR-116 e a Rio-Bahia em 1949. Com isso “Feira tornou-se rota de passagem obrigatória, interligando não apenas cidades baianas, mas regiões brasileiras, como as regiões sudeste, nordeste e norte” (Azevedo, 2015, p. 51) o que impulsionou fortemente a economia do município.

Já na década de 1970 “a industrialização tornou-se a principal perspectiva para o desenvolvimento do município” (Dórea, 2018, p. 101) com a implantação do Centro Industrial do Subaé (CIS). Esse movimento fez parte de uma “política nacional de fortalecimento das relações entre as grandes regiões brasileiras” (Azevedo, p. 53, 2015) atrelado a planos nacionais e estaduais de crescimento econômico. A industrialização trouxe consigo um processo acelerado de desenvolvimento urbano. As novas oportunidades de emprego incentivaram a migração de muitos trabalhadores, acarretando um aumento expressivo da população de Feira de Santana nesse período.

Em 1970 a população residente no município era de 187.290, enquanto em 1980 esse número foi para 291.506 residentes (IBGE). Tal crescimento populacional impactou diretamente a configuração espacial do município, sendo necessário a construção de novos espaços de moradia com os primeiros prédios residenciais e condomínios habitacionais da cidade. Além do êxodo rural a industrialização provocou também um aumento do setor secundário e terciário. Juntos, esses fatores desencadearam “uma série de intervenções urbanas que contribuíram para sua descaracterização e mudança em seu desenho” (Andrade; Reis, 2017, p. 397). A maior das transformações causadas foi a transferência da tradicional feira livre, símbolo identitário da cidade, para o centro de abastecimento.

Andrade e Reis (2017, p. 401) afirmam que “mesmo com tantas transformações no traçado da cidade, até a década de 1970, a nova malha urbana ainda se concentrava na área intra anel viário” e que somente “a partir da década de 1980, com a avenida Eduardo Fróes da Motta totalmente construída, a cidade acelerou o crescimento na área extra anel”. Antes disso, existia apenas o desenho incompleto desse contorno na porção oeste da cidade. Durante a pesquisa junto ao arquivo público municipal foi encontrado um mapa (**Figura 2**) que integra o conjunto de desenhos para um condomínio habitacional, “Parque Amazonas”, aprovado em dezembro de 1982. Nele é possível visualizar o desenho completo da avenida Eduardo Fróes da Mota também conhecida como “anel de contorno”.

Figura 2: Mapa de Feira de Santana de 1982.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

O então Parque Amazonas incorporado pela construtora civil do Nordeste Ltda. foi implantado no bairro Santa Monica. A planta de localização do bairro na cidade mostra uma divisão distinta da atual. Nela, esse bairro se concentrava dentro do anel de contorno, dividindo seu espaço atual com o que era denominado Capuchinhos. Essa porção passou a ser referida como Santa Monica I a partir da criação do bairro Santa Monica II, externo ao anel, devido ao prolongamento para a região a leste onde no mapa tem-se apenas o CIS. Essa porção era pouco ocupada até surgirem os novos loteamentos e conjuntos habitacionais que atenderiam a população recém-chegada. Assim, a contínua expansão da cidade criou demandas urbanísticas que, segundo Dórea (2018, p. 103), “o poder público não pôde acompanhar” de modo que “sem planejamento, a cidade cresceu aleatoriamente” (Dórea, 2018, p. 103).

Desde sua origem Feira de Santana tem uma vocação para o comércio que de acordo com Azevedo (2015, p. 52) é “em parte intencionalmente criada” e “marca a imagem da cidade até hoje, sendo impossível, tanto internamente quanto externamente, dissociar Feira de Santana da ideia de uma cidade essencialmente comercial”. Entretanto, mesmo com todos os benefícios econômicos que essa imagem traz, é imperativo ressaltar que essa mesma imagem “foi

apropriada pelo poder público municipal, justificando toda e qualquer intervenção urbana como meio necessário para potencializar as relações comerciais da cidade” (Azevedo, 2015, p. 53). Acarretando assim na demolição e na descaracterização de muitos patrimônios em nome de uma constante modernização e de uma arquitetura publicitária e caricata para os comércios, serviços e demais usos. Nesse sentido,

As mudanças alcançaram não apenas o aspecto físico da cidade, mas a arquitetura e o meio ambiente. As edificações que definiam o cenário urbano no início do século XX passaram a ser vistas como coisa velha, como entrave para o progresso. Sem qualquer perspectiva de proteção, inúmeros edifícios foram demolidos. Com isso, a cidade perdeu um patrimônio e, principalmente, parte insubstituível de sua identidade urbana. (Dórea, 2018, p. 103).

Esse processo descrito por Dórea (2018) ocorreu com os exemplares ecléticos no século passado e vem se repetindo com os exemplares modernos. Sendo “sintomático que o Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Feira de Santana (PDLI), de 1968, que pretendeu abarcar, de forma mais abrangente possível, os aspectos da vida do município, não tenha contemplado a preservação do patrimônio arquitetônico” (Dórea, 2018, p. 103-104). De modo que a ausência de medidas públicas permite que não só os empresários avancem com a descaracterização de patrimônios desprotegidos, como também o próprio poder público os descaracterize.

2.2 Arquitetura e preservação de edifícios modernos em Feira de Santana

Carolina Bierrenbach (2024), analisando dados do arquivo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA) na Documentação e Conservação de Edifícios, Sítios e Bairros do Movimento Moderno (DOCOMOMO)¹⁶, aponta que, em Salvador, as primeiras manifestações modernas apresentam características decó e surgem entre os anos de 1924 e 1930, consolidando-se em território soteropolitano na década de 1930, sendo a primeira edificação funcionalista documentada no arquivo construída entre 1934 e 1935 (Bierrenbach, 2012). No mesmo período, em Feira de Santana, estavam sendo construídas as últimas representantes da arquitetura eclética. Dentre as mais recentes catalogadas por Dórea tem-se uma residência de 1937, o Paço Municipal construído entre 1921 e 1926 e a igreja Senhor dos Passos construída entre 1936 e 1979, mas com projeto aprovado em 1921.

Segundo Nivaldo Andrade¹⁷ (2019) as manifestações modernas na Bahia tiveram seu auge entre os anos de 1947 e 1951, mas em Feira de Santana essas manifestações ocorreram mais tardiamente. De acordo com o levantamento realizado na presente pesquisa junto ao arquivo municipal de Feira de Santana, até o ano de 1960 nenhum projeto com características modernas foi aprovado na prefeitura¹⁸. Contudo, analisando dados do portal IBGE cidades, a primeira manifestação moderna com características semelhantes ao movimento internacional teve um exemplar inaugurado em 1956. Ainda assim, o auge dessas manifestações foi apenas na década de 1960 com a construção de importantes edifícios públicos entre 1964 e 1966.

¹⁶ O DOCOMOMO Brasil é uma rede de pesquisa que luta contra a descaracterização e a destruição de obras representativas do Movimento Moderno no Brasil a partir da realização de inventários, campanhas de preservação, divulgação de obras e pedidos de tombamento. Cf.: DOCOMOMO. *DOCOMOMO Brasil*, c2022. Página Inicial. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/>. Acesso em: 06 de novembro de 2022.

¹⁷ No volume 1 da coleção *Arquitetura Moderna na Bahia (1947-1951)* produzida em colaboração com o IPAC, o Fundo de Cultura e o Governo do Estado da Bahia, onde busca identificar o lugar da Bahia na história da arquitetura moderna brasileira, através da revisão historiográfica e do levantamento das obras arquitetônicas difundidas nas revistas de arquitetura e nas Bienais Internacionais de Arte de São Paulo. Cf: ANDRADE, Nivaldo. *O lugar da Bahia na história da arquitetura moderna brasileira*. Salvador: EDUFBA, 2019.

¹⁸ Pelo menos, não há documentação sobre exemplares dessa arquitetura dentro do arquivo municipal, observando o catálogo de projetos aprovados entre 1916 e 1960, produto de um trabalho de conclusão de curso em história. Cf.: OLIVEIRA, Wilyana Brito. *Catálogo da série de plantas e projetos (1916-1960) do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2018.

O primeiro edifício comentado foi construído em 1956 para abrigar a Escola Normal de Feira de Santana¹⁹ quando o prédio em que foi instalada em 1927²⁰, ano de sua criação, já não atendia mais às demandas geradas pelo desenvolvimento da formação de professores (de Barros; de Almeida, 2022). Assim, em 1956 foi inaugurada a edificação (**Figura 3**) que sediou a Escola Normal até 1962 quando essa passou a denominar-se Instituto de Educação Gastão Guimarães (IEGG). Desde então o edifício passou por algumas mudanças. Até 2014 as esquadrias originais já haviam sido substituídas por elementos pré-fabricados em alumínio e vidro. Assim como o térreo que era aberto e composto por pilotis se encontra fechado pelos mesmos elementos. E entre os componentes que marcavam a obra original ainda se mantém o fechamento central em cobogó.

Figura 3: Instituto de Educação Gastão Guimarães (IEGG) em 1957 e 2014.



Fonte: IBGE biblioteca, 2024; Instituto de Educação Gastão Guimarães (IEGG), 2014.

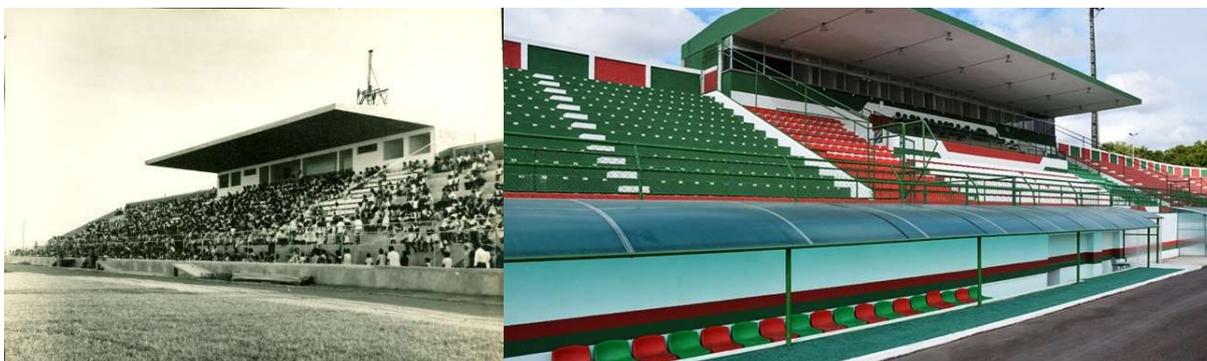
Outra importante obra pública do período foi o Estádio Municipal Alberto Oliveira (**Figura 4**), considerado o maior estádio de futebol do interior baiano (IBGE, 2024). Foi inaugurado em 1953 com o nome de Estádio Municipal Almachio Boaventura. Mas em 1966 o estádio foi reinaugurado maior e com novas instalações sendo renomeado Alberto Oliveira, mais popularmente conhecido como Joia da Princesa. A obra utiliza das soluções em concreto

¹⁹ A Escola Normal fez parte de um programa nacional conhecido como Reforma Anísio Teixeira de 1925. Cf.: DE BARROS, M. L. R. .; DE ALMEIDA, S. B. . *Escola Normal de Feira de Santana: Fonte para o estudo da História da Educação*. Sitientibus, [S. l.], n. 24, 2022.

²⁰ O primeiro prédio que abrigou a Escola Normal de Feira de Santana foi um dos poucos exemplares da arquitetura eclética preservados até hoje e, atualmente, funciona como o Centro Universitário de Cultura e Arte da Universidade Estadual de Feira de Santana, o CUCA.

armado para criar uma cobertura em laje com grande balanço²¹. E as principais mudanças entre 1966 e 2022 estão na pintura e na substituição das aberturas simétricas por um fechamento linear em esquadrias de alumínio e vidro.

Figura 4: Estádio Municipal Alberto Oliveira (Joia da Princesa) em 1966 e 2022.



Fonte: IBGE biblioteca, 2024; Jorge Magalhães, 2022.

O Fórum Desembargador Filinto Bastos (**Figura 5**) foi inaugurado em 1964 (IBGE, 2024), com muitos elementos modernos que merecem aqui ser destacados. Em um primeiro momento a forma simples e linear é ressaltada pela pintura branca que em 2022 está revestida por um material cinza. O projeto original também eleva a construção através do uso de pilotis que liberam o térreo como um espaço de livre acesso e socialização. A leveza que essa solução proporcionava para a obra foi substituída por uma construção austera e sóbria com o fechamento do pavimento térreo e incorporação de gradis e uma portaria, elementos que se afastam da ideia inicial. Por fim, as janelas com sistema de modulação decorrente do sistema estrutural utilizado são os únicos elementos que se mantêm.

²¹ É válido observar que esse elemento pode ter sido fruto da reforma de 1966 ou existente desde a primeira obra, visto que a foto mais antiga encontrada se refere à inauguração pós-reforma em 1966.

Figura 5: Fórum Desembargador Filinto Bastos em 1967 e 2022



Fonte: IBGE biblioteca, 2024; *Google Street View*, 2023.

O Ginásio Municipal Joselito Amorim (**Figura 6**) foi inaugurado em 29 de março de 1966 (IBGE, 2024) pelo então prefeito Joselito Falcão Amorim. Construído no terreno ao lado do fórum é possível ver na imagem da esquerda as duas construções. O prédio passou por uma grande reforma em 2001 e em 2008 teve seu nome alterado para Centro Integrado de Educação Municipal Professor Joselito Falcão de Amorim. Em 2022 a edificação se encontra completamente descaracterizada, exigindo um esforço para encontrar vestígios da obra original camuflada entre muros, revestimentos e outros acréscimos.

Figura 6: Ginásio Municipal Joselito Amorim em 1967 e 2022



Fonte: IBGE biblioteca, 2024; *Google Street View*, 2023.

A Biblioteca Municipal Arnold Silva (**Figura 7**), inaugurada pelo mesmo prefeito em 26 de abril de 1966 (IBGE, 2024) foi construída próxima às duas obras anteriores. Na primeira imagem do projeto próximo ao ano de inauguração é perceptível a linguagem similar aos dois projetos anteriores o volume horizontal em branco com uma janela alta em fita. Ainda que existisse um fechamento em alvenaria no térreo, o recuo desse fechamento em relação ao plano principal e a presença dos pilotis desconectava esses dois panos. Já em 2011 todo o fechamento

em alvenaria da fachada tinha sido substituído por grandes panos de esquadrias em alumínio e vidro e acrescentado uma extensa cobertura em pórtico central no acesso ao prédio. Nesse período a cor principal da construção deixou de ser o branco e passou a ser verde. Desde 2020 a biblioteca foi fechada para passar por uma reforma. Na imagem de 2023 é possível perceber a estrutura original de lajes e pilotis que seguiam os princípios de fachada e planta livre, e uma parede curva interna com painel artístico sendo restaurado, além da cobertura para o acesso principal que foi construída antes de 2011.

Figura 7: Biblioteca próximo ao ano de inauguração, em 2011 e em 2023 (em reforma).



Fonte: IBGE biblioteca, 2024; *Google Street View*, 2024; Valdenir Lima. 2023.

Outro exemplar identificado foi o Terminal Rodoviário de Feira de Santana inaugurado em 1967 (IBGE, 2024). O projeto é de autoria do trio de arquitetos Yoshiakira Katsuki, Alberto Hoisel e Guarani Araripe, responsáveis a mesma época pelos terminais de Jequié e Itabuna (Andrade, 2013). Segundo Hugo Segawa (1999) os terminais rodoviários entre as décadas de 60 e 80 deixaram de ser exclusivo para transbordo de passageiros, mas local de vivência e lazer.

De modo que é possível observar na **Figura 8** que o projeto foi pensado com espaços para além do embarque e desembarque de veículos e passageiros.

Em 2022 essa obra se encontra pouco alterada, de modo que as principais mudanças se concentram na pintura e substituição de alguns fechamentos em cobogó por esquadrias. Dessas, umas têm uma solução simples de alumínio e vidro, enquanto outras têm venezianas incorporadas. Mas ainda são visíveis vários elementos que em conjunto validam a permanência da forma original. Apesar do terminal não ser protegido por nenhum órgão, ele possui em seu interior uma intervenção artística tombada em 2001 pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC). Esse painel é de autoria do artista plástico Lênio Braga com a colaboração do ceramista Udo Knoff, e é o único bem no livro dos bens imóveis de um período pós arquitetura eclética em Feira de Santana.

Figura 8: Terminal próximo à inauguração, Painel de Lênio Braga e Terminal em 2022.

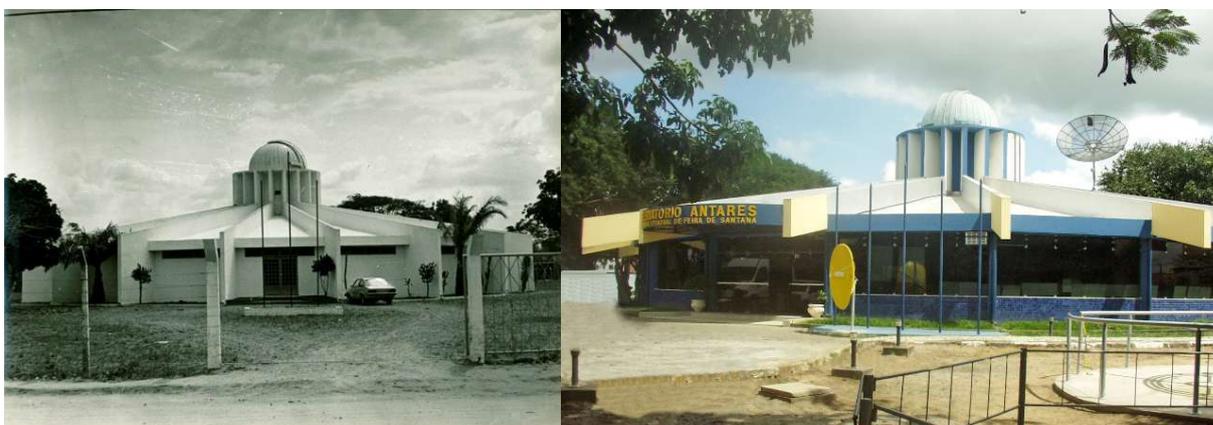


Fonte: IBGE biblioteca, 2024; Ipac, 2024; *Google Street View*, 2024.

O primeiro exemplar da década de 1970 identificado foi o Observatório Antares (**Figura 9**), inaugurado em 1971 (IBGE, 2024). Com uma arquitetura própria, essa obra se destaca das

demais por sua forma circular e indissociável do sistema estrutural proposto. Sobre ela, foi encontrado nos arquivos da UEFS um projeto de interiores assinado pela arquiteta Ana Cristina Monteiro com data de 1992, ano em que o observatório foi incorporado à universidade. Após quase 50 anos da inauguração, em 2020, essa obra já se encontra em um estado de preservação muito alterado, não só com novos acabamentos de pintura e revestimento, como um fechamento em vidro em todo o perímetro e a subtração das paredes que acompanhavam as vigas concêntricas.

Figura 9: Observatório Antares próximo ao ano de inauguração e em 2020.



Fonte: IBGE biblioteca, 2024; Notícias da Bahia, 2020.

Hugo Segawa (1999) comenta também sobre como o milagre econômico patrocinou a construção de muitos edifícios de campi universitários, e como a crise econômica posterior deixou muitos desses campi como canteiros abertos. Mas como consequência os arquitetos brasileiros desenvolveram uma larga experiência em planejamento de espaços universitários nesse período. Em 1976 foi inaugurado o campus da Universidade Estadual de Feira de Santana (**Figura 10**) (IBGE, 2024). O projeto do trio Jader Tavares, Oton Gomes e Fernando Frank passou pela prefeitura em 1973 (Arquivo Público Municipal, 2023). Após cinco décadas os módulos principais se mantêm relativamente preservados, mantêm as esquadrias e pastilhas originais, estando apenas camuflados por uma camada de pintura os trechos que originalmente seriam em concreto aparente²².

²² Para uma primeira aproximação ao tema da arquitetura do campus da UEFS, Cf. VIEIRA, Pedro. Do que (ainda) não é patrimônio: o campus da UEFS. In.: SEMINÁRIO PPGDCI, 17, 2022, Feira de Santana, *Anais eletrônicos*, Feira de Santana, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/AnaisPPGDCI>. E Cf. SAMPAIO, Herbert; VIEIRA, Pedro; BEZERRA, Liz. O campus da UEFS e o acervo Gepro/Uninfra. SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS, 28., 2024, Feira de Santana.

Figura 10: UEFS próximo ao ano de construção e em 2023.



Fonte: IBGE biblioteca, 2024; A autora, 2023.

Ao lado do campus universitário foi construído mais tarde o complexo do primeiro Batalhão da Polícia Militar (**Figura 11**) projetado em 1984 (Arquivo Público Municipal, 2023), um ano antes do fim do regime militar. Esse projeto foi assinado pelos arquitetos Jorge Lima e Raimundo Sepúlveda. Mas apesar de terem sido projetados por escritórios diferentes e cerca de uma década após, as duas construções têm características muito semelhantes quanto à modulação das estruturas e materiais utilizados. E semelhante a construção anterior, essa aparenta certa preservação, apesar de não ter sido realizada uma análise mais detalhada dos módulos construídos no interior da propriedade.

Figura 11: Projeto de fachada do módulo do BPM e acesso ao BPM em 2022



Fonte: Arquivo Público Municipal, 2023; *Google Street View*, 2024.

A partir de resultados parciais da pesquisa desenvolvida no Grupo de Pesquisa “Levantamento e análise crítica da arquitetura baiana” apresentados por Nivaldo Andrade et al. (2013, p. 4) no X Seminário Docomomo Brasil, a arquitetura brutalista na Bahia ocorre em “manifestações isoladas” na década de 60 até se tornar “linguagem oficial das obras públicas no Estado, na década de 1970”. Em nota o autor observa que até o início dos anos 80 foram identificados outros exemplares importantes para o cenário da arquitetura brutalista baiana, com

exemplos na capital, Salvador. E reforça que os anos 1970 foi quando essa produção se tornou hegemônica.

Enquanto Carolina Bierrenbach (2012) afirma com base nos registros do arquivo Docomomo-Bahia, que as influências da Escola Carioca se fixam em Salvador entre os anos 40 e 70, e que as possibilidades formais do concreto armado começam a ser exploradas no final dos anos 60. Apesar de aparecerem nos arquivos soluções diferenciadas desde os anos 60, os princípios da arquitetura moderna continuaram influenciando a arquitetura soteropolitana até o início dos anos 80. Com construções como as do trio Fernando, Otto e Jader (mesmos autores responsáveis pela UEFS em 1973-1976) que projetaram em Salvador o centro de convenções em 1979 e a casa de comércio em 1981 com elementos metálicos em “edifícios que podem ser considerados modernistas tardios” (Bierrenbach, p. 6, 2012)

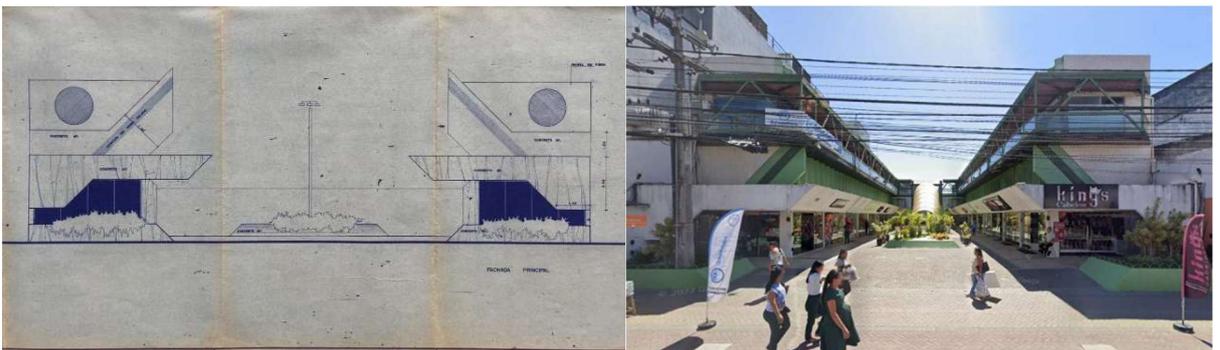
Já em Feira de Santana, a partir da presente pesquisa realizada dentro do arquivo público municipal, essa arquitetura foi utilizada em dois projetos públicos o campus universitário da UEFS em 1973 e o complexo do primeiro BPM em 1984. Mas no período entre essas obras, essa linguagem foi muito utilizada pelos edifícios privados que ocuparam o Centro da cidade. Tendo uma manifestação na década de 70 com o Edifício Ana Muller (**Figura 12**) projetado por Luiz Humberto e Neilton Dórea em 1977. E se intensificando na década de 80 onde foram encontrados os projetos do Arnold Silva Plaza (**Figura 13**) projetado em 1982 por Everaldo Marques e Juracy Dórea, o Condomínio Edifício Santana dos Olhos D'Água (**Figura 14**) projetado em 1982 por Luiz Humberto e Neilton Dórea e o Edifício JALF (**Figura 15**) e o Edifício Ducarmo (**Figura 16**) ambos projetados em 1983 por Antônio Edson de Oliveira Freitas.

Figura 12: Projeto do Edifício Ana Muller e estado da construção em 2022.



Fonte: Arquivo pessoal/Arquivo Público Municipal, 2023 e a autora, 2023.

Figura 13: Projeto do Arnold Silva Plaza e estado da construção em 2022.



Fonte: Arquivo pessoal/Arquivo Público Municipal, 2023 e *Google Street View*, 2023.

Figura 14: Projeto do Edifício Santana dos Olhos D'Água e estado da construção em 2022.



Fonte: Arquivo pessoal/Arquivo Público Municipal, 2023 e *Google Street View*, 2023.

Figura 15: Projeto do Edifício JALF e estado da construção em 2022.



Fonte: Arquivo pessoal/Arquivo Público Municipal, 2023 e *Google Street View*, 2023.

Figura 16: Projeto do Edifício Ducarmo e estado da construção em 2022.



Fonte: Arquivo pessoal/Arquivo Público Municipal, 2023 e *Google Street View*, 2024.

A maioria dessas edificações apresentaria um estado de preservação íntegro, não fosse a pintura que camufla os acabamentos que de acordo com os projetos à esquerda seriam em concreto aparente. Contudo no edifício JALF é possível perceber algumas diferenças em relação ao projeto, aparentemente foi construído mais pavimentos que o previsto inicialmente. Algo semelhante acontece com o Arnold Silva Plaza, mas diferente do anterior, essa construção de um novo pavimento pode ter sido um complemento posterior a primeira construção. Talvez fruto de uma reforma, visto que alguns elementos remetem a um momento arquitetônico posterior como o fechamento em estrutura metálica e a escada rolante de acesso a esse pavimento.

*

Aqui foi apresentado o contexto urbano em que surgiram as primeiras expressões de uma arquitetura com características modernas em Feira de Santana, bem como as primeiras e mais relevantes manifestações no município inseridos no Centro da cidade (**Figura 17**), que se iniciou pelos edifícios públicos e posteriormente foi adotado pelo setor privado. Nessa década também houve uma grande concentração de construções residenciais unifamiliares nesse estilo, mas em outra porção do território municipal, sendo essas o principal tema de estudo da presente pesquisa.

A partir do exposto até aqui, percebe-se um atraso nas expressões arquitetônicas no interior baiano em relação à capital, contudo essas não deixam de se manifestar em algum momento. Esse atraso é proporcional ao contexto histórico da cidade em relação a capital do estado. Visto que o processo de industrialização no município teve como marco a implantação do Centro Industrial do Subaé (CIS) apenas em dezembro de 1970. Sendo esse um dos fatores que podem justificar a posterior manifestação da linguagem moderna em Feira de Santana, uma vez que as principais características dessa manifestação estão muito ligadas à industrialização.

Se olharmos para outras localidades, veremos que os focos da arquitetura moderna no Rio de Janeiro foram obras públicas por ser a capital política no período. Enquanto São Paulo era a unidade econômica e as construções modernas foram principalmente por iniciativa privada (Segawa, 1999). O início das manifestações em Feira de Santana se deu com obras públicas, passando para as manifestações privadas no período em que a industrialização ganhou força aumentando a classe burguesa da cidade. No pós 64 até o fim dos anos 70, houve grande produção arquitetônica embarcada pelos anos do milagre econômico. Se fazendo necessário relacionar o número de edifícios públicos inaugurados entre 1966 e 1967, anterior ao processo de industrialização mencionado, ao então prefeito Joselito Falcão de Amorim que governou de 1964 e 1967 pelo Regime Militar (Souza, 2024).

Figura 17: Mapa dos edifícios modernos em Feira de Santana.



Fonte: Produzido por Liz Bezerra sobre base em CAD da LOUOS de Feira de Santana, 2024.

Entretanto, aqui se torna mais relevante a presença desses exemplares do que o recorte temporal em que ocorreram, sendo tão passíveis de preservação quanto os outros já estudados e catalogados na capital e em outras regiões do Brasil. Muitos desses projetos não tiveram seus autores identificados. Contudo, entre os de autoria conhecida nenhum foi projetado por feirenses. Enquanto entre as construções privadas apenas uma não foi projetada por um escritório com registro em Feira de Santana. A maioria dos exemplares públicos foram completamente descaracterizados. Os principais pontos dessa arquitetura foram camuflados por mudança nos acabamentos, fechamento do térreo inicialmente aberto por pilotis, substituição das esquadrias, sendo em alguns casos imperceptível a intenção plástica dos projetos originais.

A completa deturpação desses edifícios que estão nas mãos do poder público, salvo alguns poucos exemplares como a UEFS e o BPM, só reforça a despreocupação com o patrimônio por parte do Estado. Esse que sequer considera tais construções como patrimônio, haja vista o modo como conduzem as reformas nessas edificações. Essa constatação se torna ainda mais problemática face ao estado de preservação dos edifícios privados, que se encontram pouco alterados em relação aos projetos. Sendo nesses casos os acabamentos encobertos por pintura, o que indica uma tentativa de dar manutenção a esses prédios.

Feitas as aproximações ao contexto urbano feirense do período estudado bem como a alguns exemplares da arquitetura moderna na cidade (confirmando a multiplicidade dessas manifestações e os seus diferentes graus de preservação), podemos avançar para nossos casos específicos, tratados no próximo capítulo.

3 As casas modernas em Feira de Santana

Há uma relevância da análise histórica e contextual na preservação de obras arquitetônicas, destacando essa prática para além de uma abordagem técnica, sendo fundamentada em formulações teóricas que guiam as decisões de restauro. A autora Beatriz Köhl (2016) enfatiza que o entendimento do histórico e do contexto da obra é uma etapa essencial no processo de preservação, funcionando como base para escolhas conscientes.

Sendo assim, o presente capítulo propõe inicialmente um estudo sobre a arquitetura residencial moderna em Feira de Santana. Primeiramente, situando esses exemplares no espaço, chamando atenção também para as transformações no território. Na sequência, o estudo parte da análise de suas formas, materiais e preocupações predominantes. Essa análise busca compreender as práticas projetuais dos arquitetos que marcaram o cenário da arquitetura residencial feirense, para então chegarmos, de forma mais rente, aos quatro objetos de estudo. As informações que serão apresentadas nesse momento têm como base o processo de análise de conteúdo dos projetos em apêndice.

O texto, amparado pelas discussões dos capítulos precedentes, aborda o destino dessas obras após a virada para o século 21, investigando quantas ainda existem, como foram preservadas, quais foram demolidas e os fatores que influenciaram esses resultados. Com isso, são destacados os desafios e as possibilidades de preservação desse tipo de arquitetura no contexto de Feira de Santana. Os dados aqui apresentados são resultados de um processo de análise das fichas em apêndice confeccionadas para cada casa selecionada dentro do arquivo público (processo já comentado no primeiro capítulo).

Ao compreender tanto o que foi a arquitetura moderna residencial feirense quanto o estado atual de suas edificações, o estudo oferece um quadro geral que ilumina os desafios e aponta a urgência de sua preservação.

3.1 As casas e suas transformações no território

Considerando a importância do estudo sobre como vem sendo destruído ou preservado, perdido ou reconstruído os desenhos pertencentes a uma memória coletiva, aqui tratou-se do desmonte dos imóveis residenciais modernos que como conjunto arquitetônico marcou a estética de um bairro e foi representante de um setor específico da sociedade em um recorte temporal determinado, carregando o valor de produto histórico e cultural. Tendo em vista a atualidade do processo de apagamento desses objetos, há uma urgência na discussão dessa temática, a fim de movimentar o anseio por sua preservação.

Aqui foram analisados alguns resultados a partir das fichas elaboradas para cada casa. Iniciando pela região que esses projetos foram ocupando ao longo da década estudada a partir de mapas e dos fichamentos. E então identificado o estado de preservação desses objetos, bem como a substituição por novos usos, a partir de imagens do ano de 2011 e 2022, relacionando ao ano e local em que foram construídos.

Através do mapeamento realizado com as casas que tiveram seu endereço localizado, apresentado na **Figura 18** é possível perceber uma grande concentração dessa produção na região compreendida pelos bairros atualmente denominados Santa Monica I e Capuchinhos. Estando um ao lado do outro, essa zona é limitada pelas avenidas Getúlio Vargas, João Durval Carneiro, Presidente Dutra e Eduardo Fróes da Mota (mais conhecida como anel de contorno). A divisão entre os bairros se dá pela rua São Domingos, de modo que a leste dessa via está o primeiro e a oeste, o segundo.

Além da concentração nesses bairros, 9 exemplares foram construídos próximo ao eixo da avenida Maria Quitéria. De acordo com os limites atuais dos bairros no município, nesse eixo, 3 exemplares são considerados no bairro Centro, 3 no São João, 3 na Serraria Brasil. No bairro Brasília foram encontradas mais 2 obras. E 3 no Parque Getúlio Vargas, bairro a norte da região de principal concentração (Capuchinhos e Santa Monica) muito próximo ao limite entre esses bairros. Nesse estudo, um único exemplar se encontra fora do eixo de expansão para leste da cidade, a casa 50 da Rua Jacobina, no Jardim Cruzeiro, bairro a noroeste do Centro. É válido observar também que no bairro Ponto Central, que se encontra entre os bairros citados, não foi localizado nenhum exemplar.

Figura 18: Mapeamento das casas pelo ano de aprovação do projeto na prefeitura.



Fonte: Produzido por Liz Bezerra sobre base em CAD da LOUOS de Feira de Santana, 2024.

Conhecidas algumas dessas localizações, ou a distribuição dessas casas pelos bairros vale observar cronologicamente como essas áreas foram ocupadas, considerando o ano de aprovação desses projetos na prefeitura marcado no mapa anterior. Percebe-se, então que o fluxo geral de residências analisadas se iniciou a leste do centro original de Feira de Santana com as construções próximas a avenida Maria Quitéria. Em um segundo momento a implantação dessas casas se direciona para leste seguindo o eixo Getúlio Vargas. As construções mais recentes se concentram mais ao sul desse eixo, em sua maioria no que hoje compreende os bairros Capuchinhos e Santa Monica I. Observa-se uma exceção a esse fluxo, a construção localizada no bairro Jardim Cruzeiro. Além de algumas casas que se espalham de volta ao eixo Maria Quitéria, porém mais afastadas do centro tanto ao norte quanto ao sul.

Os anos aqui estudados acompanharam o processo de industrialização e expansão da área urbana da cidade. De modo que na década de 1970 o bairro Santa Monica estava iniciando o processo de parcelamento do solo. O que não só reduz o número de construções nessa área

como dificulta a localização dos projetos que estavam indicados em prancha apenas pelo número do lote e vias ainda não nomeadas. O que justifica uma maior concentração dessas construções encontradas no eixo da avenida Maria Quitéria.

Já em anos posteriores se intensifica a implantação de projetos que ocupam espaços cada vez mais distantes do centro. Seria possível imaginar que o processo de descaracterização dessas construções acompanhasse o mesmo caminho, tanto pelo fluxo de expansão municipal, quanto pelo tempo de obsolescência das construções. Mas o que foi aqui constatado indica outros rumos tomados por essa tipologia.

Além de mapear as construções a partir do ano de implantação foi também confeccionado um mapa que identifica esses objetos a partir do seu estado de preservação apresentados em apêndice e sintetizados na **Figura 19**.

Figura 19: Mapeamento das casas pelo estado de preservação.



Fonte: Produzido por Liz Bezerra sobre base em CAD da LOUOS de Feira de Santana, 2024.

Entre 2011 e 2022, a análise de diversas casas residenciais de Feira de Santana, cujos projetos foram aprovados entre 1976 e 1985, revelou uma variedade de estados de preservação.

Muitas dessas construções passaram por mudanças significativas, refletindo adaptações para novos usos e a expansão urbana da cidade. Algumas mantiveram sua estrutura e integridade, enquanto outras foram descaracterizadas, demolidas ou modificadas substancialmente.

O comparativo entre os mapeamentos das casas pelo estado de preservação e pelo ano de construção demonstra que não há necessariamente uma relação direta entre a idade da edificação e sua demolição, descaracterização ou preservação. Visto que algumas construções mais recentes já foram demolidas, enquanto edificações mais antigas se encontram preservadas. Desse modo, outros fatores, como a localização, podem ter maior influência ou até mesmo serem determinantes nesse processo.

A partir da análise dos objetos de estudo fichados, foi possível identificar alguns números que nos dão uma visão geral do estado de preservação da tipologia estudada. Considerando que, por algum motivo, não foi possível a identificação quanto ao estado de preservação de 6 dos 53 localizados. Visto isso, entre os identificados, apenas 6 se apresentavam preservados em 2022. Levando em conta que todos os objetos catalogados foram construídos há menos de 50 anos, esse número fica ainda mais alarmante se comparado às 9 demolições e 3 descaracterizações até então constatadas. E entre as distintas possibilidades de alterações, algumas reversíveis e outras não, apareceram 8 exemplares muito alterados e 19 pouco alterados. Esses números denunciam as consequências da ação predatória do mercado imobiliário e também um movimento sucessório das propriedades em função das estruturas familiares que se alteram, quadros influenciados pela negligência do Estado para essas situações, a falta de uma legislação municipal para o patrimônio e ao desconhecimento combinado a ausência de pertencimento da população para com esses bens.

As casas construídas na década de 1970 mostraram diferentes graus de alteração. Muitas sofreram adaptações para usos não residenciais, como comércios e escolas, o que comprometeu suas características originais. Em alguns casos, a estrutura ainda era visível, mas os acabamentos haviam sido modificados ou cobertos por pintura, revestimentos e vegetação. Outras construções foram demolidas, dando lugar a novos edifícios residenciais ou comerciais. A expansão de áreas como o bairro Centro e a substituição de construções antigas por novos empreendimentos evidenciam uma transformação significativa na paisagem urbana.

Na década de 1980, uma variedade de cenários foi observada. Algumas casas continuaram a manter o uso residencial, preservando suas características originais ou passando

por alterações mínimas. Outras, contudo, foram adaptadas para diferentes finalidades, como escolas e clínicas, ou tiveram sua estrutura modificada para se adequar a novos usos, mantendo apenas parte de seus elementos originais. Também houve casos de demolição, com as áreas ocupadas por novas construções.

Em geral, a preservação das casas foi impactada pelo crescimento da cidade e pela mudança nas necessidades habitacionais e comerciais. Muitos edifícios mostraram sinais de degradação, devido à falta de manutenção ou à ação do tempo e das intempéries. Além disso, o uso de materiais e técnicas de construção alteradas ao longo dos anos também contribuiu para o estado atual das construções. A análise das imagens de satélite e as visitas aos locais ajudaram a documentar essas transformações e a perceber como as escolhas arquitetônicas originais foram mantidas, adaptadas ou perdidas.

Esses dados demonstram que, embora algumas construções tenham mantido a integridade e o bom estado de conservação, a maioria enfrentou algum tipo de mudança em sua estrutura, uso ou aparência. De modo que o contexto de expansão urbana e a demanda por novas funções para os espaços contribuíram para um cenário de transformação do patrimônio arquitetônico de Feira de Santana.

Foi constatado que a idade das construções não corresponde diretamente ao nível de preservação dos exemplares, tendo uma relação muito maior com o local de implantação, não considerando apenas o bairro, mas principalmente a via, e também com o porte da edificação, e menos com o ano em que foi erguido. De modo que construções maiores e/ou localizadas em vias comerciais foram demolidas antes por serem alvo dos interesses imobiliários que consideram o terreno mais valioso, do ponto de vista econômico, que a construção.

Em confirmação, tanto nos projetos aprovados no final da década de 70, quanto nos do início de 80, se encontram uma quantidade aproximada de demolição e alteração, proporcional ao número total de objetos analisados no período. Sendo identificado inclusive, nas pouco alteradas e com manutenção do uso residencial, mais casas em bom estado de conservação entre as aprovadas em 70 que em 80. E entre as casas mais recentes estudadas, as aprovadas em 1985, muitas demolidas com cerca de apenas 20 a 30 anos de sua construção por se localizarem numa via não residencial.

É perceptível também que as construções localizadas entre os bairros Santa Monica e Capuchinhos foram mais alvos de substituição de usos, descaracterizações e demolições. Enquanto em outros bairros se encontram mais casas em estado preservado ou pouco alterado. Mesmo em vias predominantemente residenciais, nesses bairros alguns exemplares foram demolidos e substituídos por prédios com o mesmo uso. Onde o mesmo lote que atendia apenas uma família passa a atender mais de uma dezena.

O material aqui apresentado abre margem a muitas análises e discussões que podem levar a tantas outras conclusões. Mas as diferentes formas de lidar com essas construções diante da necessidade de novos usos demonstram que além de ser necessário preservar as características originais, é também possível e justificado atender a novas demandas sem descaracterizar imóveis que já são parte do traçado urbano e do imaginário coletivo, que além de visualmente ser detentor de valor arquitetônico próprio, expressa a identidade de determinado grupo social em determinado período.

3.2 Estudos de caso

Este subcapítulo apresenta, por meio de desenhos e descrições analíticas, um material documental sobre quatro exemplares de casas modernas em Feira de Santana. O registro resultante serve como documentação para a preservação e para futuras pesquisas e intervenções nessas edificações. Além disso, contribui para a historiografia da arquitetura moderna em uma escala mais ampla, tanto em termos tipológicos quanto geográficos.

As casas selecionadas para análise localizadas na **Figura 20** foram escolhidas entre aquelas estudadas com o objetivo de aprofundar o entendimento sobre seus aspectos compositivos e formais. A análise abrange desde a organização espacial e a distribuição dos ambientes, revelando as intenções e prioridades do arquiteto, até as alterações e transformações que as construções e seus entornos sofreram ao longo do tempo.

Figura 20: Mapa de localização dos estudos de caso.



Fonte: Produzido por Liz Bezerra sobre base em CAD da LOUOS de Feira de Santana, 2024.

Os critérios de seleção consideraram a representatividade de um projeto de cada uma das duplas de arquitetos mais recorrentes nos registros. Além disso, priorizou-se edificações

que mantiveram o uso e a integridade formal (com base no que foi possível observar externamente), e um exemplar do que já se foi perdido, mas que demonstrava antes de sua demolição a possibilidade de adaptação a novos usos. Por fim, da análise das fichas, buscou-se destacar pontos recorrentes, mas também excepcionais no que diz respeito ao tratamento dos materiais e dos volumes como linguagem construtiva, bem como as soluções empregadas nos interiores e nos interstícios entre o público e o privado. Essas construções refletem ou sintetizam, de alguma forma, parte das necessidades e da estética de uma classe social e de um período na história da cidade.

É importante destacar que esta pesquisa se baseou em projetos e edificações, que constitui um grupo complexo e não homogêneo. Assim, os exemplos apresentados não pretendem representar a totalidade do conjunto estudado – tarefa impraticável –, mas sim, evidenciar soluções projetuais e interferências posteriores nessas obras.

Antes de passar às análises, vale comentar o quadro de profissionais de maior destaque dentro da pesquisa.

Alguns arquitetos tiveram grande presença na década pesquisada enquanto outros profissionais apareciam de forma esporádica. O escritório com maior produção era composto por Juraci Dórea Falcão e Everaldo Marques de Cerqueira. Juntos, foram responsáveis por 38 dos 64 projetos catalogados. O primeiro graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA em 1968, é especialista em Desenho, Registro e Memória Visual e mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela UEFS e atuou como professor do Departamento de Letras e Artes, da UEFS²³. Como pesquisador teve um de seus estudos com foco sobre a preservação da arquitetura eclética em Feira de Santana²⁴, sendo uma das principais referências para a presente pesquisa. Além de arquiteto e pesquisador, tem um grande reconhecimento por seus trabalhos como artista plástico, sendo autor de um dos monumentos mais conhecidos da paisagem

²³ Cf. DÓREA, Juraci. Currículo Lattes. *Plataforma Lattes*, 2025. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1195963244062064>. Acesso em: 7 jan. 2025.

²⁴ Cf. DÓREA, Juraci. *Feira de Santana: memória e remanescentes da arquitetura eclética*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.

feirense, o “Todos os Caminhos”²⁵. Everaldo estudou na UFBA com o sócio e projetaram juntos desde a graduação²⁶.

Ao longo dos anos outros arquitetos colaboraram com a dupla em diferentes projetos como Maria Aparecida Morais Falcão em 1982 e Augusto César de Carvalho Pacheco que participou em dois projetos no ano de 1982 e mais um em 1983, Maria Inês Cerqueira Oliveira aparece em 1984 colaborando com um projeto em trio e outro em quarteto complementado por Rita de Cássia Rebouças Cerqueira. Mas no período estudado não foram encontradas produções desses arquitetos em trabalho solo dentro da tipologia analisada. De qualquer forma, vale chamar atenção para a presença de mulheres nesse panorama, mas que até hoje recebem menor reconhecimento na prática projetual, embora sejam maioria (tentar conferir esse dado “numérico”).

O segundo escritório com maior representatividade foi protagonizado por Luiz Humberto de Souza Carvalho e Neilton Dórea Rodrigues de Oliveira, sendo responsáveis por 8 dos projetos fichados. Diferente dos anteriormente mencionados, esses arquitetos têm Salvador como município de registro no conselho profissional²⁷. Ainda assim, elaboraram mais trabalhos em solo feirense que muitos arquitetos registrados em Feira de Santana²⁸. O primeiro graduou-se pela UFBA em 1973, e o segundo um ano mais tarde, em 1974. De acordo com Andrade (2022) a sociedade que teve início em 1976 foi desfeita nos anos 1990. Desde então os arquitetos seguiram com escritórios independentes. Neilton, além do escritório individual,

²⁵ Cf. LEITE, Bruno. Conhecendo 8 monumentos de Feira de Santana. *Feirenses*, Feira de Santana, 10 out. 2016. Disponível em: <https://feirenses.com.br/monumentos-feira-de-santana/>. Acesso em: 7 jan. 2025.

²⁶ Everaldo Marques de Cerqueira, tem Feira de Santana como município de registro no Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), e teve início em abril de 1971, enquanto o registro de seu sócio data de 1969, ambos continuam ativos até a data da presente pesquisa, janeiro de 2025. Cf. <https://acheumarquiteto.caubr.gov.br/>.

²⁷ Luiz Humberto de Souza Carvalho, tem registro no CAU com início em março de 1974, enquanto o de Neilton Dórea Rodrigues de Oliveira tem início exatamente um ano após, em março de 1975. Ambos têm Salvador como município de registro e continuam ativos até a data da presente pesquisa, janeiro de 2025. Cf. <https://acheumarquiteto.caubr.gov.br/>.

²⁸ De acordo com projetos encontrados no Arquivo Público Municipal, além da tipologia objeto dessa pesquisa esses arquitetos foram responsáveis pelo projeto de muitas residências padronizadas dentro do que seriam os primeiros condomínios residenciais em Feira de Santana, como o Loteamento Muchila projetada em 1983 e aprovada em 1984, e o edifício multiresidencial Santana dos Olhos D’Água em 1982, ambos pela incorporadora Falcão Incorporações e Empreendimentos LTDA. (FIEL).

atua como professor da UFBA desde 1980²⁹ concluindo o doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela mesma instituição em 2016.

Em entrevista para a revista SACADA, Luiz Humberto relaciona seu sucesso profissional a três principais fatores, sendo um deles os ótimos relacionamentos de seu pai, João Luiz Carvalho, em suas palavras: “particularmente, não fiz o Hotel Feira Palace, há 45 anos, quando ainda era estudante do quarto ano, porque era bom. Mas, sim, porque era filho dele” (Carvalho apud Araújo, 2015). Além de arquiteto, é também artista plástico e foi autor de outro monumento representativo da paisagem de Feira de Santana, o monumento a Maria Quitéria, inaugurado em 2002 na mesma avenida que o de autoria de Juraci Dórea.

Lodtone Borges de Souza e Raymundo Alves Pires foi uma dupla que realizou em paralelo três projetos em parceria e três separados. Sobre o primeiro encontrou-se apenas o escritório físico³⁰, indicando que o arquiteto atua, ainda que somente na gestão. Enquanto sobre o outro não se encontrou outras informações nos buscadores virtuais consultados além do registro no CAUBR³¹.

Um arquiteto feirense que aparece com projetos sem parcerias, na tipologia e período estudados, foi Antônio Edson de Oliveira Freitas com cinco projetos entre 1976 e 1984. Além dele, outro profissional que integrou esse cenário com alguns projetos solo foi Gabriel Vega Torres, um arquiteto peruano, que se instalou em Feira de Santana no período e projetou três exemplares encontrados na década de 80.

Dentre os arquitetos que apareceram de forma esporádica dentro da pesquisa com apenas um projeto estão José Juracy de Oliveira Pereira, José Monteiro Filho, Joaquim Dionísio Brasileiro Franco e Jairo Cedraz de Oliveira todos com registro feirense. Enquanto Fernando Peixoto, um dos arquitetos que aparece com um projeto apenas em 1985, tem registro soteropolitano. Graduado pela UFBA em 1969, segundo Andrade (2022) Fernando Peixoto e o

²⁹ Cf. DÓREA, Neilton. Currículo Lattes. *Plataforma Lattes*, 2025. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0254166304145065>. Acesso em: 7 jan. 2025.

³⁰ O escritório se localiza na rua Leolinda Bacelar Lima, no bairro Centro, em Feira de Santana. Cf. <https://maps.app.goo.gl/eqWH8eUuBjGhdrZk6>.

³¹ Raymundo Alves Pires teve início do registro em maio de 1967, enquanto Lodtone Borges de Souza se registra apenas 11 anos depois, em 1978, ambos têm Feira de Santana como município de registro e continuam ativos até a data da presente pesquisa, janeiro de 2025. Cf. <https://acheumarquiteto.caubr.gov.br/>.

já mencionado Neilton Dórea estão entre os arquitetos baianos mais reconhecidos e influentes das últimas décadas, citando no mesmo texto o sócio também já mencionado Luiz Humberto.

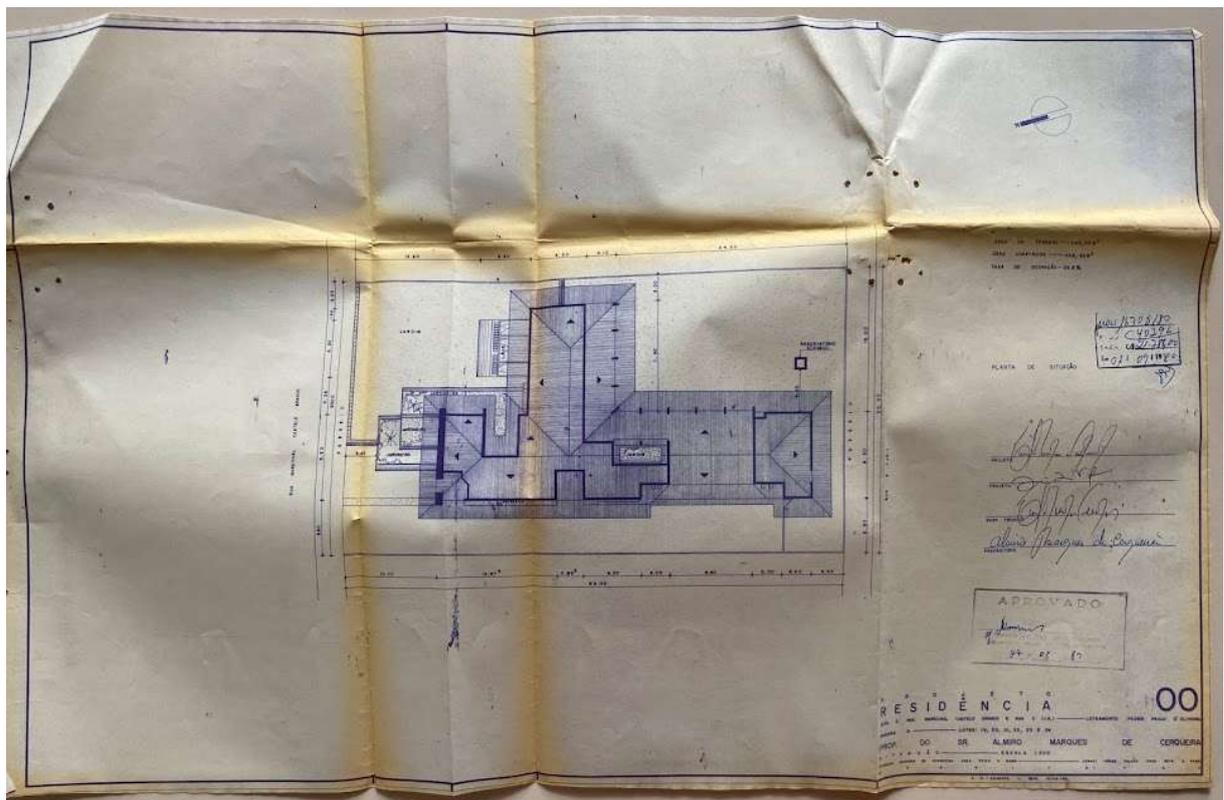
Observa-se que os escritórios de Juraci e Everaldo, Luiz e Neilton, que juntos foram responsáveis por mais de 70% da produção analisada, apresentam uma forte ligação com as artes e a pesquisa. Os profissionais à frente desses escritórios não apenas demonstram excelência técnica na resolução funcional dos projetos, que se deve, em grande parte, à formação que receberam durante o período em que estudaram na UFBA. Nessa época, entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970, tiveram a oportunidade de ser alunos de grandes nomes da arquitetura, como Américo Simas Filho, Diógenes de Almeida Rebouças e Walter Veloso Gordilho. Mas para além disso, esses profissionais carregam um grande diferencial: o senso plástico de um artista e o senso crítico de um pesquisador. A união dessas faculdades contribui para que seus projetos adquiram um valor expressivo, transcendendo o aspecto puramente funcional.

Conhecidos esses autores, passemos à análise de cada um dos casos.

3.3.1 Casa à rua Marechal Castelo Branco

O projeto de autoria dos arquitetos Everaldo Marques de Cerqueira e Juraci Dórea Falcão, aprovado no ano de 1980, compreende um terreno de 1.590 metros quadrados no bairro Santa Monica, resultado da compra de seis lotes pelo pecuarista Almiro Marques de Cerqueira³². Esse remembramento gerou um lote com duas fachadas de 30 metros, tendo ao norte a rua Marechal Castelo Branco, e ao sul a rua Juscelino Kubitschek (**Figura 21**).

Figura 21: Prancha de Situação da casa à rua Marechal Castelo Branco.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

Mesmo com duas testadas os acessos foram projetados apenas para a fachada norte, deixando ao sul uma fachada cega. Os proprietários dos terrenos vizinhos adotaram a mesma estratégia, remembrando alguns lotes e ignorando a testada voltada para a Rua Juscelino

³² A profissão do proprietário foi um dado retirado do documento para aprovação anexado ao projeto encontrado no Arquivo Público Municipal. Não foram encontrados dados complementares em fontes de pesquisa virtuais, mas é válido destacar que o proprietário e um dos arquitetos responsáveis pelo projeto têm o mesmo sobrenome.

Kubitschek. Esse processo resultou em uma via com pouca ocupação, quase inabitada se não fosse utilizada para acesso às construções localizadas no lado oposto da rua (**Figura 22**).

Figura 22: Rua Juscelino Kubitschek em 2019.



Fonte: Google Street View.

Enquanto a fachada voltada para a rua Juscelino Kubitschek se mantém ignorada, a casa se apresenta para a rua Marechal Castelo Branco, destacando uma composição arquitetônica marcada pela dualidade entre o concreto e a telha colonial (**Figura 23**). Esses elementos se tornam centrais na definição volumétrica da construção. A separação entre a alvenaria e a cobertura é recuada e preenchida por muxarabis, criando uma leveza visual que confere à estrutura a impressão de que a cobertura flutua sobre o restante do edifício.

Figura 23: Casa à rua Marechal Castelo Branco em 2022.



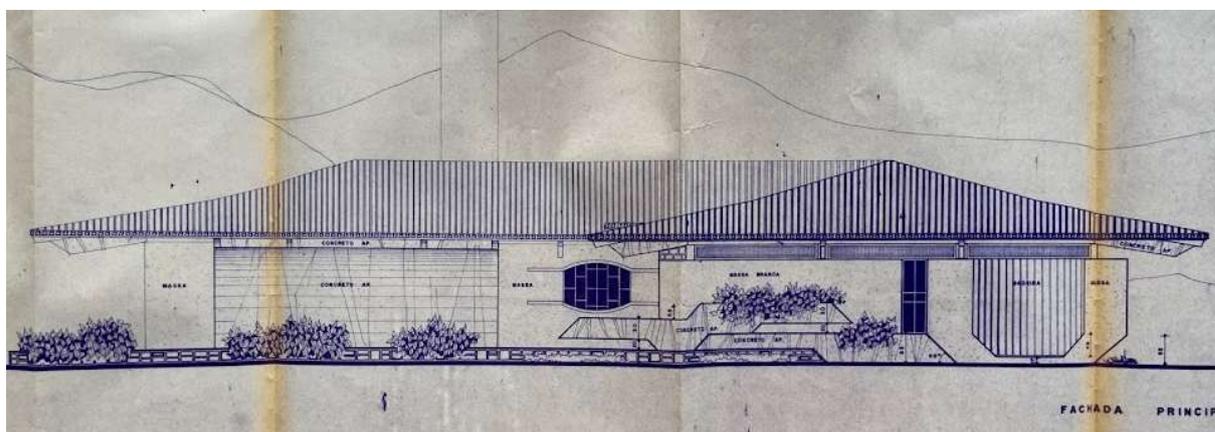
Fonte: Google Street View.

O afastamento da construção em relação ao limite do lote, demarcado por um gradil que funciona como barreira física, mas não visual, reforça a percepção da obra. Ao afastar o olhar do pedestre, faz com que o mesmo possa observar a construção como um todo, numa estrutura emoldurada por um jardim elevado sobre bases de concreto, cria-se uma transição fluida entre o solo e a edificação, dissolvendo visualmente as fronteiras entre o elemento natural e o construído.

Nesse projeto, o reservatório de água se configura como um volume externo, posicionado de forma discreta e afastada da fachada principal, tornando-se imperceptível a partir da calçada e visível apenas sob a perspectiva da rua Juscelino Kubitschek. Diferentemente de outros projetos que incorporam o reservatório à composição volumétrica ou o integram ao corpo principal da edificação, a uniformidade da volumetria aqui não permitiu essa sobreposição. Aqui não era possível elevar esse elemento dentro da volumetria principal, pois a mesma é caracterizada por um volume contínuo, cuja principal expressão formal reside na cobertura de amplo beiral e inclinação variável, elemento que define a composição e reforça a horizontalidade do conjunto (**Figura 24**). Ainda assim, é notável que o reservatório não tenha sido escondido ou camuflado, nem no corpo principal da casa, nem na área de serviço. Pelo contrário, ao se erguer como um prisma sólido e isolado no jardim posterior, parece conjugar o aspecto urbano (basta lembrarmos do reservatório do Tomba e sua relevância na paisagem

feirense), distinto àquele rural (em que muitas vezes o reservatório d'água, por variados motivos, é afastado das construções).

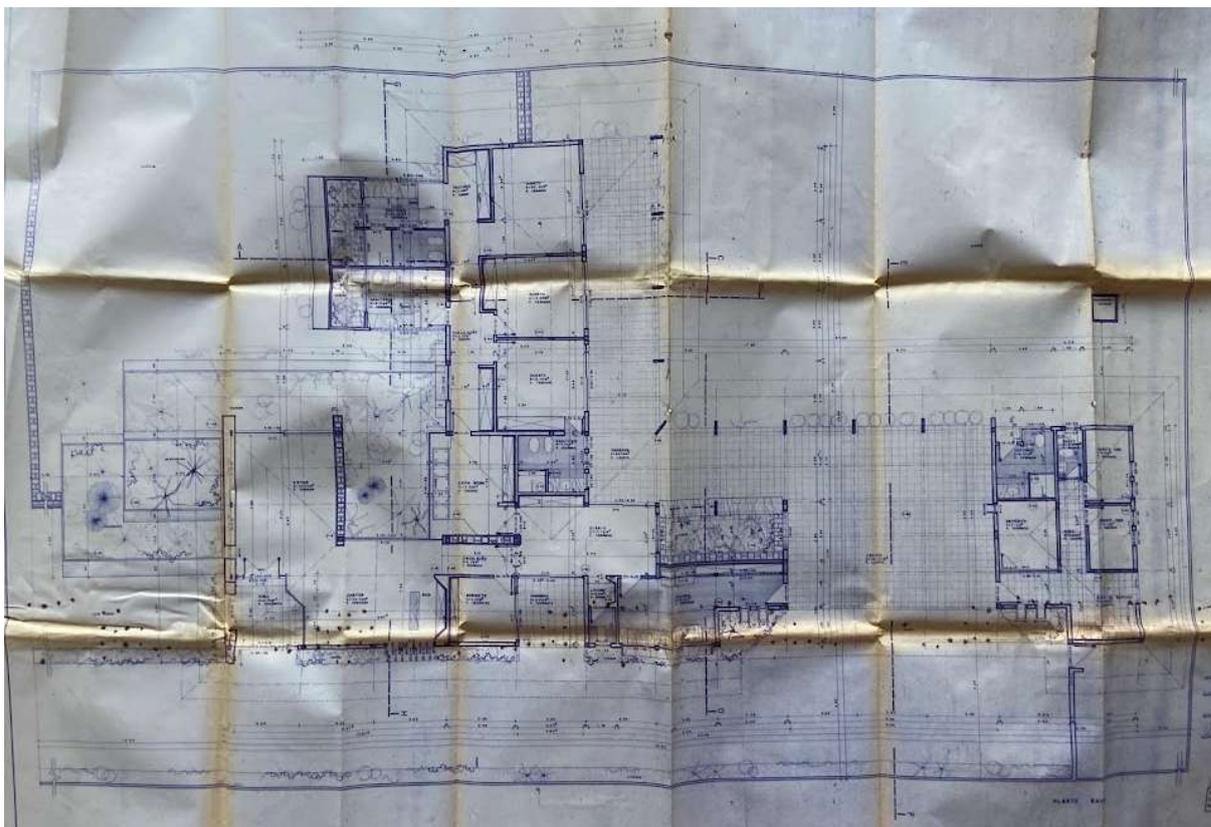
Figura 24: Projeto da fachada da casa à rua Marechal Castelo Branco.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

Analisando a planta desse projeto (**Figura 25**) percebe-se como se distribuíram os ambientes para que uma das testadas fosse ignorada. O setor de serviços, o reservatório elevado e uma área livre localizam-se próximos à Rua Juscelino Kubitschek, enquanto a construção principal é separada desse conjunto pelo abrigo de veículos. Embora o acesso veicular pudesse ser mais prático pela fachada sul, a opção do projeto foi direcionar a entrada pelo setor social, permitindo que os proprietários desembarquem antes que o veículo seja conduzido ao abrigo. Essa escolha reflete uma preocupação com a comodidade e a segurança, uma vez que o abrigo se situa próximo aos alojamentos dos empregados e afastado do olhar externo.

Figura 25: Planta da casa à rua Marechal Castelo Branco.



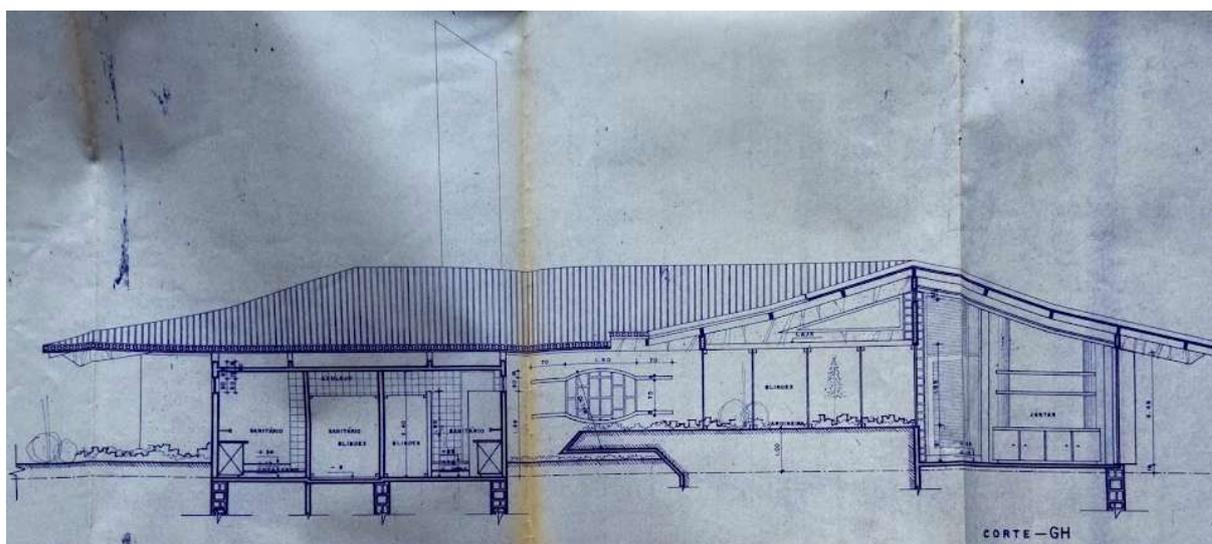
Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

Outra justificativa para o fechamento em muro alto da fachada sul se relaciona à função da área livre no lote que a partir da disposição dos demais ambiente se entende como um espaço mais íntimo que social, exigindo assim, certa privacidade. Essa área não se relaciona com o setor social como os projetos que veremos adiante, o que pode indicar que inicialmente não foi pensada a recepção de visitantes como uma necessidade dessa construção. Por outro lado, todos os quartos do setor íntimo trazem grandes portas de correr em vidro temperado que se abrem para esse espaço aberto a partir de um varandado. Essa solução prioriza o conforto térmico desses ambientes, considerando que os ventos predominantes na região vêm da direção sudeste. Portanto, tal função e disposição justifica a necessidade de trazer para essa fachada não apenas um obstáculo físico, mas também visual, diferentemente da rua Marechal Castelo Branco.

A racionalização da planta moderna se manifesta neste projeto por meio de uma estrutura modulada em grade, semelhante a uma malha. A composição é marcada por pilares em concreto, que sustentam uma cobertura mista, composta por caibros e ripas de madeira, apoiados sobre terças de concreto. Essas terças se estendem além dos limites das paredes, configurando um elemento compositivo que se destaca na fachada. Internamente (**Figura 26**),

permanecem expostas e são combinadas a um forro de madeira que acompanha a inclinação da cobertura, preenchendo apenas o espaço entre as terças, evidenciando-as visualmente. Essa solução, que valoriza a materialidade e a estrutura aparente, imprime um caráter de sofisticação ao projeto, em oposição a simplicidade da laje plana empregada nas áreas de sanitário.

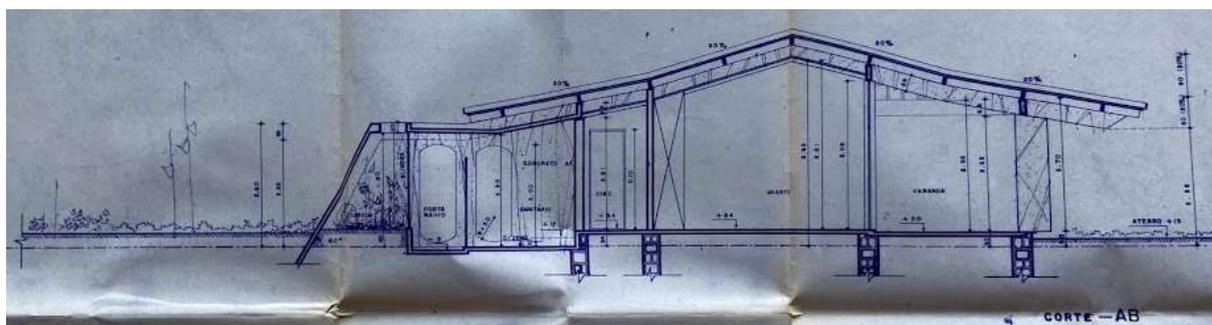
Figura 26: Corte GH da casa à rua Marechal Castelo Branco.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

O corte abaixo (**Figura 27**) evidencia como a construção se abre para o interior do lote por meio da varanda, promovendo uma forte integração entre os quartos e a área livre do terreno. Tem-se como único elemento entre esses ambientes grandes portas de vidro que ocupam quase todo o vão, garantindo elevada permeabilidade visual e continuidade espacial. Por outro lado, no bloco dos sanitários, a construção se fecha para o espaço público de modo que a fachada voltada para a rua Marechal Castelo Branco é encerrada por uma parede inclinada de concreto, que abriga um jardim semi-enclausurado, conferindo um caráter mais reservado a essa porção da edificação.

Figura 27: Corte AB da casa à rua Marechal Castelo Branco.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

O sanitário ganha destaque no projeto, um ambiente com paredes de concreto com sua materialidade aparente tanto externa quanto internamente, que se contrapõe visualmente ao jardim integrado, protegido pela parede inclinada. A iluminação zenital nesse espaço reforça a atmosfera acolhedora e contemplativa. Essa composição reflete mais uma vez a essência do projeto como o equilíbrio entre o concreto – robusto e expressivo – e materiais tradicionais e naturais, como a cerâmica, a madeira e a vegetação, reafirmando esse contraste como princípio fundamental na concepção arquitetônica dessa obra.

A partir de imagens de satélite (**Figura 28**) percebe-se que, em 2002, o entorno dessa construção ainda apresentava muitas áreas não edificadas. No entanto, ao longo dos vinte anos seguintes, essas foram gradualmente ocupadas. E dentro dessa pequena poligonal, quatro edifícios foram erguidos, alterando significativamente a paisagem local. É perceptível também que no espaço do terreno que estava livre no projeto foi construída uma piscina, atendendo a uma demanda que se tornou padrão em algum período após aprovação do projeto original analisado. As construções vizinhas ao objeto de estudo apresentam um padrão de implantação semelhante, configurando-as como parte de um conjunto maior.

Figura 28: Imagens satélites da poligonal à rua Marechal Castelo Branco em 2002 e 2022.



Fonte: Google Earth.

Durante o período de vinte anos que separam as duas imagens satélites anteriormente mencionadas, uma das casas mais próximas foi demolida para dar lugar a um estacionamento (**Figura 29**), já outra ao lado passou por pequenas adaptações para receber uma loja de móveis planejados (**Figura 30**), enquanto outras casas pertencentes ao conjunto se mantêm preservadas (**Figura 31**), ainda que a paisagem visual do conjunto tenha se modificado pela implantação de um dos prédios mencionados que ocupou um terreno vazio.

As casas da **Figura 31** (Rua Marechal Castelo Branco 1007 e 1015) seriam de especial interesse para a pesquisa, pois, além da preservação, são visivelmente representativas da expressão do moderno em Feira de Santana. Entretanto, essas casas não constam no fichamento em apêndice pois não tiveram seus projetos localizados dentro da pesquisa junto ao arquivo público municipal dentro do período de aprovação investigado, o que não impossibilita uma investigação por outra abordagem em pesquisas futuras.

Esses exemplos ilustram as transformações que vêm ocorrendo no bairro, evidenciando que a mudança de uso pode ocorrer em diferentes escalas de intervenção, cada uma refletindo distintas visões sobre o papel do espaço urbano e seu patrimônio. Assim, a forma como esse processo se concretiza reflete uma escolha entre destruição, adaptação e preservação, decisões que moldam não apenas a paisagem física, mas também a identidade e a memória do local.

Figura 29: Casa em 2011 e estacionamento em 2022.



Fonte: Google Street View.

Figura 30: Casa em 2011 e loja de móveis em 2022.



Fonte: Google Street View.

Figura 31: Casas em 2011 preservadas em 2022.

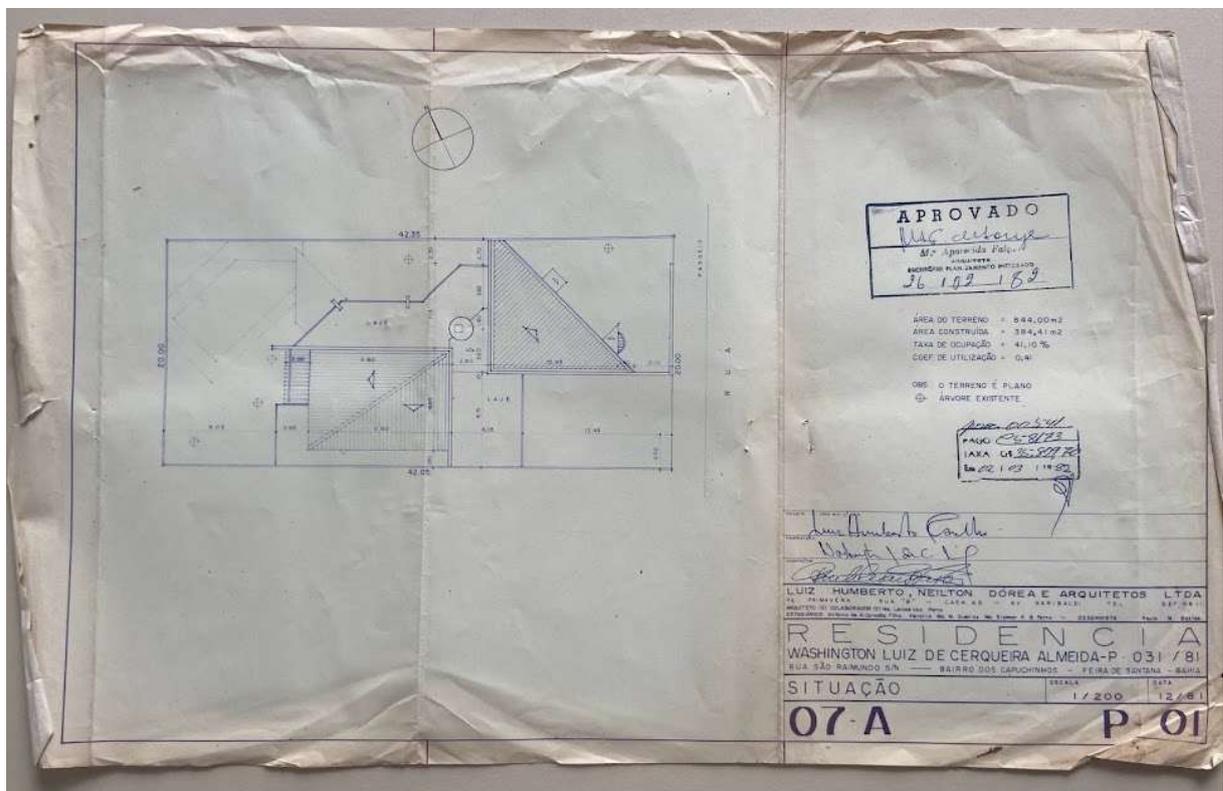


Fonte: Google Street View.

3.3.2 Casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo

O projeto de autoria dos arquitetos Luiz Humberto de Souza Carvalho e Neilton Dorea Rodrigues de Oliveira foi aprovado no ano de 1982 para a família do médico Washington Luiz de Cerqueira Almeida³³. O terreno de 844 metros quadrados fica localizado na rua Milton Leite Rodrigues de Melo, 460, no bairro Santa Monica (**Figura 32**). Com quase metade da dimensão dos outros estudos de caso e uma fachada sudeste de 20 metros, o lote ainda contava com outra limitação, 5 árvores existentes que foram incorporadas ao projeto.

Figura 32: Prancha de Situação da casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

O destaque da construção se dá para os dois volumes triangulares em tijolo aparente conectados por uma laje em concreto e um volume cilíndrico em tijolos a tição³⁴ de modo que

³³ Médico especialista em otorrinolaringologia, atual diretor presidente do hospital Otorrinos, centro de referência no Norte e Nordeste na área de especialização.

³⁴ Tijolo a tição: alvenaria onde os blocos são assentados no sentido longitudinal de modo que o comprimento do bloco define a espessura da parede.

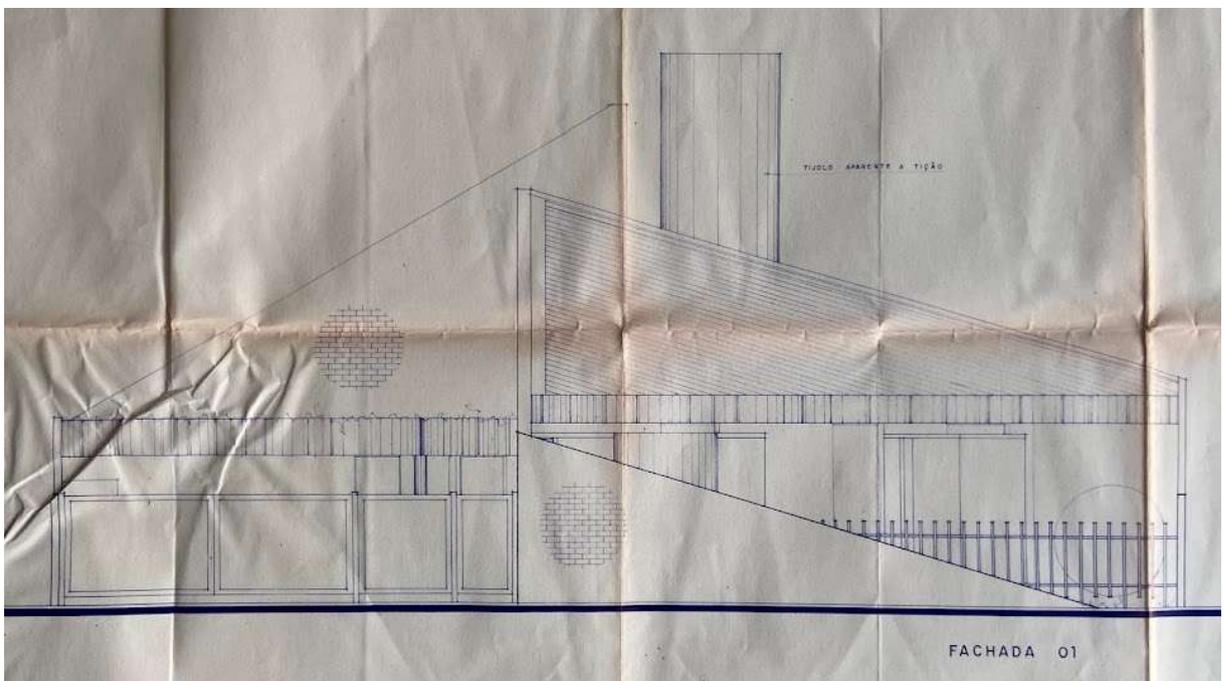
sua altura é suavizada pela inclinação dos volumes principais que convergem seus pontos mais altos ao encontro do volume cilíndrico (**Figura 33**).

Figura 33: Casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo em 2022.



Fonte: Google Street View.

Figura 34: Projeto da fachada da casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

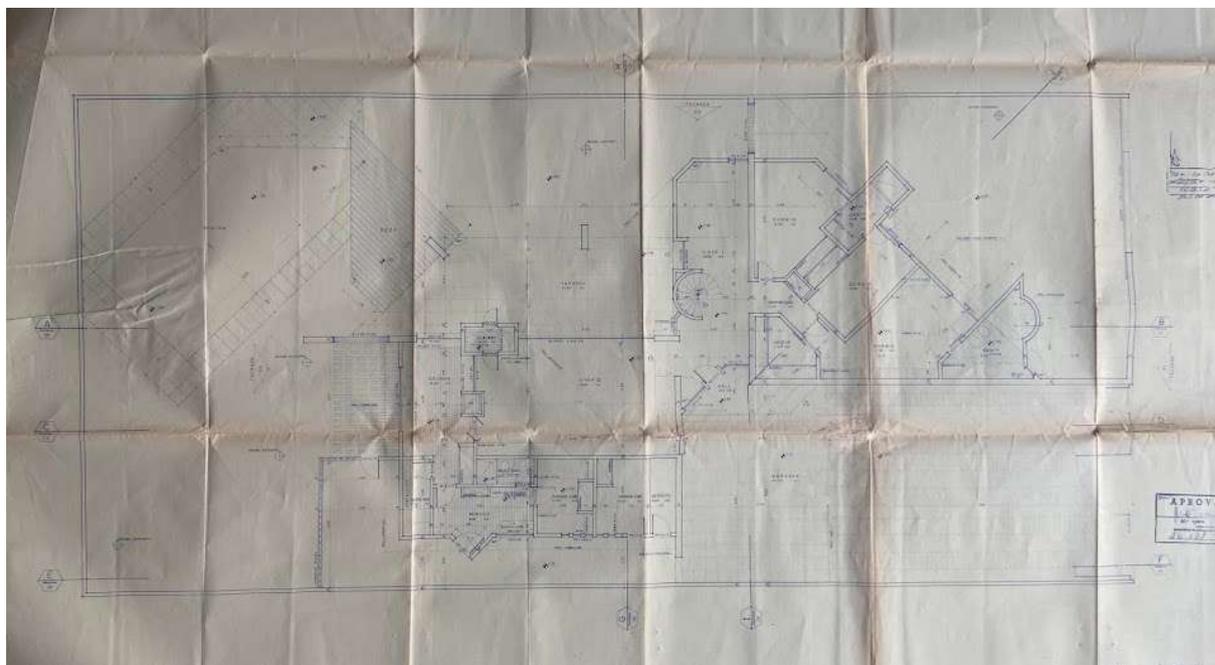
A fachada do projeto (**Figura 34**) traz uma composição de triângulos opostos onde o topo do muro se inclina até o solo desvelando a construção para o transeunte limitando o espaço

através de uma grade que se constitui num obstáculo físico, porém não visual. Contudo a construção substituiu o gradil por um muro simples que preenche o espaço antes aberto, mas que preserva uma clara diferença na materialidade entre o antigo e o novo. Outra mudança percebida foi o acréscimo na dimensão da fachada do terreno ao lado do abrigo de veículos onde se tem uma área gramada que amplia a testada original, mas não altera os usos internos à construção.

A partir da análise da planta (**Figura 35**) é possível perceber que o complemento ao muro pode ter sido necessário para uma maior privacidade da família nesse setor que abriga os quartos. Originalmente essa privacidade era delegada à vegetação contando com uma das árvores já existentes e à angulação no bloco do setor íntimo, orientando os quartos para os ventos predominantes a leste da cidade.

Enquanto isso, o poente era entregue ao setor de serviços e, junto a ele, aos quartos de empregados. Nessa setorização toda a área de lazer se implanta estrategicamente ao norte, área que recebe a luz solar direta a maior parte do dia e do ano, propício para uma área de lazer que conta com uma piscina, um dos maiores símbolos de status numa residência.

Figura 35: Planta da casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

Percebe-se o caráter receptivo da casa quando se projeta uma área de lazer com piscina, deck e varanda com a cozinha da casa se comunicando com esse espaço através de um balcão

e um lavabo que atende tanto ao viver³⁵ quanto ao espaço externo, a divisão entre a varanda e o viver se dá apenas por um elemento de vidro temperado.

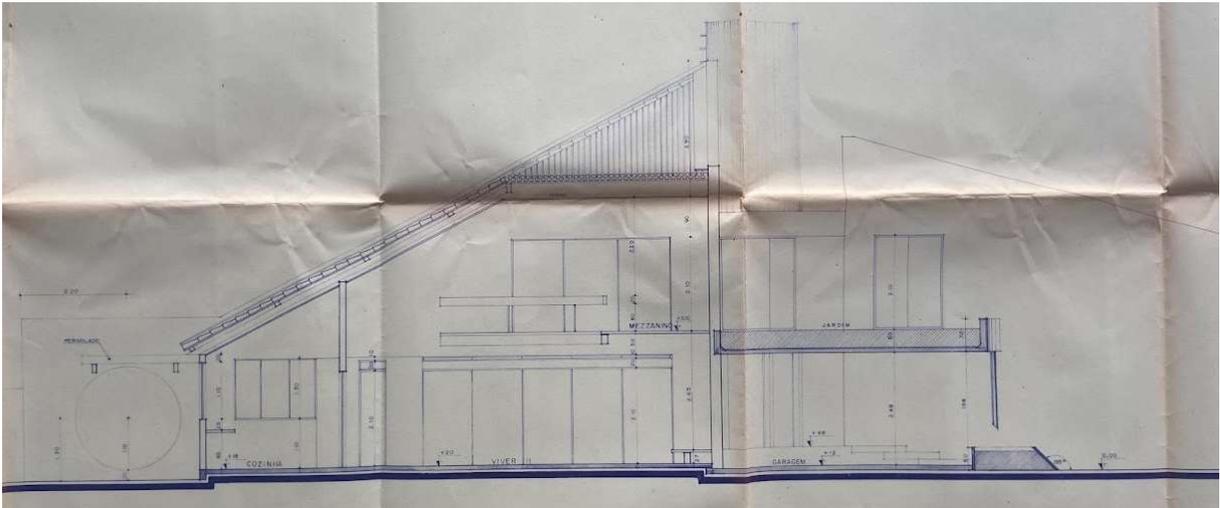
O volume cilíndrico que aparece na fachada e compõe a volumetria internamente se reproduz na escada helicoidal que leva ao mezanino do pavimento superior (**Figura 36**), que traz um jogo de diferentes níveis, altura e pés direitos para o interior da construção, numa reprodução do que se expressa externamente.

Os banheiros se projetam para fora do volume principal da construção dinamizando as empenas externas, enquanto internamente traz a possibilidade de um banho descoberto, onde a cobertura da casa se limita ao volume principal, e o volume que saca é coberto por um pergolado que faz o momento do banho mais que um ritual de higiene.

Por mais que a área de lazer e de serviços estejam próximas, há uma divisória em cobogó entre elas que cria uma barreira visual entre as distintas atividades e personagens que ocupam esses espaços. É perceptível como os fluxos não se misturam desde o acesso aos ambientes internos até toda atividade que se restringe ao setor de serviços, isolados de modo que sequer são vistos pelos proprietários e visitantes.

³⁵ Alguns arquitetos, como Luiz Humberto e Neilton Dorea, utilizam “viver” para designar os espaços habitualmente nomeados como “estar”.

Figura 36: Corte CD da casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo.

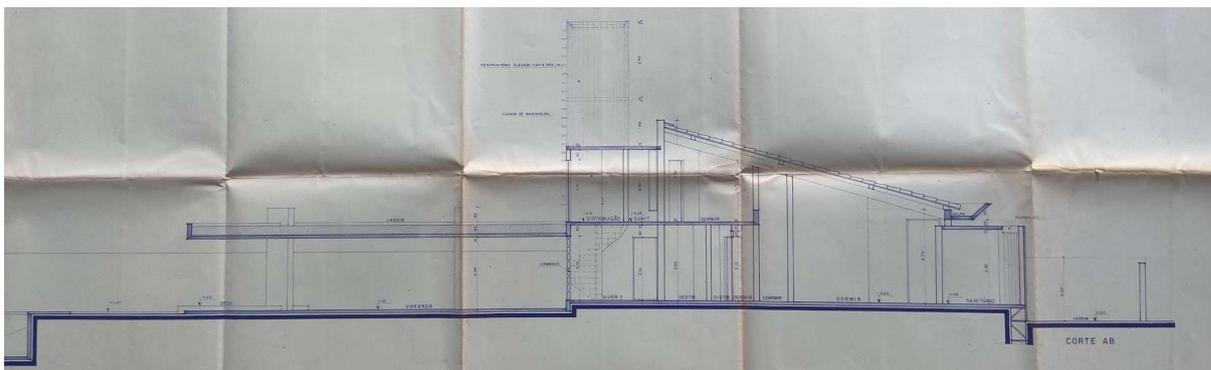


Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

Os jardins, neste projeto, não se estendem para o interior da edificação, mas se consolidam sobre a cobertura (**Figura 37**), criando uma segunda camada de envolvimento paisagístico. Essa estratégia reforça a integração com a natureza, emoldurando a construção não apenas no nível do solo, mas também em sua perspectiva vertical. A vegetação pendente projeta-se a partir da cobertura, descendo sobre a garagem e a varanda lateral, contribuindo para a composição visual e intensificando a sensação de continuidade entre o edificado e o entorno natural. Essa solução não apenas qualifica esteticamente o projeto, mas também desempenha um papel relevante na regulação térmica e na valorização do espaço externo.

Os pilares externos que sustentam o teto jardim são volumes em tijolo maciço atravessados pelo elemento em concreto aparente que se contrapõem numa união entre as possibilidades da estrutura em concreto armado e o tradicional tijolo cerâmico maciço, presente também na combinação de lajes planas e telhas coloniais.

Figura 37: Corte AB da casa à rua Milton Leite Rodrigues de Melo.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

Em 2002 era possível perceber na imagem de satélite dois edifícios de apartamentos em seu entorno, mas vinte anos mais tarde já havia mais três (**Figura 38**). Desses últimos, dois foram construídos a partir da demolição de casas presentes no fichamento em apêndice e analisadas para a construção dos subcapítulos anteriores a essa sessão (ver fichas CM14, CM15, CM60). É importante destacar aqui que havia um terreno contíguo com as mesmas dimensões que permanece vazio, mas ainda assim, os incorporadores demoliram duas residências (CM14 e CM15) em vez de edificar num lote já livre de outras construções. Essa situação demonstra como o terreno se tornou mais valioso que a construção e como a verticalização não vem da necessidade por poucos lotes disponíveis. Pelo contrário, a especulação imobiliária faz com que se verticalize um espaço que ainda possui lotes não edificados ao mesmo tempo que invalida construções que podem ter grande valor histórico.

Figura 38: Imagens satélites da poligonal a rua Milton Rodrigues de Melo em 2002 e 2022.



Fonte: Google Earth.

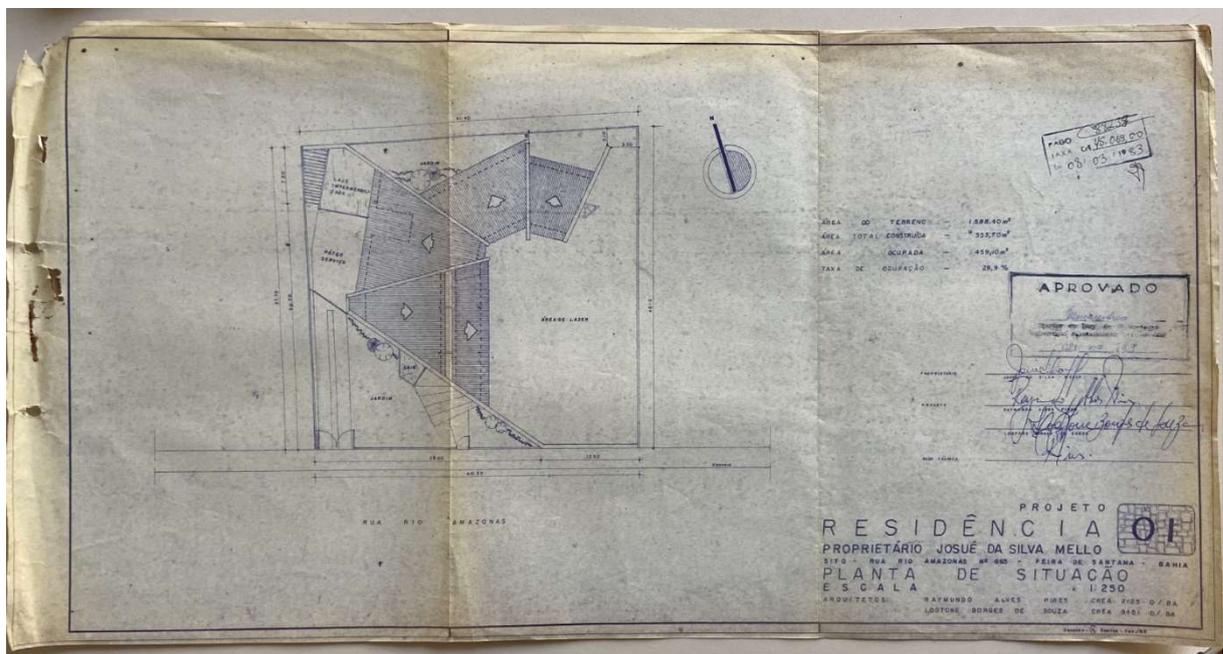
Até aqui, vale destacar soluções diferentes entre as duas casas. Enquanto a primeira esconde o veículo aos fundos e próximo ao setor de serviços, a segunda traz o veículo para a fachada principal da construção. Essa decisão pode ser consequência de uma testada mais estreita - questão posteriormente suavizada com um terreno anexado ao lote - que se torna ainda menor quando o projeto a divide ao meio para criar um espaço de jardim para o setor íntimo, que também se coloca a frente do lote. Diferentemente do projeto anterior, que leva esse jardim íntimo para os fundos, aqui o jardim dos fundos é claramente um espaço social e de visitas, visto a proximidade e integração com os espaços internos de estar e cozinha.

Enquanto o projeto anterior separa o reservatório da estrutura principal da construção, essa a incorpora à composição volumétrica da construção, ainda que ambas tenham destaque, a forma como isso ocorre é diferente. Ainda sobre essa volumetria, os destaques em ambas as casas se difere em muito, enquanto a primeira se compõe de distintos elementos com vigas em concreto, telhado cerâmico, muxarabis, a segunda se compõe principalmente do tijolo cerâmico formando um grande bloco interrompido por vigas e lajes em concreto aparente. Contudo ambos se valem do diálogo entre elementos tradicionais e modernos.

3.3.3 Casa à rua Rio Amazonas

O projeto de autoria dos arquitetos Raymundo Alves Pires e Lodtne Borges de Souza, aprovado no ano de 1983, se localiza na rua Rio Amazonas, 665, no bairro Santa Monica. Os projetistas tinham um terreno de quase 1.600 metros quadrados e uma fachada sul de mais de 40 metros para implantar o programa de uma residência para a família do professor Josué da Silva Mello³⁶. A proporção quase quadrada entre largura e comprimento do lote permitiu uma implantação radial que é um dos aspectos marcantes dessa construção (**Figura 39**).

Figura 39: Prancha de situação da casa à rua Rio Amazonas.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

Essa implantação radial, ainda que não parta de um mesmo eixo, cumpre seu propósito e resulta na perda da rigidez ortogonal tradicional, conferindo maior fluidez à transição entre o espaço público e o privado. Essa configuração gera uma sutil inclinação que dilui as fronteiras entre esses domínios. O muro que contorna as divisas do terreno adentra o mesmo numa angulação que integra a construção de modo que externamente não se tem a percepção de onde um termina e outro se inicia (**Figura 40**). Assim, minimiza-se a percepção de limites claros e proporciona uma experiência espacial mais integrada.

³⁶ Personalidade importante do cenário feirense, já foi reitor da UEFS e candidato a prefeito do município, à época da construção ocupava o cargo de vice-reitor da universidade.

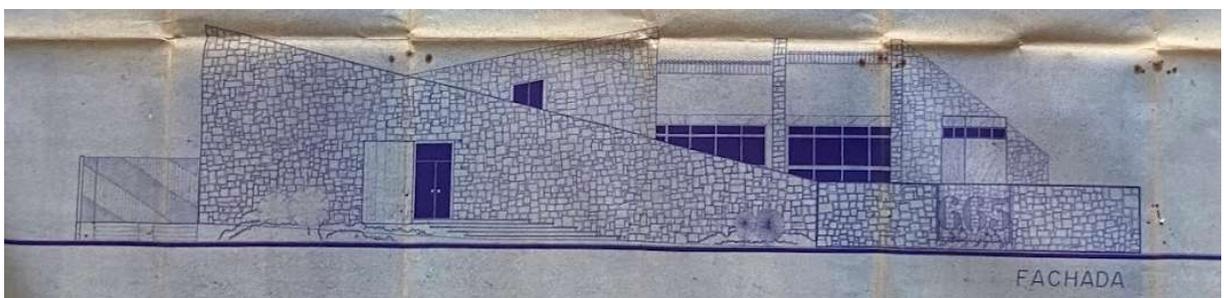
Figura 40: Casa à rua Rio Amazonas em 2022.



Fonte: Google Street View.

A arquitetura do projeto, com seu volume expressivo em pedra, assume protagonismo e não é ocultada por barreiras visuais, tendo, como em outros casos, apenas um gradil exercendo o a função de obstáculo físico. O muro que demarca o terreno acompanha o desenho da edificação, sendo interrompido por um volume flutuante que convida o visitante a explorar o espaço interno (**Figura 41**). O paisagismo, cuidadosamente integrado, complementa a composição, emoldurando a construção e potencializando o diálogo entre o edificado e os elementos naturais.

Figura 41: Projeto da fachada da casa à rua Rio Amazonas.

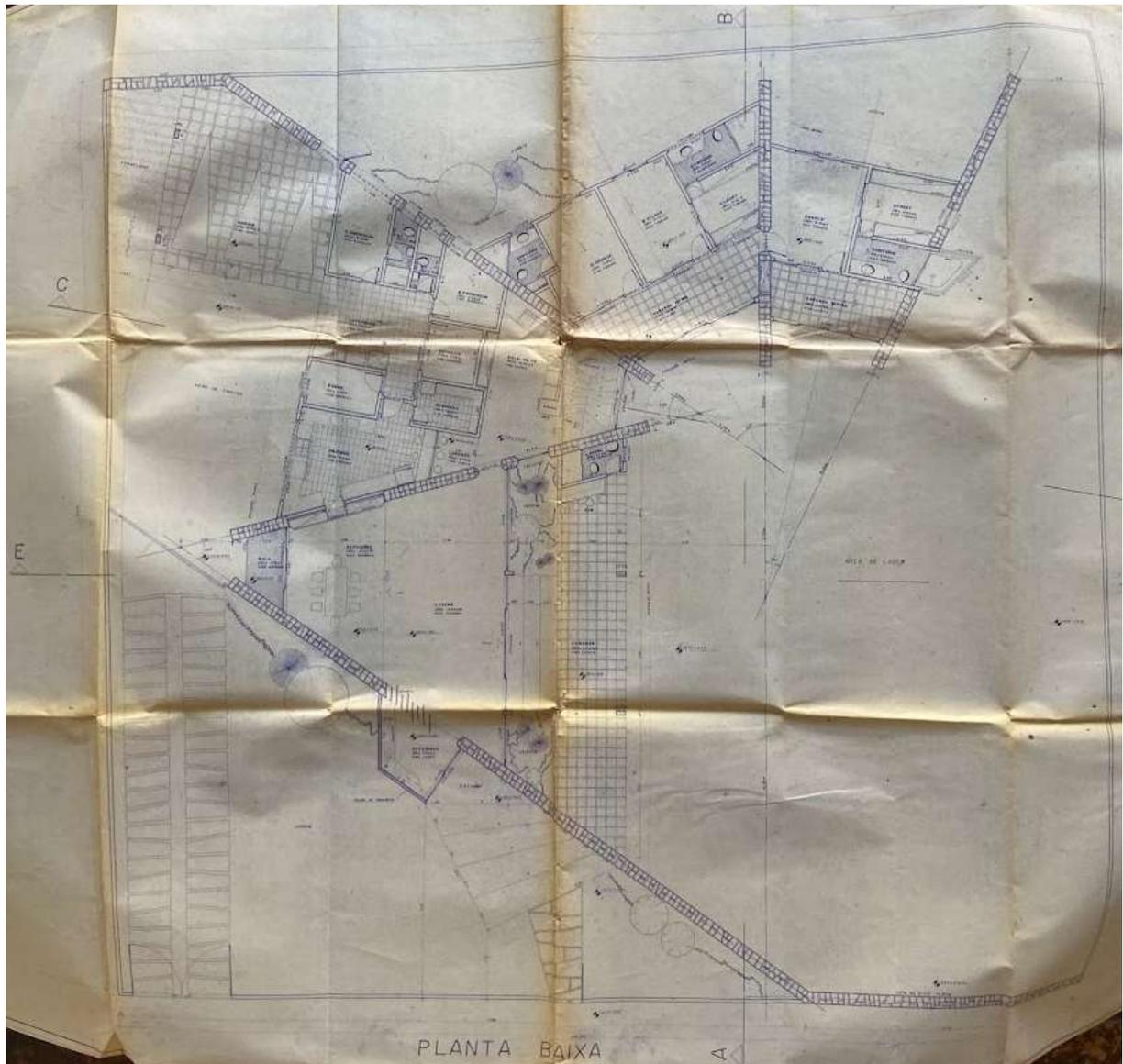


Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

A entrada principal é destacada pelo volume em balanço que se projeta a partir do muro de pedra, rompendo a solidez dessa base robusta e conferindo leveza à composição. A escada de acesso ao vestíbulo, composta por degraus de grandes dimensões, reforça essa sensação ao

apresentar proporções que priorizam amplas áreas de piso em detrimento da altura dos espelhos (**Figura 42**). Essa solução decompõe a escada em cinco patamares, promovendo uma ascensão elegante e gradual, que suavemente eleva a edificação.

Figura 42: Planta da casa à rua Rio Amazonas.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

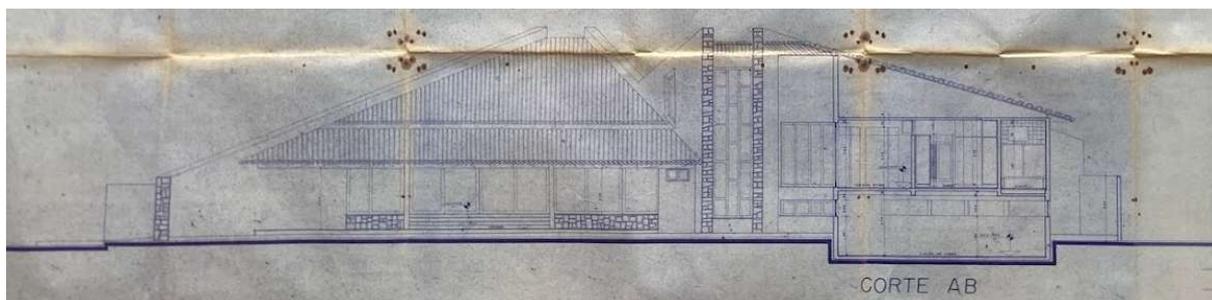
A implantação do projeto no lote com testada para a Rua Rio Amazonas organiza os setores da residência de forma hierarquizada no terreno. A segmentação espacial é marcada por muros de pedra que delimitam os setores em triângulos, criando uma transição gradual entre os ambientes mais e menos privados, de modo que quanto mais adentramos a residência mais restritos os setores se tornam. Assim, o setor social, posicionado no primeiro triângulo, é o de primeiro acesso e se abre diretamente para a área de lazer, enquanto os setores mais íntimos se

resguardam desse espaço, priorizando a privacidade. A solução radial, entretanto, faz com que exista um núcleo central de distribuição das funções, em que também se encontra a escada.

A disposição do veículo no projeto é cuidadosamente planejada para ocultá-lo da fachada principal. De modo que o trajeto do veículo se dá por um corredor lateral, conduzindo-o aos fundos da residência. Assim, apesar do acesso ocorrer pela única testada do lote, a garagem não se integra ao setor social ou à área de lazer, mas é incorporada ao setor de serviços. Este se encontra então no segundo triângulo que abriga também uma área de transição entre os três setores com escadas que conduzem aos demais ambientes, estruturados em meios níveis. Embora implantada em um terreno praticamente plano, a organização vertical do espaço maximiza a área útil sem criar novos pavimentos aproveitando a estrutura do nível térreo.

O pavimento semi-enterrado (**Figura 43**), acessível pela escada descendente, abriga a sala de jogos, caracterizada por janelas altas que proporcionam iluminação natural e conferem ao ambiente uma atmosfera sóbria. A mesma escada conduz, em sentido ascendente, à biblioteca situada acima da sala de TV, permitindo seu acesso independente do setor íntimo. Em meio nível, encontra-se então o acesso ao setor íntimo, com suítes de hóspedes e das filhas, no terceiro triângulo dispostas acima da sala de jogos.

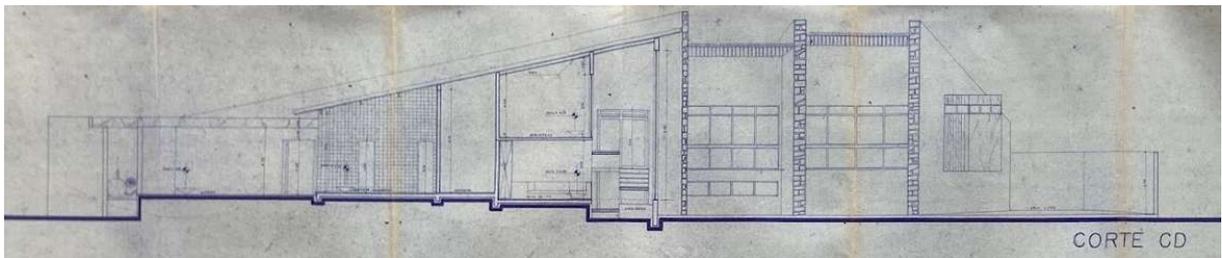
Figura 43: Corte AB da casa à rua Rio Amazonas.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

Mais à frente, o quarto e último triângulo abriga a suíte do casal, consolidando a hierarquia espacial do projeto. Essa suíte se destaca tanto pela localização quanto pelas soluções arquitetônicas, sendo a única a dispor de varanda íntima, jardim privativo e um volume flutuante que acomoda a banheira e o chuveiro. Esse volume (**Figura 44**), que, como na entrada, se projeta a partir do muro de pedra, apresenta janelas altas em todo o seu perímetro, permitindo iluminação homogênea e reforçando o protagonismo desse espaço dentro do conjunto arquitetônico.

Figura 44: Corte CD da casa à rua Rio Amazonas.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

A hierarquização espacial, aliada às estratégias de iluminação e integração com o entorno, reflete a complexidade e a sofisticação do projeto, evidenciando a relação entre privacidade, funcionalidade e expressão formal.

A análise das imagens de satélite (**Figura 45**) evidencia a crescente valorização do espaço ao longo das duas décadas que separam as capturas. Em 2002, a área já se ocupava por alguns condomínios de casas térreas, enquanto em 2022, quatro edifícios de apartamentos se estabeleceram, em parte, pela demolição de residências preexistentes. Esse processo reflete uma dinâmica em que o valor do terreno se sobrepõe ao das edificações existentes, impulsionando a verticalização como resposta ao potencial econômico da área.

Figura 45: Imagens de satélite da poligonal à rua Rio Amazonas em 2002 e 2022.



Fonte: Google Earth.

Esse cenário impulsiona um processo de verticalização movido pelo lucro, mais do que por uma necessidade habitacional. Isso é evidenciado pela permanência de terrenos vazios na região e pela ausência de novos condomínios de casas térreas. Para as incorporadoras, é mais

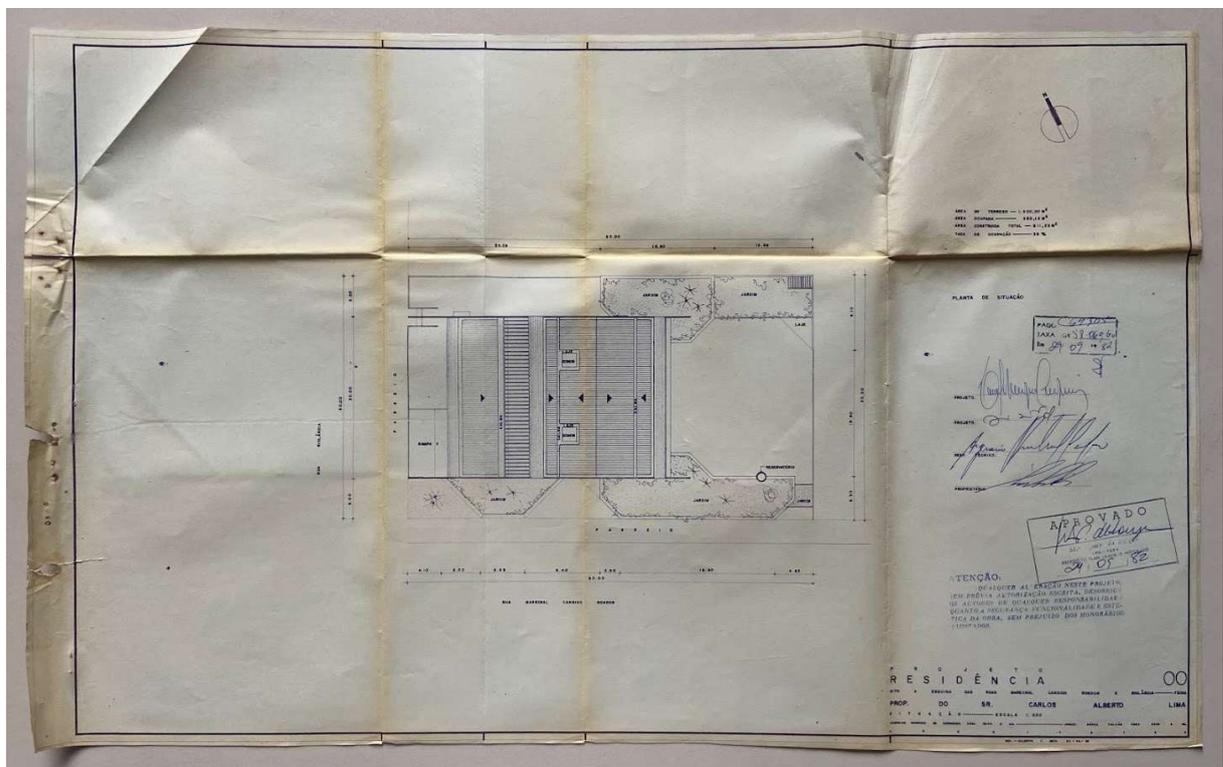
rentável demolir uma residência e erguer em seu lugar um edifício capaz de abrigar diversas famílias, em contraste com a ocupação anterior, limitada a uma única unidade habitacional. A substituição das casas por empreendimentos multifamiliares revela não apenas uma mudança na densidade e no uso do solo, mas também as transformações nos padrões urbanos e imobiliários que caracterizam o desenvolvimento da região.

Diferentemente das casas anteriores, aqui o projeto traz a materialidade da pedra natural como protagonista, mas assim como no projeto anterior, essa é interrompida por elementos em concreto. O veículo volta a estar oculto no setor de serviços, enquanto reservatório pela primeira vez não recebe destaque sendo também ocultado no espaço entre laje e telhado. Há também um trabalho no plano vertical que no primeiro projeto não existe, e que no segundo já começa a ser trabalhado, mas aqui se faz ainda mais presente com um ambiente semienterrado, que para receber iluminação e ventilação natural, elevou todo o primeiro nível da casa.

3.3.4 Casa à Rua Marechal Candido Rondon

O projeto de autoria dos arquitetos Everaldo Marques de Cerqueira e Juraci Dórea Falcão, aprovado no ano de 1982, compreende um terreno de 1.500 metros quadrados (**Figura 46**) no bairro Santa Monica, na esquina das ruas Riolândia com uma fachada de 30 metros e a rua Marechal Candido Rondon com uma fachada de 50 metros. Diferentemente das casas analisadas anteriormente, essa já foi completamente demolida no ano de 2018. Nesse caso, além da construção original, foi analisado também o estado posterior a sua demolição.

Figura 46: Prancha de situação da casa à rua Marechal Candido Rondon.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

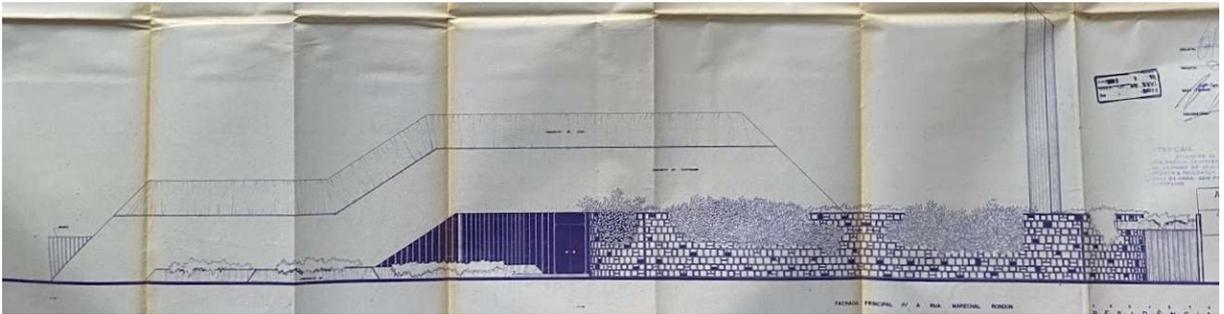
A pouca variedade nos materiais deixa o destaque para a composição formal da edificação. Na **Figura 47** é visível como o volume principal faz uso do concreto emassado e pintado, quando no projeto (**Figura 48** e **Figura 49**) esse volume ficaria no concreto aparente liso e texturado. O bloco construído em pedra que adentra o interior se desprende em relação ao volume principal aparentando apoiá-lo. Enquanto isso, o fechamento dos acessos ocorre por portões gradeados diferentes dos originalmente projetados. Mas ainda permitem uma permeabilidade visual com um elemento leve que causa menor impacto na leitura do todo construído.

Figura 47: Casa à rua Marechal Candido Rondon em 2011.



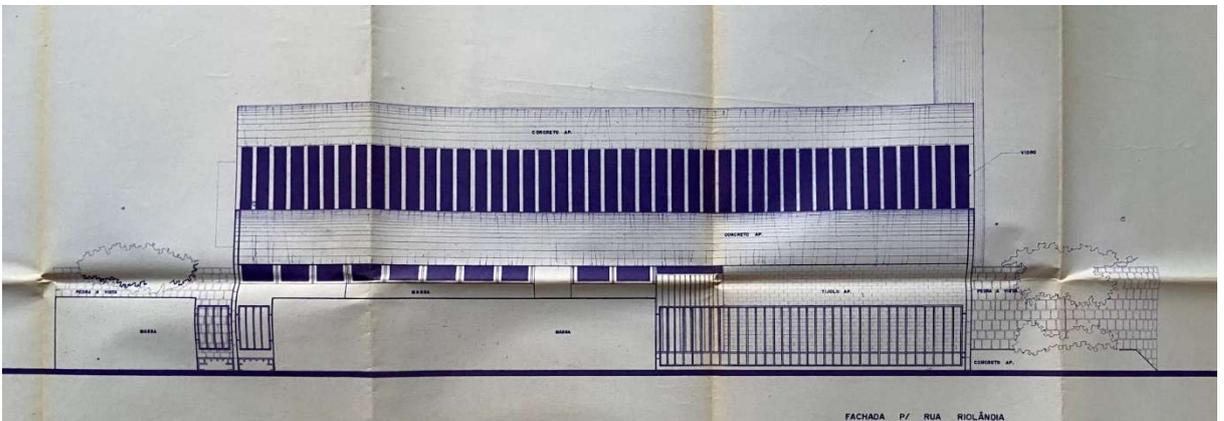
Fonte: Google Street View.

Figura 48: Projeto da fachada da casa à rua Marechal Candido Rondon.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

Figura 49: Projeto da fachada para a rua Riolândia.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

A dispensa do muro como um partido projetual, nesse caso, priorizou a preocupação plástica ao ceder uma área privada ao logradouro público, revelando o afastamento da edificação em relação ao limite do terreno como uma estratégia de exibição da volumetria. Essa decisão além de exibir a construção, torna público o jardim da casa que poderia ter sido privatizado. Tal gentileza urbana, se combina ao dinamismo do paisagismo com jardins em diferentes níveis com canteiros elevados e o muro em pedra com vegetação pendente que emolduram a obra.

As intervenções realizadas para adaptar essa edificação à função não residencial, visível em 2011, são mínimas. Uma pintura propagandista no muro lindeiro à Rua Riolândia identifica o espaço como “Ilê Axé”, “Palácio dos Orixás”, “Guardião Oxossi” e indica números para contato. Instalou-se também um totem no espaço da calçada, e uma placa de fácil remoção na fachada voltada à Rua Marechal Cândido Rondon. Desse modo, é perceptível a preocupação com o alto grau de reversibilidade³⁷ das intervenções no elemento construído e como é possível adaptar essas construções a outros usos.

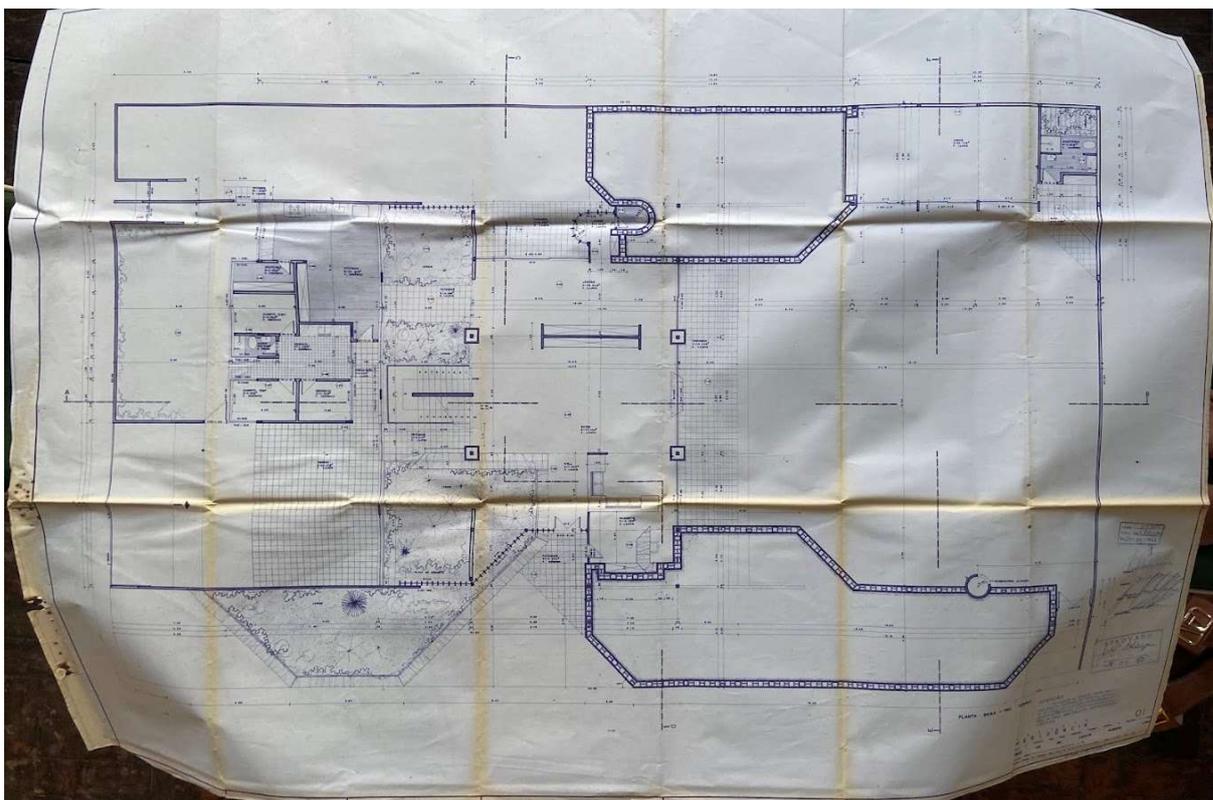
A planta da casa (**Figura 50**) demonstra como os espaços internos e externos se confundem. Com ambientes sociais integrado e poucas paredes, de um lado grandes panos de vidro separam a sala de estar e jantar do espaço aberto de lazer. Enquanto do outro lado jardins separam de forma mais sutil a área de visitas e a área destinada aos empregados, criando uma barreira física e visual. Assim também o jardim externo da fachada invade o espaço interno com uma divisão em vitral.

O bloco em pedra que aparece na fachada se repete de modo espelhado do outro lado da edificação, além da composição volumétrica, ambos cumprem a função de muro de proteção, mas também de contenção e abrigam um jardim elevado ao nível do pavimento superior. Na porção norte, uma parte desse bloco é aberto e utilizado como salão de jogos. Um bar e um sanitário integram os equipamentos que atendem o amplo espaço aberto no lote, a área de lazer da casa.

³⁷ Princípio do restauro apresentado por Beatriz Kühl, no qual “a restauração não deve impedir, tem, antes, de facilitar qualquer intervenção futura; portanto, não pode alterar a obra em sua substância, devendo-se inserir com propriedade e de modo respeitoso em relação ao preexistente” (KÜHL, 2006, p. 25)

Considerou-se no projeto a situação de um lote de esquina de modo que os acessos foram distribuídos demonstrando uma preocupação em não criar uma fachada cega movimentando o desenho da edificação em ambas. Assim, o acesso de pedestres ocorre pela Rua Marechal Cândido Rondon e o acesso de veículos pela Rua Riolândia, uma casa com 4 acessos.

Figura 50: Planta do pavimento térreo da casa à rua Marechal Candido Rondon.

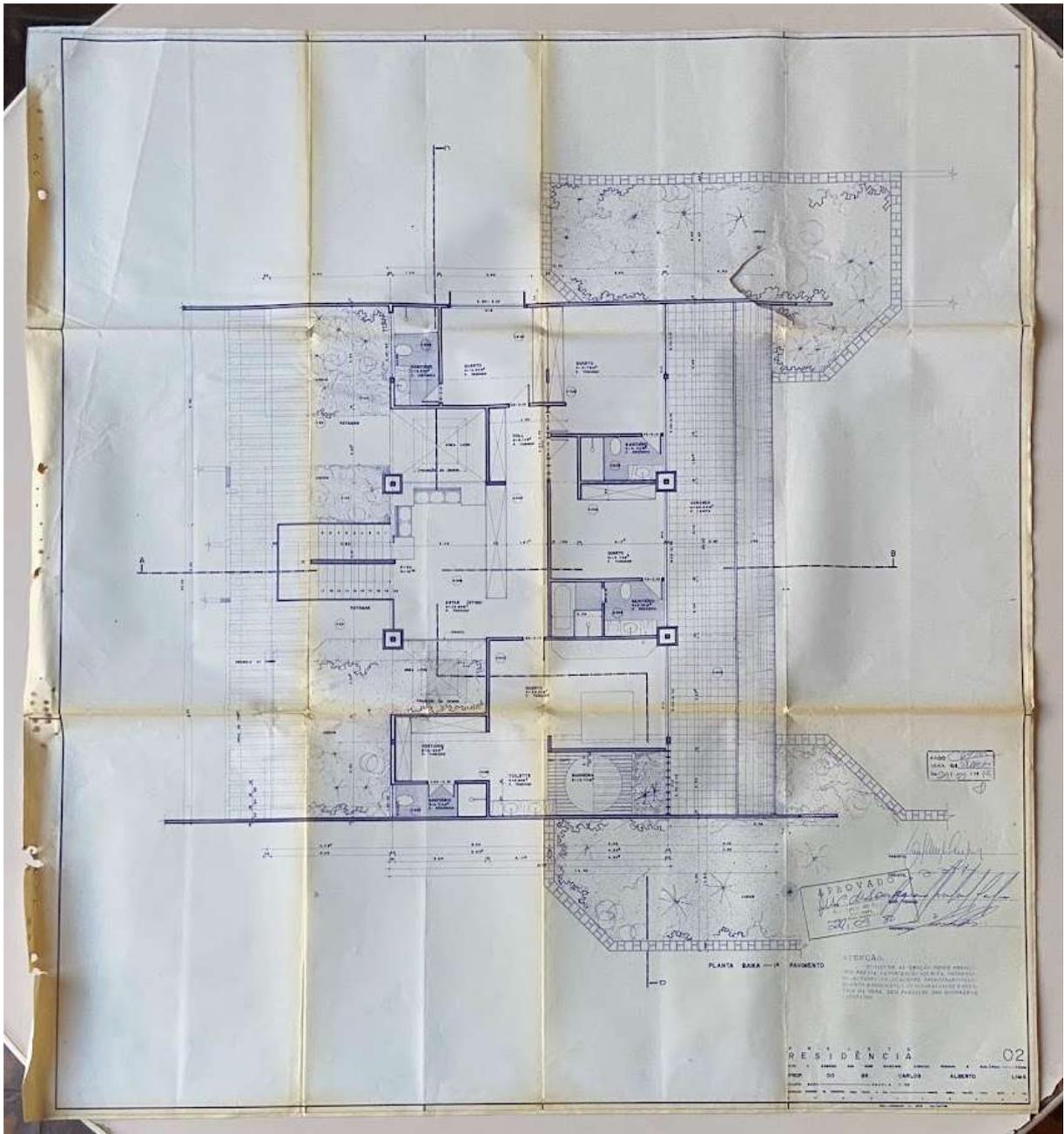


Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

O abrigo de carros se encontra nesse setor mais uma vez escondendo os automóveis do setor social e da fachada principal a rua Marechal Cândido Rondon e o acesso de pedestres para o serviço é separado desse. Há também um outro acesso de pedestres no final da fachada a Marechal que leva direto ao espaço aberto como um acesso de visitas ao espaço de lazer sem necessariamente invadir o espaço interno da casa, que tem outro acesso direto pela sala de estar.

Nesse projeto a integração de ambientes toma também o espaço íntimo (**Figura 51**), onde a suíte principal se conforma um grande ambiente com poucas divisões, onde a banheira se encontra aberta ao externo coberta por um pergolado com um jardim auxiliando na privacidade em relação a varanda compartilhada com os outros quartos.

Figura 51: Planta do pavimento superior da casa à rua Marechal Candido Rondon.

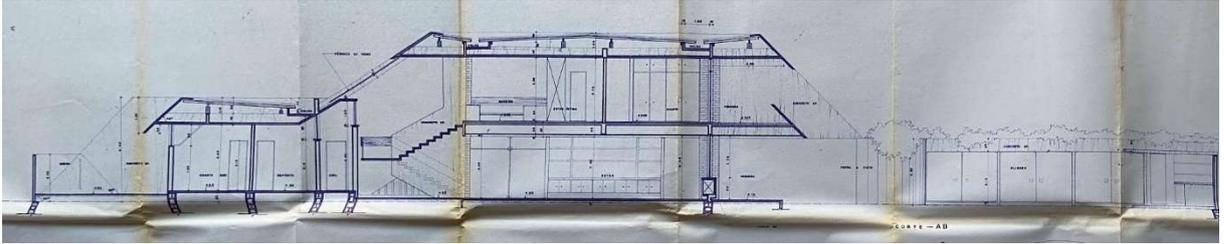


Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

Nos cortes (**Figura 52** e **Figura 53**) é possível identificar uma cobertura em telhado embudado com laje traz complexidade ao incorporar muitas soluções de iluminação zenital uma vez que externamente a fachada principal não tem abertura conformando um bloco sólido imaculado. Assim além do pergolado da suíte principal, o espaço da escada que leva ao setor

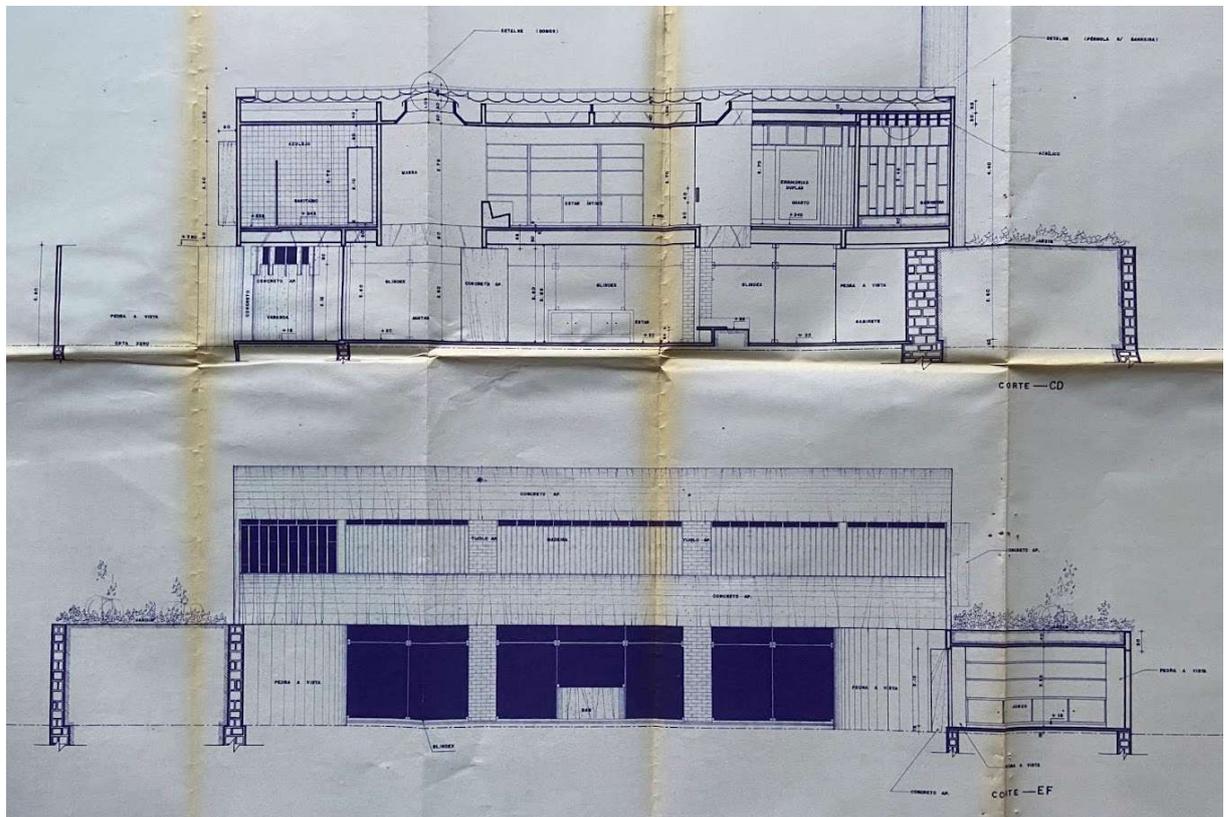
intimo é abundantemente iluminado por claraboias e pelo vidro inclinado que compõem com as vigas da fachada – detalhado no projeto como pérgula em vidro.

Figura 52: Corte AB da casa à rua Marechal Candido Rondon.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

Figura 53: Cortes CD e EF da casa à rua Marechal Candido Rondon.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

Através da análise das imagens satélite (**Figura 54**) percebe-se que entre os anos 2002 e 2022 o cenário foi transformado. As modificações mais visíveis na paisagem foram causadas pela ampliação de um colégio particular que demoliu e ocupou algumas casas pertencentes ao grupo estudado – além desse estudo de caso, ficha CM38, também foi alvo a casa da ficha CM23 entre outras que não tiveram o projeto localizado e fichado. O colégio não se limita a

esse quarteirão, mas está presente em mais quatro quadras adjuntas a essa, tendo recentemente construído duas passarelas no espaço público aéreo para ligar três dos seus prédios.

Figura 54: Imagens de satélite da poligonal à rua Marechal Candido Rondon em 2002 e 2022.



Fonte: Google Earth.

A **Figura 55**, capturada no ano de 2022, aparece a partir do mesmo ponto de vista da **Figura 47**, porém nela observa-se diferenças significativas na composição visual em relação a anterior, retratada em 2011. Atualmente a área se integra ao território ocupado pelo Helyos, um dos colégios com mensalidade mais elevada em Feira de Santana com “destaque no estado por estar há alguns anos consecutivos entre as melhores instituições de ensino básico do país” (MELO, 2020, p. 16). Ao ocupar os quarteirões do entorno, grande parte da população que transita nesse espaço são os próprios alunos ou funcionários da instituição, com exceção ao público da Universidade Salvador (UNIFACS) que ocupa um dos prédios pertencentes ao Helyos. Considerando a classe econômica dos estudantes, esses não transitam pelo entorno a pé para a chegada e saída do colégio, ou sequer para se locomover entre um prédio e outro, visto as passarelas que conectam os edifícios, sendo uma delas visível ao fundo e à esquerda da imagem. Esse cenário torna escasso o número de pedestres enquanto aumenta o número de carros.

Figura 55: Casa à rua Marechal Candido Rondon em 2022.



Fonte: *Google Street View.*

Outro elemento que se relaciona a ausência de pedestres é a dimensão da calçada, que tem seu espaço dividido entre o mínimo exigido para o passeio e um espaço recuado para o estacionamento de veículos. Essa situação denota uma real necessidade de espaço para as máquinas em detrimento ao humano enquanto ainda sugere um estímulo ao uso do carro. Percebe-se também um grande desnível no meio-fio, sendo assim um obstáculo físico, que é amplificado por uma sequência de barras de ferro que juntos limitam a circulação entre quadras. Diferentemente do pequeno desnível do meio-fio da construção anterior, um fator que contribuía para a caminhabilidade e permeabilidade visual, ao afastar o ponto de vista do observador e diminuir os obstáculos físicos e visuais ao olhar contínuo para a edificação.

Uma área antes ocupada por uma obra arquitetônica carregada de significado histórico e cultural, pelo contexto sócio temporal em que foi concebido e pela plasticidade empregada, se encontra então inutilizada. De modo que, atualmente se caracteriza como mais um vazio urbano privatizado delimitado pela construção de um muro que em uma tentativa de reduzir a monotonia repete um simples padrão. O prédio contemporâneo ao fundo da imagem se apresenta como um grande bloco laranja e não dialoga com a escala humana ao nível da rua, quando unido ao muro traz ainda mais impessoalidade ao conjunto. Combinado a isso, o anterior jardim deu espaço a um paisagismo tenro, homogêneo e ritmado que intenciona sombrear uma superfície mais ocupada por veículos que pedestres.

Considerações finais

A presente dissertação teve por objetivo construir um quadro de uma produção ainda pouco explorada – casas modernas em Feira de Santana – e assim colaborar com a preservação desse e outros conjuntos. O estudo dessa tipologia coloca Feira de Santana como peça que compõe um quadro maior, a arquitetura moderna na Bahia e no Brasil. Além disso, essas obras, construídas por uma classe abastada, revelam aspectos das dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais da época. Assim, a discussão sobre a preservação desse conjunto denuncia o descaso e o apagamento desse capítulo da história que urge por um olhar de salvaguarda.

Num primeiro momento o estudo recorreu à pesquisa bibliográfica criando um diálogo entre autores para entender alguns problemas de preservação e interpretá-los para a arquitetura moderna e o contexto de Feira de Santana. Entendendo, assim, que a preservação do patrimônio arquitetônico enfrenta desafios que vão desde a especulação imobiliária até a falta de políticas públicas eficazes e o desinteresse coletivo. E que, apesar dos preconceitos existentes sobre o tema, a preservação deve ser vista como um processo dinâmico, que adapta os bens culturais às necessidades contemporâneas, promovendo sustentabilidade e continuidade de uso. Portanto, se faz necessário equilibrar o desenvolvimento urbano com a valorização do patrimônio arquitetônico, reconhecendo a importância da pesquisa acadêmica e do envolvimento popular. Juntos, esses têm o potencial de impulsionar o reconhecimento de patrimônios, trazendo visibilidade à relevância de determinadas construções e justificando políticas de preservação.

Foi dada relevância ao processo de pesquisa documental que destaca a urgência da sistematização dos arquivos de projeto de arquitetura dentro do Arquivo Público Municipal, garantindo a facilitação de futuras pesquisas e evitando as consequências da ausência de uma catalogação adequada. Durante a busca, constatou-se que alguns arquivos estavam incompletos, com páginas ausentes, tornando possível que certos projetos tenham se perdido completamente, sem deixar qualquer vestígio de sua existência. Além disso, é descrito o processo de elaboração do apêndice desta dissertação que inclui fichas sistematizadas que não apenas organizam os dados analisados, mas também se configuram como subprodutos úteis para outros estudos. Assim, são detalhados os processos de pesquisa realizados junto ao arquivo público municipal, apontando tanto as dificuldades quanto as potencialidades do trabalho em acervos históricos, oferecendo alguns caminhos para futuras investigações nessa área.

A partir de pesquisas documentais e bibliográficas, foi alvo de investigação o surgimento dos primeiros exemplares da arquitetura moderna em Feira de Santana e o tratamento que foi dado a esses edifícios ao longo do tempo. Assim como em outras cidades brasileiras, as primeiras expressões de arquitetura moderna aqui ocorreram em edifícios públicos, posteriormente sendo adotadas pelo setor privado. Contudo, ambas surgiram mais tardiamente em comparação à capital, Salvador. Com o passar dos anos, muitas edificações públicas foram descaracterizadas por reformas que alteraram significativamente elementos essenciais. Em contraste, as construções privadas mantiveram-se mais preservadas, embora também tenham sofrido intervenções menores. De modo que se denuncia a negligência do poder público na preservação do patrimônio arquitetônico moderno e como o responsável pela salvaguarda desses é justamente quem mais os descaracteriza.

A partir dos mapeamentos das casas selecionadas na etapa documental e de seu estado de preservação foi identificado que muitas dessas construções têm sido demolidas ou descaracterizadas, refletindo o mercado imobiliário (seja pela oferta, seja pela demanda desses terrenos), a falta de políticas públicas de proteção e a falta de reconhecimento pela sociedade. Aponta-se também que a preservação não está diretamente relacionada à idade das edificações, mas sim à localização e ao valor econômico do terreno. No início dos anos 2000 as casas de rua sofreram um processo de abandono pela população abastada que migrou para os condomínios fechados fora do anel de contorno (Avenida Eduardo Fróes da Mota), ou para os edifícios de apartamentos de luxo construídos no mesmo local das casas, instaurando novos modos de morar e instituindo um outro símbolo de status social. Esse fenômeno migratório ocorreu em paralelo à expansão do eixo comercial da cidade que vem ocupando essas regiões antes suburbanas, as quais passam a integrar o que se considera centro. Assim, a transição de bairros residenciais para uso misto está ocorrendo de diferentes formas, algumas casas foram adaptadas a nova função com pequenas modificações respeitando o princípio da reversibilidade, enquanto outras requeriam uma reforma mais invasiva para abrigar o novo uso, mas em alguns outros casos, justificados ou não, as edificações foram completamente demolidas.

Com o objetivo de aprofundar o entendimento sobre as casas modernas de Feira de Santana no que toca às características de sua arquitetura, preservação e relação com o entorno foram selecionados quatro estudos de caso. O resultado da análise dos projetos selecionados identifica a arquitetura das casas modernas de Feira de Santana como parte de um contexto maior que dialoga com a arquitetura moderna dos demais territórios nacionais. Ainda assim é

possível notar algumas particularidades do contexto feirense e de seus arquitetos que dão a elas um caráter peculiar. A partir da análise crítica desses projetos se decompôs a noção de homogeneidade que se poderia ter preconcebida e ilustrou a qualidade plástica e funcional dessas construções. Enquanto que o estudo da poligonal desses projetos possibilitou interpretações não só sobre as construções, mas sobre a preservação da paisagem local. Com isso constatou-se um movimento de desvalorização desses patrimônios onde o valor do terreno supera o da construção, catalisando uma verticalização pautada, sobretudo, pelo potencial de lucro, em detrimento de uma real necessidade habitacional. Esse processo é um dos principais contribuintes para a mudança que impacta não somente nas construções que são demolidas, mas também nas que permanecem de pé ao alterar a sua percepção no espaço e interpretação como parte de um conjunto maior.

É importante ressaltar que esta pesquisa não abrange todas as casas modernas. O estudo foi realizado apenas com base nos projetos disponíveis em arquivos públicos, havendo ainda um recorte temporal que exclui projetos aprovados em outros períodos ou ausentes dos acervos consultados. Além disso, dificuldades relacionadas ao uso de arquivos antigos não catalogados impuseram desafios à sistematização dos dados. Para pesquisas futuras, sugere-se iniciativas que promovam a digitalização dos acervos públicos, ampliando o acesso e a preservação da memória arquitetônica.

Uma das limitações enfrentadas nesta pesquisa foi a inacessibilidade às casas analisadas. Durante o estudo, constatou-se um distanciamento entre a percepção da obra a partir do projeto e a experiência proporcionada pelo objeto construído. Esse fato reforça a importância de preservar os exemplares arquitetônicos, pois, mesmo com um registro documental completo, nenhuma descrição, fotografia ou desenho substitui a vivência direta do espaço edificado.

Assim, a pesquisa realizada pretendeu dar início ao debate sobre a preservação desses imóveis uma contribuição para se pensar a destruição que atualmente ocorre sem obstáculo legal, e evitar que se reincida nos exemplares remanescentes dessa tipologia. Evitando, com isso, a extinção de um recorte do movimento arquitetônico, social e histórico que ocorreu não só em Feira de Santana, mas que integra uma produção maior, que se espalha por todo o território nacional.

Almeja-se, ainda, ampliar o estudo do cenário feirense no contexto da história da arquitetura moderna, incentivando novas pesquisas e divulgando dados que possam ser de interesse dentro e fora do ambiente acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALBERTON, Josicler Orbem. **Influência modernista na arquitetura residencial de Florianópolis**. 2006. 102 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ANDRADE, Mariana Souza de; REIS, Lysie dos, F. C. V. **O estudo das avenidas como método de análise sobre o desenho urbano da cidade**. In: RUA [online]. nº. 23. Volume 2, p. 389 - 167 – eISSN 2179-9911 - Junho/2017. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

ANDRADE, Nivaldo. et al. **Arquitetura Brutalista na Bahia**: Levantamento e análise crítica. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 10., 2013, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba: PUCPR, 2013. Disponível em: https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/08/OBR_80.pdf. Acesso em: 02 fev. 2024.

ANDRADE, Nivaldo. **O lugar da Bahia na história da arquitetura moderna brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2019.

ANDRADE, Nivaldo. **Arquitetura Contemporânea da Bahia. Portal da Bahia Contemporânea**. Disponível em: <https://portaldabahiacontemporanea.com.br/artigos/arquitetura>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

ARAÚJO, Ricardo Ferreira de. **Arquitetura residencial em João Pessoa-PB**: a experiência moderna nos anos 1970. 2010. 301 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

ARAÚJO, Silma. Experiências profissionais fizeram de Luiz Humberto um talentoso criador. **Revista Sacada**, 25 ago. 2015. Disponível em: <https://revistasacada.com.br/arq-decor/experiencias-profissionais-fizeram-de-luiz-humberto-um-talentoso-criador/>. Acesso em: 7 jan. 2025.

AZEVEDO, Livia Dias de. **Feira de Santana**: entre culturas, paisagens, imagens e memórias visuais urbanas (1950-2009). Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.

BIERRENBACH, A. C. S. **Considerações sobre as arquiteturas modernas soteropolitanas vistas a partir do arquivo do DOCOMOMO-BAHIA**. In: IV DOCOMOMO N-NE, 2012, Natal. ANAIS DO IV DOCOMOMO N-NE, 2012. Disponível em: <https://lab20.ufba.br/consideracoes-sobre-arquiteturas-modernas-soteropolitanas-vistas-partir-do-arquivo-do-docomomo-bahia>. Acesso em: 20 mar. 2024

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: [s.n.], 1988.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 3. ed Sao Paulo: Perspectiva,

1997.

CARBONARA, Giovanni. **Avvicinamento al restauro**. Napoli: Liguori Editori, 1997.

CASTRO, Elizabeth Amorim de; SANTOS, Maria da Graça Rodrigues dos. **Celebração ou réquiem**: percalços na preservação da arquitetura moderna de Curitiba. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, XV, 2023, São Carlos. Anais [...]. São Carlos: IAU e FAU - Universidade de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xv-seminario-docomomo-brasil-2023/658073-CELEBRACAO-OU-REQUIEM--PERCALSOS-NA-PRESERVACAO-DA-ARQUITETURA-MODERNA-DE-CURITIBA>. Acesso em: 27 nov. 2024.

CARDOSO, Ceila. Bahia. In: MELO, Alcília; PEREIRA, Ivanilson (org.). **Documentos da arquitetura moderna no Brasil**. São Paulo: DOCOMOMO Brasil, 2023, p. 243-257.

COLOMINA, BEATRIZ. **Privacy and Publicity – Modern Architecture as Mass Media**. Cambridge: The MIT Press, 1994.

COSTA, Sabrina Studart Fontenelle. **Modos de morar nos apartamentos duplex**: modernidade, usos e conservação. Cotia: Ateliê Editorial, 2021.

DE BARROS, M. L. R.; DE ALMEIDA, S. B.. **Escola Normal de Feira de Santana**: Fonte para o estudo da História da Educação. Sitientibus, [S. l.], n. 24, 2022. DOI: 10.13102/sitientibus.vi24.8772. Disponível em: <https://ojs3.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/8772>. Acesso em: 28 abr. 2024.

DOCOMOMO. **DOCOMOMO Brasil**, c2022. Página Inicial. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/>. Acesso em: 06 de novembro de 2022.

DÓREA, Juraci. Currículo Lattes. **Plataforma Lattes**, 2025. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1195963244062064>. Acesso em: 7 jan. 2025.

DÓREA, Juraci. **Feira de Santana: memória e remanescentes da arquitetura eclética**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.

DÓREA, Neilton. Currículo Lattes. **Plataforma Lattes**, 2025. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0254166304145065>. Acesso em: 7 jan. 2025.

ESPINOZA, José Carlos Huapaya. **Revisões e ampliações da arquitetura e do urbanismo modernos no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2020, vol. 1 e 2.

EXPERIÊNCIAS profissionais fizeram de Luiz Humberto um talentoso criador. **Revista Sacada**. Disponível em <https://revistasacada.com.br/arq-decor/experiencias-profissionais-fizeram-de-luiz-humberto-um-talentoso-criador/>. Acesso em: 26 nov. 2024.

FEIRA DE SANTANA, Lei Complementar Nº 119, de 20 de dezembro de 2018. **Código de Obras**. Feira de Santana, BA: Diário Oficial Eletrônico, 2018.

FEIRA DE SANTANA. **Lei de Ordenamento do Uso e Ocupação do Solo**. 20 de dezembro de 2018. Diário Oficial Eletrônico.

FEIRA DE SANTANA. **Plano de Desenvolvimento Local Integrado**, 1968.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOODWIN, Philip L. **Brazil Builds: Architecture New and Old (1652-1942) / Brasil constrói: arquitetura moderna e antiga (1652-1942)**. São Paulo: Ikkrek, 2023.

GOOGLE MAPS. **Street View**, 2023. Mapas mais vivos com imagens. Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/streetview/>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-209, ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 de agosto de 2022.

IBGE. **Brasil, Bahia, Feira de Santana: História e fotos**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/historico>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC). Monumentos da região pastoril. Vol. 8. In: **Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia**. Salvador: Ipac, 2002.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Desconstruindo os preconceitos contra a restauração**. Revista Restauro, n. 0. 2016.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **História e ética na conservação e na restauração de monumentos históricos**. Revista CPC, [S. l.], n. 1, p. 16-40, 2006. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i1p16-40. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15579>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

LEITE, Bruno. Conhecendo 8 monumentos de Feira de Santana. **Feirenses**, Feira de Santana, 10 out. 2016. Disponível em: <https://feirenses.com.br/monumentos-feira-de-santana/>. Acesso em: 7 jan. 2025.

LEMONS, Carlos. **O que é arquitetura**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

LIRA, José; DELECAVE, Jonas; PRÓSPERO, Victor; FIAMMENGHI, João Bittar. Acervos de arquitetura como espaço histórico de formação. In: **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, n. 29, 2021, pp. 1-31. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e53>. Acesso em: 30 jan. 2025.

LUTHER, Aline de Carvalho. **Patrimônio arquitetônico industrial na Península de Itapagipe: Um estudo para a preservação**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia,

Salvador, 2012.

MELO, Alcília Afonso Albuquerque. **Modernidade arquitetônica tropical: patrimônio arquitetônico recifense e sua influência no nordeste brasileiro**. 1 ed. Camaragibe, PE: Ed. da Autora, 2022.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. "O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas", em **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural**, Brasília, Iphan, 2012, pp. 25-39.

NASCIMENTO, Flávia Brito. **Blocos de Memórias: Habitação social, arquitetura moderna e patrimônio cultural**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesb, 2016.

NASCIMENTO, Flávia Brito. **Entre a estética e o hábito: o departamento de habitação popular**. Rio de Janeiro: Sec. Munic. de Cultura, 2008.

NERY, Bárbara Karolynne de Souza, AZEVEDO, Livia Dias. **Desenhos e redesenhos da rua Sales Barbosa em Feira de Santana – BA: Projeto “Novo Centro” (2013 a 2021)**. Revista Anais do Seminário do PPGDCI, v. 1, p. 01-06, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/AnaisPPGDCI/article/view/8051>>. Acesso em: 14 de junho de 2023.

OKSMAN, Silvio. **Contradições na preservação da arquitetura moderna**. 2017. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Sidiney de Araujo. **Desenhando a ideia de uma “avenida feliz”**: imagens das histórias e memórias da avenida Senhor dos Passos, em Feira de Santana, BA. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013. 160 p.

OLIVEIRA, Wilyana Brito. **Catálogo da série de plantas e projetos (1916-1960) do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2018.

SANQUETTA, Felipe Taroh Inoue. **A casa do arquiteto em Curitiba: Estudo de caso de três residências 1964-1981**. 2022. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SAVIANE, B. M. A Carta do Levantamento Arquitetônico - leitura comentada e estado da arte de uma disciplina contemporânea. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 31, p. 1-49, 2023. DOI: 10.1590/1982-02672023v31e2. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/199382>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SEGAWA, Hugo Massaki. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

SICG Iphan. **Pesquisa avançada do bem**. Disponível em:

<https://sicg.iphان.gov.br/sicg/pesquisaAvancadaBem>, 2023. Acesso em: 07 de novembro de 2023.

SILVA, Carlos Augusto Oliveira da. **Complexo Educacional de Feira de Santana é inaugurado pelo prefeito Colbert Martins Filho**; Ministros da Cidadania e do Turismo participaram do ato. *Jornal Grande Bahia* [on-line]. Feira de Santana, 12 abr. 2021. Manchete. Disponível em: <https://jornalgrandebahia.com.br/2021/04/complexo-educacional-de-feira-de-santana-e-inaugurado-pelo-prefeito-colbert-martins-filho-ministros-da-cidadania-e-do-turismo-participaram-do-ato/>. Acesso em: 02 abr. 2024.

SIPAC. **O que é o SIPAC**. Disponível em: <http://patrimonio.ipac.ba.gov.br/o-sipac/o-que-e-o-sipac/>. Acesso em: 28 de novembro de 2023

SOUZA, Camila Ferreira. **Golpe de Estado e Planejamento em Feira de Santana, Bahia, Brasil (1964-1967)**. In: *Trilhas da História* [online]. n.º. 25. Volume 13, p. 389 - 167 – eISSN 2238-1661 - Dezembro/2023. Disponível em: <https://doi.org/10.55028/th.v13i25.18713>. Acesso em: 29 abr. 2024

VARAGNOLI, Claudio. "Un restauro a parte?". *Palladio*, n. 22, luglio-dicembre, 1998.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VIDAL, Celma Chaves Pont. Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960. **Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo** (Online), n. 8, p. 145-163, 01, julho, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i8p145-163>. Acesso em: 11 de novembro de 2022.

VIEIRA, Pedro. Do que (ainda) não é patrimônio: o campus da UEFS. In.: SEMINÁRIO PPGDCI, 17, 2022, Feira de Santana. **Anais eletrônicos**, Feira de Santana, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/AnaisPPGDCI>

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, Lincoln Institute, 2001.

ZABALBEASCOA, Anatxu. **Tudo sobre a casa**. Tradução: Maria Alzira Brum Lemos. 1ª ed. GG - Gustavo Gili, 2013. 226 p.

APÊNDICE I – Fichamento das casas

Aqui são apresentadas as fichas cujo processo foi detalhado no subcapítulo “*Arquivo, desenho e inventário*” desta dissertação. Essas fichas foram essenciais para uma análise organizada dos dados e representam um subproduto valioso para outros estudos.

Inicialmente, foram elaborados dois apêndices distintos: um reunindo as casas selecionadas a partir do arquivo público, cujos dados permitiram a análise dos estados de preservação, e outro com a segunda seleção, que examinou os projetos e sistematizou características arquitetônicas desses exemplares. No entanto, visando uma melhor compreensão das informações, os apêndices foram unificados. Como resultado, algumas casas analisadas não possuem o campo de características arquitetônicas, pois passaram por um segundo filtro de seleção.

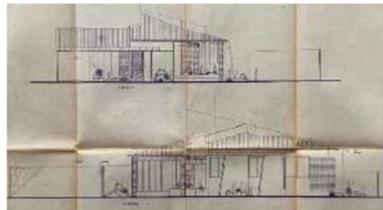
O Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) utiliza parâmetros como o Estado de Preservação dividido em Íntegro, Pouco Alterado, Muito Alterado ou Descaracterizado e o Estado de Conservação classificado em Bom, Regular, Ruim ou Péssimo. Já as fichas do IPAC (Inventário do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia) utiliza Estado de Conservação, dividido em Satisfatório, Medíocre ou Ruim, e que por sua vez é indicado para Estrutura Portante, Elementos Secundários, Cobertura, Interior, Instalações e Serviços, Salubridade. Ou seja, não existe um consenso ou regra explícita para o uso e aplicação universal desses termos.

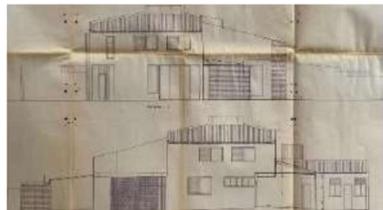
Optou-se, no fichamento, por uma classificação mais geral pois o estado de conservação e preservação das casas é de difícil caracterização e pode ser mal interpretada: uma construção deteriorada pode apresentar grande estabilidade – ou seja, impõe um problema específico para sua preservação –, enquanto uma construção aparentemente bem conservada pode apresentar riscos à princípio menos identificáveis, seja em função de sua estrutura, uso ou mesmo riscos externos. Assim, neste trabalho a escolha foi pelo uso de preservação por se tratar de um termo mais amplo. Nas fichas elaboradas nesta pesquisa, bem como nos mapas (ver p. 52 e 53), foi usada apenas a indicação Preservada, Pouco alterada, Muito alterada e Demolida – considerando o ano de 2022. As casas classificadas como “não encontrada” podem ter sido demolidas antes de 2002 (ano da imagem satélite mais antiga analisada) ou podem nunca ter sido construídas ou ainda não foi possível identificar o endereço pela já comentada deficiência de informação nos projetos. Enquanto as classificadas como “não identificável” podem ter

barreiras visuais à identificação do estado de preservação como muro alto, vegetação, entre outras.

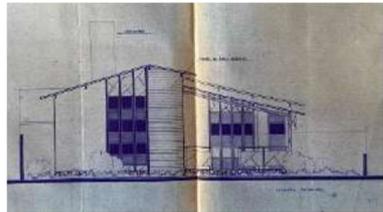
Ao final deste apêndice, apresenta-se uma descrição do cenário arquitetônico, que evidencia a diversidade da arquitetura das casas modernas em Feira de Santana. Essa análise, fundamentada nos quadros, é mais um subproduto da pesquisa que permitiu o estabelecimento de critérios para a seleção dos estudos de caso abordados no corpo da dissertação.

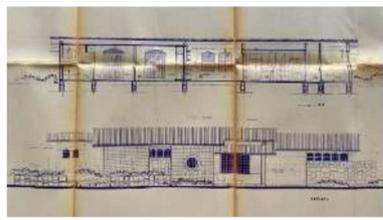
Código:	Casa Moderna e número para identificação	Estado de preservação:	Preservada, Pouco alterada, Muito alterada ou Demolida
End. atual:	Localização da construção encontrada em mapa		Á. Terreno: Área do terreno apresentada em prancha
End. projeto:	Localização identificada no carimbo da prancha		Á. Construída: Área construída apresentada em prancha
Proprietário:	Nome do contratante do projeto presente em carimbo		Á. Ocupada: Área que a construção ocupa no terreno apresentada em prancha
Arquiteto:	Nome dos responsáveis pelo projeto presente em carimbo		Data de aprov.: Data de aprovação carimbada em prancha
Projeto Fachada:		Fachada em 2011:	Fachada em 2022:
Registro fotográfico do desenho da fachada do projeto aprovado na prefeitura.		Imagem do ano de 2011 retirada da plataforma <i>Street View</i> do <i>Google</i> .	Imagem do ano de 2022 retirada da plataforma <i>Street View</i> do <i>Google</i> .
Observações:	Alterações observadas nas imagens apresentadas em ficha e outros comentários relevantes.		
Materiais:	Quais os materiais predominam nas faces dessa construção, considerando a função estrutural mas também acabamentos, como se relacionam uns com os outros, inclusive a vegetação.		
Volumes:	Como a casa se apresenta externamente, como aspectos funcionais (cobertura, reservatório, elementos de sombreamento) são interpretados e compõem a dimensão estética da construção. Como o projeto se organiza nos planos vertical e horizontal externamente.		
Interstício público privado:	A relação entre interior e exterior da construção, para onde se abre, para onde se fecha, como a implantação no terreno e a disposição dos ambientes são influenciadas pela relação com o espaço público e jardins, também dentro do próprio lote.		
Interiores:	Como o projeto se organiza nos planos vertical e horizontal em seu interior, como os ambientes são compostos e distribuídos, se há maior compartimentação ou integração, quais equipamentos ou mobiliários são incorporados ou perdem uso.		

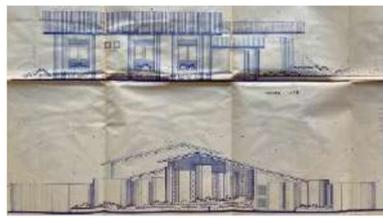
Código:	CM01	Estado de preservação:	Não identificada
End. atual:	Rua Fernando São Paulo, 720, São João	Á. Terreno: 620,00m ²	
End. projeto:	Rua Fernando São Paulo, Ponto Central	Á. Construída: 196,46m ²	
Proprietário:	Construções e Incorporações Detalhe Ltda.	Á. Ocupada: -	
Arquiteto:	Luiz Humberto e Neilton Dórea	Data de aprov.: 08.09.1976	
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Em 2022 abriga um uso não residencial por uma empresa de serviço de rastreamento de veículos, mas desde 2011 um muro impossibilita a análise do estado de preservação e conservação da mesma.		
Materiais:	Paredes em alvenaria emassada, tijolo e pedra aparente que são estrutura e acabamento com esquadrias em vidro, vigas em concreto aparente constituem jardins a meio nível e na cobertura, grande parte composta por telha cerâmica.		
Volumes:	Os volumes não são muito bem definidos, eles se misturam, o reservatório é integrado ao volume principal, as paredes internas apresentam ângulos de 45° com quebra sol a noroeste, a cobertura em telhado cerâmico aparente sob laje com estrutura em madeira, os jardins compõem a volumetria em diferentes alturas.		
Interstício público privado:	Tem-se um lote de esquina com ângulo agudo, a transição da rua para a casa acontece pela garagem sem muro e sem portão, o acesso social é elevado, a varanda é acessada após o ambiente viver e é um espaço de transição para a área livre do terreno, o acesso ao serviço acontece por um corredor lateral.		
Interiores:	Construção térrea elevada entre 38cm e 55cm. O espaço social é integrado como um único ambiente, o viver, com lavabo varanda e um espaço do terreno livre. Há dois quartos de empregada para uma casa com um total de cinco quartos. A casa tem uma suíte, as paredes são projetas pensando nos armários embutidos e os banheiros contêm bidê.		

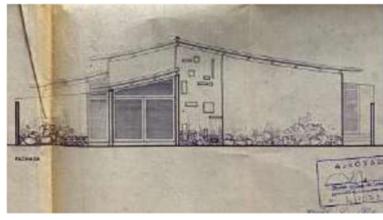
Código:	CM02	Estado de preservação:	Muito alterada
End. atual:	Av. Maria Quitéria, 524, Brasília	Á. Terreno: 480,00m ²	
End. projeto:	Av. Maria Quitéria s/n	Á. Construída: 336,00m ²	
Proprietário:	Elizabeth Dias Marques	Á. Ocupada: 226,00m ²	
Arquiteto:	Luiz Humberto Carvalho e Neilton Dórea	Data de aprov.: 09.09.1976	
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	É possível perceber uma descaracterização em 2011 quando já se instalava uma construtora que permanece ainda em 2022.		

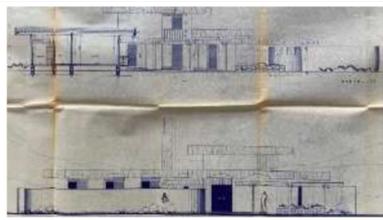
Materiais:	A maioria das empenas se apresenta em alvenaria emassada, algumas em tijolo aparente, e poucos elementos de viga e cobertura em concreto aparente, os fechamentos são em cobogó e esquadrias em vidro com veneziana em uma folha e a cobertura é em grande parte composta por telha cerâmica.
Volumes:	Sem muita segregação em blocos, com reservatório integrado ao volume principal, as paredes internas apresentam ângulos não retos que seguem o eixo da cumeeira do telhado cerâmico, a mostra na face da queda, mas com platibanda nas laterais, pergolado em poucos trechos, a cobertura da garagem é em laje inclinada com calha em concreto e a laje interna tem vigas aparentes sem forro.
Interstício público privado:	A transição da rua para a casa acontece pela garagem sem muro e sem portão, o acesso social é elevado, a varanda é acessada após o ambiente de estar e é um espaço de transição para a área livre na frente do terreno escondido por um muro, o acesso ao serviço acontece por um corredor lateral.
Interiores:	Construção em dois pavimentos com escada interna e externa. Tem dois ambientes de “estar” um nos fundos e outro na frente separados pelo jantar ambos com acesso ao espaço livre no terreno. Serviço com circulação pela lateral e cozinha com eletros. Suíte, closet e banheiro com bidê.

Código:	CM03	Estado de preservação:	Demolida
End. atual:	Rua Pinheiro Machado, 124, Capuchinhos		Á. Terreno: 375,00m ²
End. projeto:	Rua Castelo Branco esquina com a Rua Pinheiro Machado		Á. Construída: 219,50m ²
Proprietário:	Jacira Boaventura dos Santos		Á. Ocupada: -
Arquiteto:	José Monteiro Filho		Data de aprov.: 18.03.1976
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Em 2011 era possível perceber muitas alterações em relação ao projeto original como troca de esquadrias e cobrimento dos acabamentos originais pela pintura. Já na imagem de 2022 a casa se encontra em processo de demolição.		
Materiais:	Paredes em alvenaria emassada, tijolo aparente na fachada, pedra natural no alicerce da construção, detalhes em pedra e esquadrias em vidro com veneziana, vegetação que emoldura a construção, mas não se integra a ela, e cobertura em telha cerâmica.		
Volumes:	Fachada principal com telhado cerâmico em duas águas e varandado, paredes em ângulos retos, o volume do reservatório acima do banheiro de serviço aparece em fachada e cortes.		
Interstício público privado:	Lote de esquina, acesso de pedestre em uma testada e garagem em outra no final do lote próxima à construção anexa que abriga o setor de serviço.		
Interiores:	A garagem dá acesso ao hall de serviços e o acesso ao volume principal se dá pela cozinha. A cozinha está integrada ao volume principal da casa e se liga aos setores social e íntimo através da copa. A copa aqui tem um acesso pela varanda/alpendre e se liga a sala de refeições e ao diário (sala íntima). A área de serviço integra um gomado, quartos, banheiro, a garagem e um tanque pequeno. Presença de suíte e banheiros com bidê, armários embutidos.		

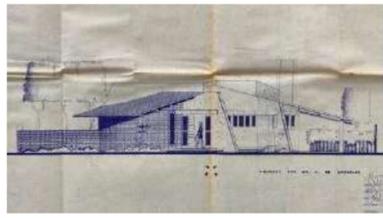
Código:	CM04	Estado de preservação:	-
End. atual:	-	Á. Terreno:	2272,00m ²
End. projeto:	Rua transversal da Moisés Couto, Campo Limpo	Á. Construída:	215,84m ²
Proprietário:	Hosannah de Oliveira Leite Figueiredo	Á. Ocupada:	226,00m ²
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.:	24.12.1976
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado		

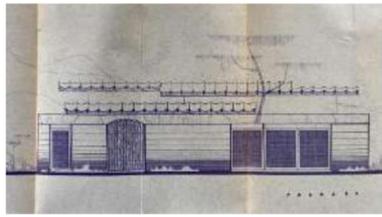
Código:	CM05	Estado de preservação:	-
End. atual:	-	Á. Terreno:	563,75m ²
End. projeto:	Esquina Rua Castelo Branco e Alameda 2, lot. Bastos	Á. Construída:	180,60m ²
Proprietário:	Francisco Xavier de Souza Rocha	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.:	07.01.1976
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado		

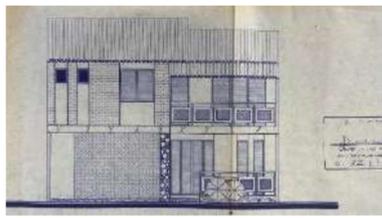
Código:	CM06	Estado de preservação:	-
End. atual:	-	Á. Terreno:	350,00m ²
End. projeto:	Rua São Cristóvão, Capuchinhos	Á. Construída:	163,98m ²
Proprietário:	Walber de Matos Covas	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Antônio Edson de Oliveira Freitas	Data de aprov.:	16.07.1976
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado		

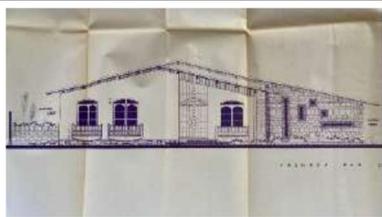
Código:	CM07	Estado de preservação:	-
End. atual:	-	Á. Terreno:	1050,00m ²
End. projeto:	Rua S. Pedro, Lot. Sítio Deus Dará	Á. Construída:	337,47m ²
Proprietário:	Gilberto Campos Ferreira	Á. Ocupada:	302,66m ²
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.:	04.11.1976
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado		

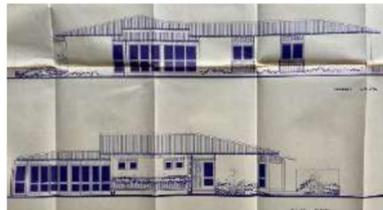
Código:	CM08	Estado de preservação:	-
End. atual:	-	Á. Terreno:	600,00m ²
End. projeto:	Esquina da Rua S. Domingos com a Rua das Algarobas	Á. Construída:	250,44m ²
Proprietário:	Adauto Alves Franco	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.:	01.07.1976
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado		

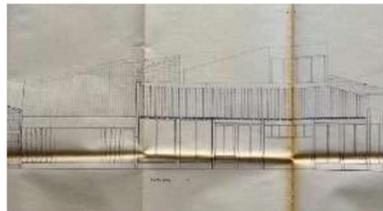
Código:	CM09	Estado de preservação:	-
End. atual:	-	Á. Terreno:	728,00m ²
End. projeto:	Rua Dr. A. de Carvalho esquina c/ Rua 2	Á. Construída:	201,72m ²
Proprietário:	Murilo Eduardo Pinto Xavier	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.:	08.10.1976
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado		

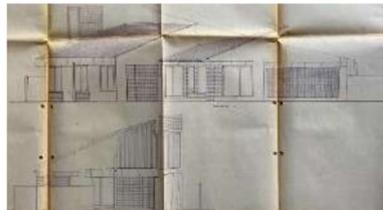
Código:	CM10	Estado de preservação:	-
End. atual:	-	Á. Terreno:	450,00m ²
End. projeto:	Rua General João Costa (entre os imóveis 52 e 72)	Á. Construída:	217,99m ²
Proprietário:	Modesto Gonzales Lopes	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.:	03.05.1976
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado		

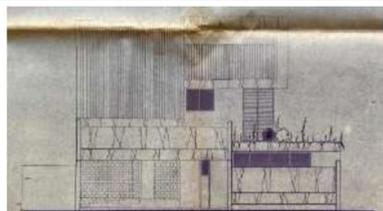
Código:	CM11	Estado de preservação:	-
End. atual:	-	Á. Terreno:	-
End. projeto:	Rua Marechal Castelo Branco, Capuchinhos	Á. Construída:	237,93m ²
Proprietário:	Fernando Luiz Campelo Doria	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	José Juracy de Oliveira Pereira	Data de aprov.:	03.05.1976
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado		

Código:	CM12	Estado de preservação:	-
End. atual:	-	Á. Terreno:	1590,00m ²
End. projeto:	Rua Castelo Branco e rua 2, lot. Pedro Paulo de Oliveira	Á. Construída:	358,67m ²
Proprietário:	Luis Carlos de Carvalho Bahia	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.:	31.03.1976
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado		

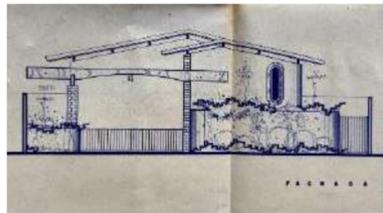
Código:	CM13	Estado de preservação:	Demolida
End. atual:	Rua Frei Aureliano Grotamares, 251, Capuchinhos	Á. Terreno: 750,00m ²	
End. projeto:	Esquina José Pereira Mascarenhas c/ rua em abertura	Á. Construída: 320,61m ²	
Proprietário:	Adelino Costa Dórea	Á. Ocupada: -	
Arquiteto:	Antônio Edson de Oliveira Freitas	Data de aprov.: 28.07.1977	
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O atual endereço foi localizado, servindo atualmente como um edifício residencial, contudo é possível observar o terreno vazio em imagens de satélite desde 2002, de modo que o projeto pode ter sido demolido antes desse ano ou mesmo nunca erguido.		

Código:	CM14	Estado de preservação:	Demolida
End. atual:	Rua Santa Leopoldina, 170, Santa Monica	Á. Terreno: 2520,00m ²	
End. projeto:	Rua Santa Adélia, s/n	Á. Construída: 514,05m ²	
Proprietário:	Guionilson Roosevelt Estrela	Á. Ocupada: -	
Arquiteto:	Luiz Humberto e Neilton Dórea	Data de aprov.: 28.01.1977	
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Demolido e substituído por um edifício residencial. Desde 2011 não restava mais vestígios da construção original, contudo foi possível observá-la em ruínas nas imagens de satélite de 2008.		
Materiais:	A maioria das empenas se apresenta em alvenaria emassada, algumas em tijolo aparente, e poucos elementos de viga e cobertura em concreto aparente, as esquadrias em vidro ocupam a maior porcentagem da fachada protegida por muro e a cobertura é em grande parte composta por telha cerâmica e tetos jardim.		
Volumes:	Paredes curvas e chanfradas com telhado cerâmico, a mostra na face da queda, mas com platibanda nas laterais.		
Interstício público privado:	Lote em esquina, acesso de pedestres em uma testada e a garagem em outra, sem muro e sem portão, próximo ao serviço. A varanda se abre para o fundo do lote com generoso espaço livre e piscina.		
Interiores:	Construção em dois pavimentos, o superior abriga apenas o mezanino, com escada helicoidal. Dois ambientes de “viver” com desnível entre eles. O setor de serviço é externo ao volume da construção principal, cozinha com eletros e despensa. Dois quartos compartilham um banheiro, semissuíte e closet, um quarto máster e um quarto de hóspedes e os banheiros têm bidê.		

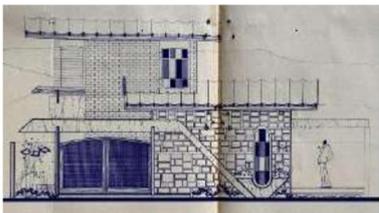
Código:	CM15	Estado de preservação:	Demolida
End. atual:	Rua Santa Leopoldina, 170, Santa Monica		Á. Terreno: 450,00m ²
End. projeto:	Rua Santa Adélia, s/n		Á. Construída: 196,00m ²
Proprietário:	José Henrique da Silva Daltro		Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Luiz Humberto e Neilton Dórea		Data de aprov.: 28.01.1977
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Demolida e substituída pelo mesmo edifício residencial da ficha anterior, em 2011 ainda era possível ver a construção original já alterada pela substituição de revestimentos.		
Materiais:	Fachada em alvenaria emassada e tijolo aparente, cobertura em telha cerâmica com calhas em concreto aparente. Fechamento em cobogó e grandes esquadrias em vidro.		
Volumes:	Casa chanfrada com quebra sol a sudoeste, reservatório destacado do volume principal. Telhado cerâmico com platibanda lateral e pergolado no acesso principal.		
Interstício público privado:	Cobogó divide o abrigo (garagem) e o espaço livre (jardim) do lote, o setor de serviço ocupa a frente do lote e o setor íntimo, os fundos, a partir da garagem, na frente, é possível acessar o serviço ou o viver.		
Interiores:	Casa térrea, viver em nível mais alto e com alguns desníveis. Ambiente costura, lavabo e o viver, que se abre para a varanda e em seguida para um espaço livre no lote, mesa em concreto que serve de jantar no ambiente viver. Setor de serviço integrado ao volume da construção, cozinha, despensa, serviço e quarto de empregada na frente. Suíte com vestir (closet) e banheiros com bidê.		

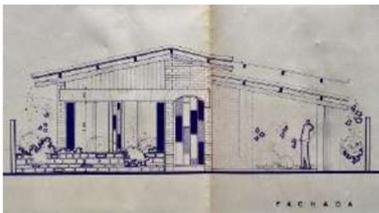
Código:	CM16	Estado de preservação:	Demolida
End. atual:	Av. Getulio Vargas, 2400, Parque Getúlio		Á. Terreno: 660,00m ²
End. projeto:	Av. Getulio Vargas e rua Realeza		Á. Construída: 351,40m ²
Proprietário:	João Francisco de Araujo		Á. Ocupada: 204,50m ²
Arquiteto:	Luiz Humberto e Neilton Dórea		Data de aprov.: 03.04.1977
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Em 2011 já se encontrava descaracterizada e sendo utilizada como restaurante. Contudo, na imagem de 2022 a estrutura original se encontra completamente demolida e substituída por uma farmácia.		
Materiais:	Construção em concreto e tijolo aparente, com alvenaria emassada, esquadrias em vidro sem interrupção na fachada lateral cobertura em telha cerâmica e vegetação acima do concreto aparente.		

Volumes:	Telhado cerâmico inclinado aparente queda d'água para a fachada principal arrematado com calha em concreto e platibanda nas laterais, no espaço do mezanino o forro segue a inclinação do telhado, teto jardim na fachada principal acima do setor de serviço. Reservatório integrado ao volume principal.
Interstício público privado:	Lote em L a partir da unificação de dois lotes, uma das testadas tem o acesso de veículos, de serviço e dos proprietários, a outra apresenta um jardim aberto, próprio para eventos sociais e recepção de visitantes.
Interiores:	Construção em dois pavimentos com desníveis no pavimento térreo. Três ambientes viver, escada entre eles, dão para uma varanda ao fundo que se abre para o espaço livre do lote, um lavabo entre a cozinha e o viver mais ao fundo. Um pátio de serviço na frente que pode ser acessado pela garagem, setor de serviço integrado à construção principal formado por copa com mesa em concreto, cozinha, despensa, área de serviço dois quartos de empregada e banheiro. Todo o setor íntimo é alojado no segundo pavimento com quatro quartos e um gabinete, sendo duas suítes, banheiros com bidê e há um jardim interno ao banheiro da suíte principal.

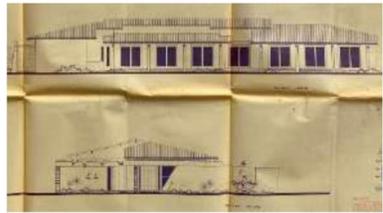
Código:	CM17	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Rua Cachoeira, 221, Centro	Á. Terreno: 360,00m ²	
End. projeto:	Rua Cachoeira, 221	Á. Construída: 203,14m ²	
Proprietário:	Construção e Incorporação Detalhe Ltda	Á. Ocupada: -	
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.: 27.07.1977	
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O volume da construção se mantém preservado com poucas alterações nos acabamentos.		
Materiais:	Construção em parede emassada com tijolos e concreto aparente, cobertura em telha cerâmica e jardins elevados compõem a fachada.		
Volumes:	Paredes com cantos arredondados, jardins elevados, janela estreita e semicircular, telhado cerâmico com duas águas, garagem com cobertura em laje com molde curvo, forro em todos os ambientes menos os destinados aos empregados e o volume não mostra o reservatório.		
Interstício público privado:	As esquadrias foram posicionadas para lateral e fundos de modo que a casa não se abre para a rua. Abrigo de carros na frente, dá acesso ao estar ou jantar, varanda/alpendre depois da sala de jantar com acesso ao estar íntimo, e o acesso ao serviço se dá por um corredor lateral do abrigo.		
Interiores:	Casa térrea, área íntima em nível elevado um degrau em relação aos outros ambientes. O estar e o jantar são o mesmo ambiente separados por uma divisória em gradil, estar íntimo com sofá em concreto. Uma cozinha reduzida (geladeira, pia e fogão), o serviço é apenas um tanque externo com dois quartos de empregada e um sanitário. Não há um sanitário social ou lavabo, mas os sanitários do setor íntimo têm bidê, os armários são embutidos na alvenaria, porta do sanitário embutido no armário, e uma circulação (corredor) leva aos quartos e sanitários, pouca integração entre os ambientes.		

Código:	CM18	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Rua Cachoeira, 180, Centro	Á. Terreno: 390,00m ²	

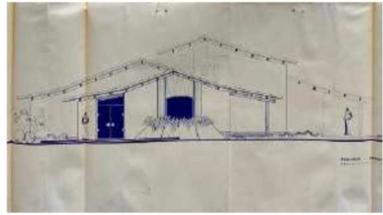
End. projeto:	Rua Cachoeira, loteamento Boaventura, 27	Á. Construída: 259,29m ²
Proprietário:	Carlos Alberto Araponga Dória	Á. Ocupada: 220,44m ²
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.: 25.07.1977
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:
		
Observações:	O volume da construção se mantém preservado com poucas alterações nos acabamentos.	
Materiais:	Fachada em tijolo, concreto e pedra, vitrais na fachada, portão em muxarabis de madeira.	
Volumes:	Janela estreita e semicircular na fachada, jardins elevados, estrutura de vigas inclinadas. Cobertura com apenas 6% de inclinação em telha não cerâmica (aparece como “modulada em outros projetos) e estrutura em madeira, forro rebaixado, o volume não mostra o reservatório.	
Interstício público privado:	Abrigo de veículos na frente com acesso ao estar e ao hall da escada, outro abrigo lateral com acesso ao jantar e varanda com acesso ao estar íntimo, fechamento da fachada em gradil com um portão e dois portões para o abrigo da frente.	
Interiores:	Construção em dois pavimentos, a escada leva a um pequeno pavimento com ambiente de estudo e sanitário com dois balcões diminutos (0,66m ² e 1,68m ²), escada engastada pré-moldada em concreto. Hall não tem acesso direto ao estar, mas ao jantar e à escada que leva ao estudo. A área de serviço limita-se ao tanque, quarto de empregada, sanitário e cozinha. No setor íntimo, tem-se um estar íntimo, suítes, armários embutidos e sanitários com bidê.	

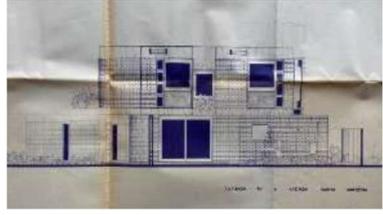
Código:	CM19	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Rua Rio Tinto, 163, Santa Monica	Á. Terreno:	360,00m ²
End. projeto:	Rua Rio Tinto, fzd. Nova Esperança, Lagoa Salgada	Á. Construída:	191,66m ²
Proprietário:	José Stancampiano Filho	Á. Ocupada:	220,44m ²
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.:	27.10.1977
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Apesar do volume original da construção se manter preservado com poucas alterações nos acabamentos, houve projeto de ampliação para a garagem lateral encontrado no arquivo com data de aprovação em 31.03.1980 e projetado pelos mesmos arquitetos da construção original. Nessa reforma foram incorporados os lotes vizinhos, muito espaço livre que não existia originalmente, dois anexos. O lote à direita teve acréscimo da garagem, com laje curva, jardins elevados e depósito. O outro anexo é um salão de festas com bar, quarto de hóspedes e sanitário, os materiais são os mesmos da construção original, tijolo à vista e telhado cerâmico com tesouras em madeira.		
Materiais:	Construção em tijolo, concreto e pedra, esquadrias em vitrais, telhado cerâmico e jardins elevados.		

Volumes:	Composta por cobertura cerâmica em duas águas com acesso principal protegido por laje. O jardim elevado integra construção e vegetação.
Interstício público privado:	Transição em muro baixo com gradil e portão, a entrada de pedestre e veículos é separada e o abrigo se localiza na frente e dá acesso para a sala de jantar. Já o acesso social se dá pelo vestíbulo para o living, e existe uma varanda que só é acessada através do jantar e uma outra varanda privativa da suíte.
Interiores:	Construção térrea com setor íntimo em nível mais alto. Os ambientes são bem compartimentados, com exceção do living e jantar. A área de serviço é só um tanque, a cozinha tem poucos armários e não tem despensa. As paredes são projetadas para abrigar armários embutidos, e os sanitários contêm bidê.

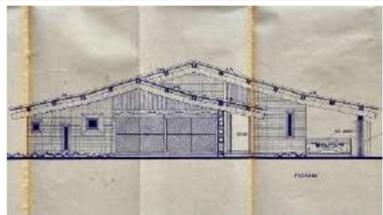
Código:	CM20	Estado de preservação:	Não identificada
End. atual:	Felinto Marquês de Cerqueira, 551, Capuchinhos		Á. Terreno: 800,00m ²
End. projeto:	Esquina Filinto Marques de Cerqueira, Ponto Central		Á. Construída: 302,31m ²
Proprietário:	Luis Augusto Freitas Bastos		Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea		Data de aprov.: 10.01.1978
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Pouco alterado e bem conservado em 2011, mas em 2022 aparece com tapumes metálicos o que dificulta a identificação do estado nesse momento.		
Materiais:	Construção em concreto, pedra à vista e parede emmassada, telha cerâmica e jardins na laje em concreto e no muro, as portas de vidro se abrem para as varandas laterais.		
Volumes:	Planta irregular com muro diagonal em concreto, jardins elevados integrados à construção do muro e na cobertura. Telhado cerâmico com pontaltes e estrutura em madeira, laje no setor de serviço e forro nos demais ambientes e teto jardim na laje de cobertura da garagem. O reservatório não compõe a volumetria se localizando entre a laje do quarto de empregada e o telhado.		
Interstício público privado:	Entrada social separada da garagem que dá acesso ao hall, fechamento em gradil. Muitas esquadrias se abrem para a lateral da construção.		
Interiores:	Construção térrea elevada do solo. Hall entre jantar, estar e lavabo, o estar tem um balcão, o jantar dá acesso a varanda e à sala de música que dá acesso ao estar íntimo. Setor de serviço é integrado ao volume principal, a cozinha tem duas cubas, a área de serviço tem tanque e bancada, dois quartos de empregada e banheiro. O setor íntimo tem um estar íntimo, suíte, armários embutidos, banheiro com bidê, e uma varanda integrada para os três quartos.		

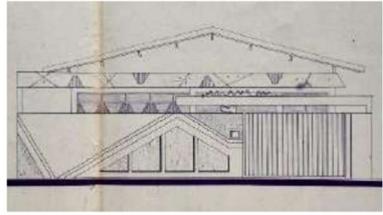
Código:	CM21	Estado de preservação:	Demolida
End. atual:	Rua Rio Volga, 280, Santa Monica		Á. Terreno: 7392,00m ²
End. projeto:	Rio Volga e Rio Nilo, loteamento Santa Monica		Á. Construída: 580,96m ²
Proprietário:	Dilzete Martins Rocha Oliveira		Á. Ocupada: 619,09m ²
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea		Data de aprov.: 09.06.1978

Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:
		
Observações:	O endereço atual de onde seria implantado foi localizado, contudo é possível observar o terreno vazio em imagens de satélite desde 2002, de modo que o projeto pode ter sido demolido antes desse ano ou mesmo nunca erguido.	

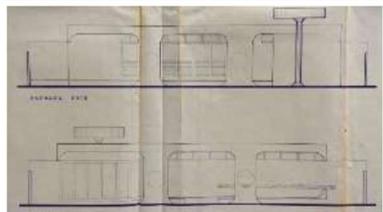
Código:	CM22	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Rua Muriaé, 50, Serraria Brasil		Á. Terreno: 947,40m ²
End. projeto:	Esquina Maria Quitéria e Rua 4, Lot. Mar da Tranquilidade		Á. Construída: 311,15m ²
Proprietário:	Adenil Falcão Pitombo		Á. Ocupada: 489,01m ²
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea		Data de aprov.: 10.01.1978
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Está pouco alterado, os acabamentos em tijolinho e concreto aparente que era possível ver ainda em 2011, encontram-se em 2022 camuflados por uma pintura branca e bege. Porém, essa já se encontra em desgaste pela ação natural de intempéries, além de surgir um volume considerável de vegetação espontânea que invade a calçada. Situações essas, que corroboram para um estado de conservação ruim.		
Materiais:	Predominância do tijolo à vista, algumas paredes em pedra e a estrutura das vigas em concreto aparente. As esquadrias em vidro maiores e menores a depender da face da construção e jardins em diferentes níveis compõem as fachadas.		
Volumes:	A planta irregular apresenta maiores angulações na fachada norte e janelas com moldura diminuindo a exposição da casa ao sol e ao olhar externo. O reservatório está acima da escada ambos compondo um volume que se destaca. A cobertura em telha modulada é oculta por platibanda, rufo e calha em concreto com deságue aparente. Complementado pelos jardins nas fachadas sob lajes em varandas do pavimento superior.		
Interstício público privado:	O lote é de esquina, mas os acessos são por uma mesma entrada, o abrigo de veículos se localiza no setor de serviço com acesso pela cozinha. Há um espaço livre no terreno aos “fundos” em relação a face que se destinou os acessos.		
Interiores:	Construção em dois pavimentos com escada engastada e jardim embaixo. Sala de costura, estar, jantar, lavabo semicircular com alvenaria e acabamento em pedra bruta. A cozinha tem uma copa, depósito e despensa. A casa tem dois quartos com closet e suíte, o quarto de hóspedes também é suíte e está no segundo pavimento junto aos outros dois quartos, o estar íntimo dá acesso a varanda que também dá acesso ao hóspede e os banheiros têm bidê.		

Código:	CM23	Estado de preservação:	Demolida
----------------	------	-------------------------------	----------

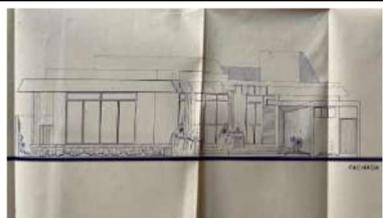
End. atual:	Rua Marechal Cândido Rondon, 22, Santa Monica	Á. Terreno: 813,44m ²
End. projeto:	Rua Marechal Rondon, s/n	Á. Construída: 406,96m ²
Proprietário:	Ivone Falcão Vieira	Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.: 28.08.1979
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:
		
Observações:	Em 2011 se encontrava preservada e em bom estado de conservação, contudo em 2022 já havia sido demolida para integrar a propriedade de um colégio particular, não foi construída nenhuma edificação no local, mas a área foi pavimentada para o destino de atividades escolares ao ar livre.	
Materiais:	Predominância do tijolo à vista com esquadrias e detalhes em madeira, Estrutura do telhado cerâmico em concreto e madeira, janelas em vidro menores na fachada principal, com muitas portas de correr em vidro nas laterais que dão para as varandas.	
Volumes:	Molduras nas esquadrias que não são protegidas por varandas diminuem a incidência solar direta. Telhado cerâmico com mudança de inclinação e terças em concreto, forro em madeira acompanhando inclinação do telhado.	
Interstício público privado:	Muro alto em pedra, a garagem aparece no projeto nomeada como garagem e não mais como abrigo, fechada como um ambiente, não é mais um espaço aberto coberto. Uma varanda integrada para os três quartos.	
Interiores:	Construção térrea, desnível entre os ambientes sociais e externos (mais baixo) e os íntimos e de serviço (mais alto). Entrada social para o estar com sofás em concreto, acesso para varanda pelo estar ou sala de jogos acessada pelo jantar, um lavabo numa estrutura que saca ao volume principal acessado pela sala de jogos. Banheiros com bidê, surge uma sala de estudos que pode ser acessada por essa varanda ou pelo corredor que vem da sala de jantar. Acesso à cozinha entre o jantar e o estudo, área de serviço e dois quartos de empregada, a garagem tem acesso à casa pelo serviço através da cozinha ou por uma circulação interna com jardim sob pergolado que dá para o jantar.	

Código:	CM24	Estado de preservação:	Muito alterada
End. atual:	Rua Felinto Marquês de Cerqueira, 195, Santa Monica	Á. Terreno:	440,50m ²
End. projeto:	Rua Felinto Marques de Cerqueira, s/n	Á. Construída:	237,80m ²
Proprietário:	Luis Fernando da Silva Assis	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Raymundo Alves e Lodtone Borges	Data de aprov.:	06.12.1979
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Se encontra muito alterada após sofrer adaptações para abrigar uma escola infantil, ainda assim é possível identificar a estrutura original.		

Materiais:	Predomina a parede emassada e o concreto aparente, esquadrias na fachada com desenho geométrico em vidro e veneziana, vegetação sob pergolado na fachada.
Volumes:	Duas águas, reservatório oculto entre laje e telhado cerâmico, pergolado com placas de fibra e vegetação, laje além do telhado, vigas invertidas.
Interstício público privado:	Lote irregular com um único acesso, muro alto e portão, construção recuada 12 metros da testada do lote com reco ocupado por jardim e abrigo de veículos na frente com pergolado.
Interiores:	Construção térrea com gabinete (escritório) na frente, varanda lateral, ambiente “som/bar” integrado ao living. O serviço é apenas um tanque mas tem quarto de goma além do quarto de empregada e banheiro. Suíte com banheira tem acesso a jardim privado e os banheiros têm bidê.

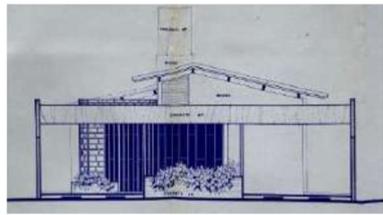
Código:	CM25	Estado de preservação:	Preservada
End. atual:	Rua Governador Juracy Magalhães, 272, São João	Á. Terreno:	600,00m ²
End. projeto:	Rua Dr. Elpidio Nova	Á. Construída:	281,43m ²
Proprietário:	João Francisco de Araujo	Á. Ocupada:	274,37m ²
Arquiteto:	Joaquim Franco	Data de aprov.:	08.05.1979
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Preservada e com bom estado de conservação, mas com uso residencial substituído por um centro de atendimento especializado de saúde já em 2011.		
Materiais:	Fachada em parede emassada e esquadrias com veneziana.		
Volumes:	Planta retangular com reservatório externo elevado. Laje com telhado, a platibanda é uma viga invertida e a calha em concreto é um rebaixo na laje.		
Interstício público privado:	Abrigo de veículos fechado (garagem), com acesso à varanda de serviço e circulação social. Construção solta no terreno com pequeno pátio central.		
Interiores:	Construção térrea, planta racionalizada, maioria das esquadrias sem boneca e sem forro, só laje e telhado. Acesso social pela sala, jardim interno, ambiente “diário” no que seria a sala de jantar, dá acesso à varanda que se abre para o espaço livre no terreno. Com cozinha e depósito, mas a lavanderia é apenas um nicho e o quarto de empregada é suíte. Os quartos não ficam no fundo, mas na lateral, três quartos para um sanitário social e uma suíte.		

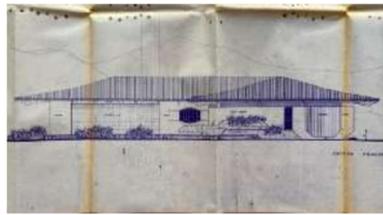
Código:	CM26	Estado de preservação:	-
End. atual:	-	Á. Terreno:	537,60m ²
End. projeto:	Rua Santiago	Á. Construída:	202,30m ²
Proprietário:	Edgar Bezerra da Silva	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Lodtone Borges de Souza	Data de aprov.:	24.03.1980
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	

		
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado.	

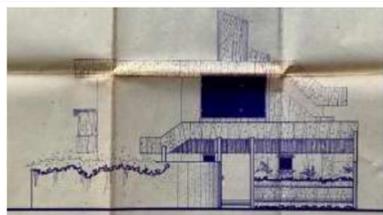
Código:	CM27	Estado de preservação:	Demolida
End. atual:	Rua São Domingos, 726, Santa Monica		Á. Terreno: 600,00m ²
End. projeto:	Rua S. Domingos, Lot. Chácara São José		Á. Construída: 332,12m ²
Proprietário:	Welinton Portugal Azevedo		Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea		Data de aprov.: 07.02.1980
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Demolido entre 2011 e 2022, e o terreno se encontra vazio.		
Materiais:	Composição em pedra e concreto aparente, esquadrias em vidro, parede em assada e fechamento da cobertura em muxarabi entre viga e telhado, jardim elevado sob as pedras.		
Volumes:	Reservatório externo elevado, jardim elevado, parede inclinada na fachada (tem a base mais larga e afina no topo), calha em concreto com deságue aparente na fachada, lavabo semicircular na frente com alvenaria e acabamento em pedra bruta na fachada, outro lavabo semicircular forma volume independente. Telhado modulado inclinação 10%, pergolado, platibanda com telhado embutido na frente.		
Interstício público privado:	Muro baixo em pedra fazem uma transição com jardins elevados internos e externos. O acesso de pedestres e de veículos é separado, mas na mesma fachada, o abrigo de veículos fica na frente da construção e dá acesso ao jantar.		
Interiores:	Construção térrea, elevada do solo, do living para o jantar desnível de dois degraus, o setor íntimo segue a cota mais alta do jantar, e o setor de serviço mais baixo. Ambientes sociais apresentam laje, telhado e forro, áreas molhadas e de serviço sem forro. Acesso social para o hall e depois living integrado com jantar, lavabo e uma sala externa na frente (pode ser um escritório) com lavabo. Iluminação do quarto e sanitário de empregado é por uma abertura acima do pé direito, tipo shed. O estar íntimo não é passagem para os quartos, uma circulação em corredor leva até os quartos, tem uma saleta dentro da suíte principal com vestiário, jardim e varanda privados, armários embutidos e banheiros com bidê.		

Código:	CM28	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	R. Marechal Candido Rondon, 91, Santa Monica		Á. Terreno: 300,00m ²
End. projeto:	Rua Marechal Candido Rondon		Á. Construída: 197,89m ²
Proprietário:	Nivaldo Cerqueira de Macêdo		Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea		Data de aprov.: 11.08.1980

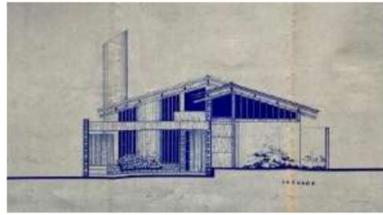
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:
		
Observações:	O volume da construção se mantém preservado com poucas alterações nos acabamentos.	
Materiais:	Fachada em vitral contorna o hall, concreto, pedra e parede emassada, telhado cerâmico e jardim sob base de concreto aparente.	
Volumes:	Planta irregular, telhado duas águas, viga em concreto de uma extremidade a outra da fachada, reservatório anexo à construção, mas elevado em um volume ao fundo que não se percebe numa vista da rua, parede em pedra bruta na diagonal quebra o volume longitudinal da casa, jardim elevado no centro da fachada.	
Interstício público privado:	Abrigo de um lado e do outro da mesma fachada (serviço e social) com jardim elevado entre eles, pouco espaço livre no terreno.	
Interiores:	Construção térrea, setor social e íntimo um degrau mais alto que serviço e varandas. A varanda lateral que é coberta por laje há um vidro fixo na diferença de altura entre a laje da varanda e a laje do ambiente som, na área de serviço só tem laje, o jantar tem forro e telhado, demais áreas tem laje e telhado. Na fachada a platibanda/viga invertida é inclinada. Ambiente “som” entre o jantar e circulação para os quartos, dá para a varanda lateral. Setor de serviço no mesmo volume da construção principal com a cozinha, a lavanderia é reduzida com apenas um tanque, mas tem quarto de empregada e banheiro. Suíte, armários embutidos e banheiros com bidê.	

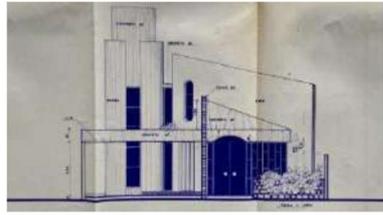
Código:	CM29	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	R. Marechal Castelo Branco, 1025, Santa Monica		Á. Terreno: 1590,00m ²
End. projeto:	R. Mal. Cast. Br. e R.2 JK, L. Pedro Paulo D'Oliveira		Á. Construída: 458,56m ²
Proprietário:	Almiro Marques de Cerqueira		Á. Ocupada: 458,56m ²
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea		Data de aprov.: 27.08.1980
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O volume da construção se mantém preservado com poucas alterações nos acabamentos.		
Materiais:	Fachada em concreto aparente, parede emassada e pedra bruta compondo o jardim elevado, junto com as jardineiras em concreto, esquadrias em blindex (vidro temperado) e muxarabi no fechamento entre parede e telhado da fachada.		
Volumes:	Telhado com mudança de inclinação, sob vigas de concreto, modulação da estrutura, moldura em concreto nas janelas a oeste, vão na cobertura para jardim interno, jardineiras elevadas, bloco dos banheiros na fachada, com um jardim à frente coberto por pergolado. Reservatório elevado externo a construção.		

Interstício público privado:	Lote com duas fachadas, mas só uma tem acesso, ainda assim a garagem é aos fundos, com um corredor lateral para a passagem dos veículos, o muro é baixo em pedra, espaço livre no lote. A vegetação no recuo frontal em diferentes níveis criam uma transição entre rua e casa.
Interiores:	Térreo, áreas molhadas em nível mais baixo. Telhado cerâmico com forro seguindo a inclinação, no setor de serviço a laje plana cumpre papel de forro. Estar, jantar, bar e gabinete, varanda, diário e cozinha nesse setor, sofá em concreto. O setor de serviços é separado da construção principal pelo abrigo (garagem), conta com um vestiário que atende ao espaço livre do lote. Estar íntimo e depois uma circulação que leva aos quartos, armários embutidos na alvenaria, os quartos se abrem para o varandado a leste, banheiros com bidê.

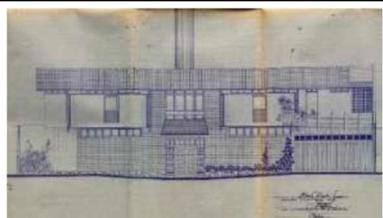
Código:	CM30	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	R. Marechal Castelo Branco, 1507, Santa Monica		Á. Terreno: 450,00m ²
End. projeto:	Esquina R. Mal. Castelo Branco c/ São Vicente		Á. Construída: 442,50m ²
Proprietário:	Gerval Almeida Sena		Á. Ocupada: 240,88m ²
Arquiteto:	Antônio Edson de Oliveira Freitas		Data de aprov.: 21.02.1980
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O volume da construção se mantém preservado com poucas alterações nos acabamentos.		
Materiais:	Predominância de concreto aparente nas vigas e elementos estruturais em balanço, paredes emassadas, portas e janelas em vidro temperado fumê e vegetação elevada na composição em diferentes níveis.		
Volumes:	Jogo de volumes estruturais em concreto com balcões em balanço no pavimento superior e o muro é uma composição de jardins elevados. Volume do reservatório acima da escada sem grande destaque, cobertura em telha modulada em cimento amianto com laje impermeabilizada, platibanda e calha em concreto, domos para iluminação zenital com lâmina de fibra de vidro.		
Interstício público privado:	Lote de esquina, separação dos acessos à frente e ao fundo da casa. O acesso de pedestres tem ligação direta para o estar. A entrada de veículos, com acesso direto para a cozinha, e outra entrada de pedestres, que dá para a área de serviço. E o muro em diferentes alturas faz parte da volumetria combinada com o jardim.		
Interiores:	Construção em dois pavimentos, escada em cascata, laje acima acompanha inclinação da escada, forro com rebaixo apenas na cozinha. Os ambientes são bem compartimentados com pouca integração. Cozinha com copa, tem acesso para garagem, serviço e para o ambiente "diário" (sala de jantar). Os quartos foram dispostos a leste mesmo estando voltados para a rua, dois no pavimento superior dividem um banheiro, outro no térreo com banheiro social que atende ao pavimento térreo e mais uma suíte.		

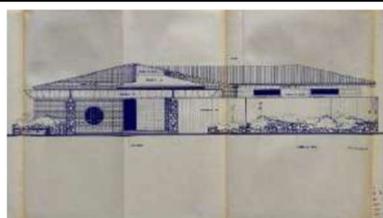
Código:	CM31	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Rua Jacobina, 50, Jardim Cruzeiro		Á. Terreno: 468,00m ²
End. projeto:	Rua Jacobina, 50		Á. Construída: -
Proprietário:	Darilda Oliveira Maier		Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea		Data de aprov.: 01.08.1980

Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:
		
Observações:	Pouco alterado com revestimento dos muros e aplicação em alumínio composto onde originalmente seria concreto aparente.	
Materiais:	Predominância de concreto aparente, algumas paredes em pedra e muro baixo do jardim elevado, esquadrias em vidro e madeira, e alguns vitrais, e telha cerâmica.	
Volumes:	Paredes com cantos curvos e chanfrados, telha cerâmica em duas águas, e laje impermeabilizada no abrigo. Um lavabo semicircular salta do volume principal, jardim de inverno com pergolado e reservatório elevado externo.	
Interstício público privado:	Abrigo na frente, os portões ocupam mais espaço na fachada do que o muro que é uma contenção para um jardim elevado. Um acesso de pedestres dá para o estar e o acesso de veículos dá para uma circulação que pode acessar o estar ou o diário (jantar), ou mesmo seguir por um corredor lateral até a área de serviço nos fundos.	
Interiores:	Construção térrea, os níveis vão subindo conforme vai adentrando a casa, a laje inclinada acompanha essa variação de nível. Domos de fibra de vidro com pergolado e iluminação zenital nos banheiros. Diário com mesa de refeições em concreto. Copa cozinha. Cama e bancadas em concreto, banheiro da suíte tem chuveiro e banheira e um espaço entre a parede curva e laje preenchido por vidro fixo, aqui os banheiros já não têm bidê.	

Código:	CM32	Estado de preservação:	-
End. atual:	-		Á. Terreno: 319,00m ²
End. projeto:	Av. Getúlio Vargas, Lot. Parque Rainha Elizabeth		Á. Construída: 217,34m ²
Proprietário:	José Dantas Ribeiro		Á. Ocupada: 197,00m ²
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea		Data de aprov.: 21.05.1981
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado.		

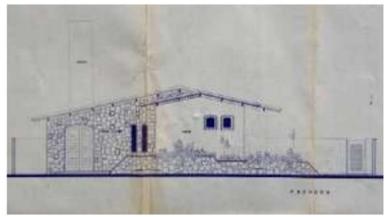
Código:	CM33	Estado de preservação:	-
End. atual:	-		Á. Terreno: 840,00m ²
End. projeto:	Rua Estados Unidos, s/n		Á. Construída: 375,00m ²
Proprietário:	Elson Vieira Guirra		Á. Ocupada: 296,00m ²
Arquiteto:	Gabriel Vega Torres		Data de aprov.: 02.10.1981
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	

		
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado.	

Código:	CM34	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	R. Marechal Castelo Branco, 1238, Santa Monica		Á. Terreno: -
End. projeto:	Rua Marechal Castelo Branco		Á. Construída: -
Proprietário:	Guilherme Falcão Bastos		Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea		Data de aprov.: 07.01.1981
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Pouco alterado, os elementos que eram originalmente em concreto nas imagens de 2011 e 2022 se encontram emassados e pintados.		
Materiais:	Fachada em concreto aparente, pedra e tijolo à vista, telhado cerâmico e muito jardim sob as muretas em pedra.		
Volumes:	Jardins elevados em diferentes níveis, balcões elevados em concreto aparente, reservatório elevado externo, telha cerâmica, laje impermeabilizada, pergolado e laje inclinada.		
Interstício público privado:	Abrigo na frente sem divisão entre acesso social e veículo, espaço livre no lote através da varanda do setor social. Hall de entrada fora da construção entre a garagem e o estar.		
Interiores:	Construção térrea. Área íntima tem laje e telhado, áreas sociais têm forro acompanhando inclinação do telhado. Lavabo entre estar e jantar que dá para varanda e área externa. Copa/cozinha, e a área de serviço é um espaço aberto. Estar íntimo com sofá em concreto, banheiros com bidê e suíte com vestiário (closet).		

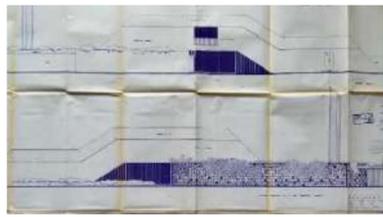
Código:	CM35	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	R. Erico Sophia Brandão, 487, Pq. Getúlio Vargas		Á. Terreno: 465,53m ²
End. projeto:	Rua Santiago, antiga Fazenda Lagoa do Fumo		Á. Construída: -
Proprietário:	Oscar Damião de Almeida		Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea		Data de aprov.: 31.07.1981
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	

  	
Observações:	Pouco alterado, os elementos que eram originalmente em concreto nas imagens de 2011 e 2022 se encontram emassados e pintados.
Materiais:	Fachada em tijolo à vista, concreto aparente e pedra, paredes laterais emassadas e “combongós” na área de serviço.
Volumes:	Telhado cerâmico em quatro águas com beiral. Reservatório externo.
Interstício público privado:	Jardins internos e externos, muito espaço livre no terreno, abrigo na frente e varanda lateral, hall de entrada dá para o jantar não mais para o estar.
Interiores:	Construção térrea, dois estares separados, um mais interno, outro mais externo. Cozinha enorme com despensa. Sanitários sem bidê, uma varanda para quatro quartos (um é de hóspedes), a suíte tem uma sala íntima, um vestiário, circulação, ocupa quase 1/3 da área construída da casa.

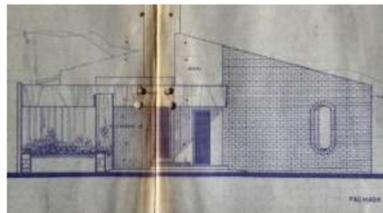
Código:	CM36	Estado de preservação:	-
End. atual:	-	Á. Terreno:	940,00m ²
End. projeto:	Rua Lima (ao lado da casa nº 926)	Á. Construída:	271,46m ²
Proprietário:	Jaime Cerqueira da Cunha	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.:	20.10.1982
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado.		

Código:	CM37	Estado de preservação:	Não identificada
End. atual:	Rua São Francisco de Assis, 969, Santa Monica	Á. Terreno:	700,00m ²
End. projeto:	Loteamento Santa Monica, lote 7 e 8, quadra H	Á. Construída:	297,20m ²
Proprietário:	Júlio Cesar Santana da Silva	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Raymundo Alves e Lodtone Borges	Data de aprov.:	29.11.1982
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	

		
Observações:	Foi erguido um muro que dificulta a análise sobre o estado de preservação e conservação da edificação principal, mas a cobertura se mantém a mesma e atualmente o espaço é utilizado como petplay.	
Materiais:	Fachada com parede emmassada, pergolado em concreto, vitral, portão em madeira e telhado cerâmico.	
Volumes:	Planta com alguns chanfros especialmente na área íntima. Telhado cerâmico de seis águas, laje e pergolado em concreto e balcões nos quartos.	
Interstício público privado:	Garagem como espaço fechado com acesso separado do social, jardim interno e espaço livre em uma das laterais do terreno com acesso à varanda social. O acesso social tem um patamar (hall) e vestibulo interno.	
Interiores:	Construção térrea. Ambientes internos com laje e telhado e variação na inclinação. Temos dois “livings”, um lavabo que atende ao jantar e a varanda, essa varanda se integra a área externa denominada área de lazer. Setor de serviço integrado à construção principal, com canil e quarto de goma. Banheiros sem bidê e closet no quarto do casal.	

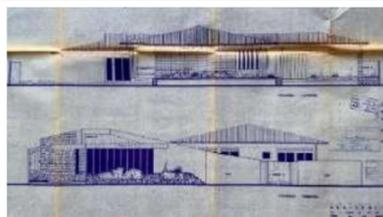
Código:	CM38	Estado de preservação:	Demolida
End. atual:	R. Marechal Cândido Rondon, 33, Santa Monica		Á. Terreno: 1500,00m ²
End. projeto:	Esquina R. Marechal Cândido Rondon e Riolandia		Á. Construída: 550,12m ²
Proprietário:	Carlos Alberto Lima		Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea		Data de aprov.: 24.09.1982
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Em 2011, era utilizada como loja de produtos esotéricos e centro espírita umbandista. Para esse uso foram realizadas mínimas intervenções que mantinham seu estado de preservação íntegro ainda que com um uso não residencial. Mas entre 2011 e 2022, foi demolida, tendo seu terreno integrado a área pertencente a um colégio particular, que mantém o terreno sem nenhuma edificação.		
Materiais:	Fachadas em concreto liso, concreto texturado, pedra, vidro temperado (blindex) e vitrais, algumas paredes em tijolo aparente, parede emmassada e portão em grade.		
Volumes:	Jardins elevados em um pavimento com muro de contenção, lavabo com vitral semicircular lavatório externo ao sanitário, também semicircular em alvenaria de pedra. Telhado com platibandas inclinadas e rufos integrados, calha em concreto, vigas da primeira laje ocultas pelo forro, vigas invertidas na segunda laje, vigas inclinadas formam pergolado inclinado com vidro e reservatório externo elevado.		
Interstício público privado:	Casa de esquina acesso de veículos por uma testada, acesso social pela outra, há um terceiro acesso que dá para área externa (lazer). No acesso de veículos, a partir do abrigo se acessa a cozinha. O acesso principal de pedestres é guiado por um jardim externo que adentra o		

	interior da casa sendo separado por uma parede de vidro, mas não conformam dois volumes separados e sim um único jardim interno/externo à construção.
Interiores:	Construção em dois pavimentos, o volume da escada é solto da construção, vigas inclinadas formam pergolado inclinado com vidro e acompanha inclinação da escada, domos para iluminação zenital sob pé direito duplo ilumina o térreo. Acesso social a partir do patamar pode acessar diretamente o gabinete ou entrar pelo hall da casa que leva ao estar, depois ao jantar separados por armário, jantar tem uma varanda privada e um lavabo. O salão de jogos com teto verde ao lado de um bar ambiente sem nome com um banheiro integrado com jardim sob pergolado.

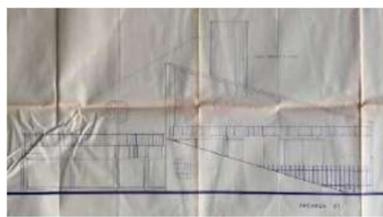
Código:	CM39	Estado de preservação:	Preservada
End. atual:	R. Nova York, 113, Santa Monica	Á. Terreno: 442,75m ²	
End. projeto:	Rua Nova York s/n, P. Getúlio Vargas	Á. Construída: 235,17m ²	
Proprietário:	José Brasileiro Borges	Á. Ocupada: -	
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea e Augusto César Pacheco	Data de aprov.: 20.11.1982	
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O uso, o volume e os acabamentos da construção original se mantêm preservados.		
Materiais:	Fachada em tijolo à vista, concreto aparente, massa e pedra no jardim elevado.		
Volumes:	A inclinação das paredes cria uma fachada mais larga num terreno que é estreito para o padrão visto até aqui. O jardim suspenso ajuda a compor com a laje, o telhado cerâmico oculto e o pergolado em concreto.		
Interstício público privado:	A janela estreita da fachada que dá para um ambiente interno, mas para o jardim lateral sob pergolado. O acesso lateral que vai para o serviço ou social que dá para o vestíbulo.		
Interiores:	Construção térrea, vestíbulo, estar, gabinete, estante em alvenaria e o jantar em nível mais alto dá para varanda. Existe um fundo anexo ao muro que abriga a casa dos cachorros. Copa cozinha acessa o jantar e a área de serviço. Sanitários sem bidê, suíte com vestir e varanda.		

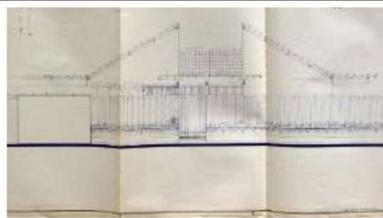
Código:	CM40	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Rua São Francisco de Assis, 69, Santa Monica	Á. Terreno: 1500,00m ²	
End. projeto:	R. São Francisco, L. Santo Antônio, lote 11, quadra 4	Á. Construída: 550,12m ²	
Proprietário:	José Francisco Sobrinho	Á. Ocupada: -	
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea e Maria Aparecida Falcão	Data de aprov.: 08.03.1982	
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	

		
Observações:	O volume da construção se mantém preservado, mas as faces que no projeto original eram em concreto aparente se encontram revestidas.	
Materiais:	Fachada em concreto aparente e paredes emassadas com algumas em pedra.	
Volumes:	Escada marcando volume na fachada e parede com envasaduras e reservatório no mesmo volume. Cantos de paredes em curva e janelas de esquina. Telha modulada com platibanda, rufo e calha em concreto e laje inclinada.	
Interstício público privado:	Acesso social separado do abrigo de veículos que tem acesso pelo jantar ou lateral de serviço.	
Interiores:	Construção em dois pavimentos. O pavimento superior é só um ambiente de estudo com dois balcões, escada monolítica semi helicoidal. Lavabo semicircular entre jantar e sala de tv, varanda lateral. Setor de serviço integrado à construção tem uma cozinha com despensa. Paredes projetadas para armários embutidos, sanitários com bidê.	

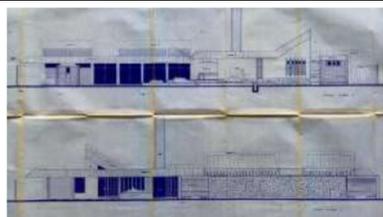
Código:	CM41	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	R. Frei Aureliano Grotamares, 205, Santa Monica		Á. Terreno: 812,98m ²
End. projeto:	Esquina Frei Aureliano de Grotamares e Bulgária		Á. Construída: 366,26m ²
Proprietário:	Dourival Freitas Bastos		Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea e Augusto César Pacheco		Data de aprov.: 13.08.1982
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O volume da construção se mantém preservado com poucas alterações nos acabamentos, mas entre 2011 e 2022 a vegetação existente da calçada ganhou um volume considerável e invade o espaço de pedestres indicando um possível desuso e abandono da casa.		
Materiais:	Construção em pedra, tijolo, concreto e parede emassada, esquadria em vidro, telha cerâmica e jardins elevados.		
Volumes:	Composição de laje plana, laje inclinada e telhado cerâmico. O lavabo que saca o volume principal da construção é envolto por um jardim. O reservatório elevado não tem muito destaque, mas os jardins elevados ocupam grande parte do lote.		
Interstício público privado:	Lote de esquina, acesso de veículos por uma fachada, acesso social por outra, varanda lateral também para o living que se abre para a área externa, espaço livre no terreno, que se torna o centro da casa. O acesso de veículos dá para o diário ou serviço.		
Interiores:	Construção térrea elevada do solo, forro em madeira acompanha inclinação do telhado, laje nas áreas íntimas e de serviço. Pelo acesso social tem o patamar, vestíbulo, living e jantar a partir do qual se tem acesso ao gabinete, diário e lavabo. O serviço tem cozinha, quarto de goma e depósito e despensa. Depois do diário tem o estar íntimo, e circulação para o		

	sanitário social e quartos, banheiros sem bidê e com jardim interno, a suíte tem vestir e varanda e o banheiro tem jardim interno.
--	--

Código:	CM42	Estado de preservação:	Preservada
End. atual:	R. Milton Leite R. de Melo, 460, Santa Monica	Á. Terreno:	844,00m ²
End. projeto:	Rua São Raimundo, s/n, Capuchinhos	Á. Construída:	384,41m ²
Proprietário:	Washington Luiz de Cerqueira Almeida	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Luiz Humberto, Neilton Dorea e arquitetos	Data de aprov.:	26.02.1982
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O uso, o volume e os acabamentos da construção original se mantêm preservados.		
Materiais:	Construção em tijolo e concreto, esquadrias em vidro e muitos jardins.		
Volumes:	Talude, reservatório no mesmo volume da escada. Telha cerâmica, laje pergolado. Jardim no teto da garagem, laje da varanda também tem jardim.		
Interstício público privado:	A casa tem um único acesso, prevê piscina nos fundos com área de lazer com deck próxima ao setor social e o abrigo de veículo é na frente do lote.		
Interiores:	Construção em dois pavimentos com escada helicoidal. O pavimento superior tem uma suíte e um mezanino que deixa o viver 2 com um pé direito duplo. Forro acompanha inclinação do telhado. Escada no viver 1, viver 2 tem lavabo com duas portas que dá para a varanda externa, com deck e piscina. Cozinha meio social/serviço tem um nicho para a geladeira e balcão como divisória para a varanda com deck. Um sanitário para duas suítes, quarto casal tem vestir e banheiro com banheira sob pergolado. Espaços sociais bem integrados.		

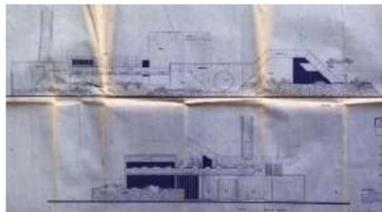
Código:	CM43	Estado de preservação:	-
End. atual:	-	Á. Terreno:	1050,00m ²
End. projeto:	Rua Cosme Carneiro, 64	Á. Construída:	537,45m ²
Proprietário:	Renato Costa Bitencourt	Á. Ocupada:	768,15m ²
Arquiteto:	Gabriel Vega Torres	Data de aprov.:	04.04.1983
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Casa não localizada, endereço atual não encontrado.		

Código:	CM44	Estado de preservação:	Não identificada
----------------	------	-------------------------------	------------------

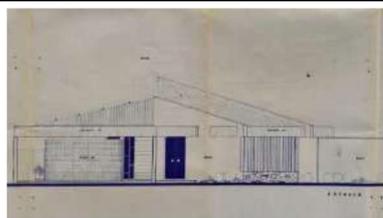
End. atual:	Condomínio Morada das Árvores, Santa Monica	Á. Terreno: 2119,00m ²
End. projeto:	Lote 4, 5, 6, 7 e 8, quad. F, L. Morada das Árvores	Á. Construída: 761,17m ²
Proprietário:	Antônio Fernandes Silva	Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.: 26.01.1983
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:
	(localização em condomínio não acessada pelo street view)	(localização em condomínio não acessada pelo street view)
Observações:	Não foi possível atestar o estado de conservação ou preservação, mas pelas imagens satélites a construção se mantém erguida.	
Materiais:	Muitas esquadrias de vidro, tijolo aparente, concreto aparente e massa.	
Volumes:	Inclinação do telhado para shed, moldura nas janelas, muro com estrutura em concreto inclinada. Telhado modulado embutido com platibanda, rufo e calha, laje, jardim e pergolado.	
Interstício público privado:	Casa em condomínio, resultado de 5 lotes unidos, dois acessos opostos, o acesso de veículos aparece no social enquanto o de pedestre aparece no serviço, uma lógica invertida aos demais exemplos vistos até aqui.	
Interiores:	Construção térrea. Telhado embutido sem laje interna com forro de madeira e domos de iluminação zenital. Sanitário externo livre, apartamento de hóspedes e salão de jogos. A cozinha não está no setor de serviço e sim, mais próxima ao social. Jardim dentro do banheiro com hidromassagem.	

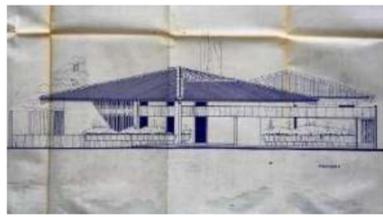
Código:	CM45	Estado de preservação:	Não identificada
End. atual:	Rua São Cristóvão, 623, Santa Monica	Á. Terreno:	1056,00m ²
End. projeto:	Rua São Cristóvão, 623	Á. Construída:	342,00m ²
Proprietário:	João de Deus Nogueira Santos	Á. Ocupada:	237,63m ²
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.:	22.06.1983
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Demolido entre 2011 e 2022 até o referido ano a mesma se encontrava em estado íntegro de preservação.		
Materiais:	Construção em tijolo, pedra, massa e concreto aparente nas vigas, telhado cerâmico e esquadrias em vidro, jardins elevados em muretas de pedra.		
Volumes:	Três blocos de telhado cerâmico em quatro águas. Reservatório subterrâneo, jardim elevado na frente.		

Interstício público privado:	Acesso de pedestre separado do de veículos, abrigo nos fundos do lote entre o bloco de dependência de empregados e o volume principal da casa. Muito espaço livre no terreno.
Interiores:	Construção em dois pavimentos com escada engastada. Telhado cerâmico e laje, primeiro pavimento com laje e forro. Volume do bar em pedra no meio do jantar, varanda associada ao living e jantar, copa cozinha. Nos fundos, integra dois quartos de empregada e um banheiro, enquanto a lavanderia, despensa e cozinha estão integrados ao volume principal. No pavimento superior com estar íntimo, dois quartos e uma suite com closet e banheiro com banheira.

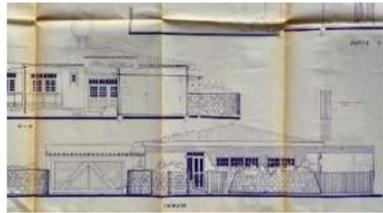
Código:	CM46	Estado de preservação:	Muito alterada
End. atual:	R Nossa Senhora da Conceição, 97, Santa Monica	Á. Terreno:	1125,00m ²
End. projeto:	Lote 5, 7, 9 e 10, quad. C, Lot. Chácara Ponto Alto	Á. Construída:	405,00m ²
Proprietário:	Teonildo Falcão da Silva	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.:	17.06.1983
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Muitas alterações que se encontram tanto no fechamento dos muros, como no revestimento e pintura, alterando os materiais de acabamento originais, contudo, sua estrutura original se mantém aparentemente inalterada.		
Materiais:	Construção em concreto aparente, massa e pedra, telhado modulado embutido e jardins elevados.		
Volumes:	Jardins elevados, janela inclinada, laje inclinada, banheiro externo livre em volume circular. Telhado embutido, platibanda, rufo e calha e reservatório externo elevado.		
Interstício público privado:	Lote de esquina, resultado de 4 lotes unidos, garagem entre acesso de serviço e cozinha, acesso social na lateral, extenso jardim externo e jardins internos descobertos.		
Interiores:	Construção térrea, área íntima em nível mais alto, forro de madeira. Copa/cozinha próxima ao jantar, jardim na sala. Serviço reduzido, com dois quartos, um banheiro e depósito. Suite com vestiário, um bidê e sem banheira.		

Código:	CM47	Estado de preservação:	Muito alterada
End. atual:	Rua São Cosme e Damião, 829, Santa Monica	Á. Terreno:	840,00m ²
End. projeto:	Rua São Roque, L. Santa Monica, lote 2 e 3, q. M	Á. Construída:	357,81m ²
Proprietário:	Peron Queiroz Freitas	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.:	18.01.1983
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	

		
Observações:	Muitas alterações que se encontram tanto no fechamento dos muros, como no revestimento e pintura, alterando os materiais de acabamento originais, contudo, sua estrutura original se mantém aparentemente inalterada.	
Materiais:	Parede emassada, concreto, tijolo, pedra, brises de concreto, vitrais e porta em vidro temperado.	
Volumes:	Jardim elevado, balcões nos quartos e a laje inclinada acompanha desnível. Composição de telha cerâmica, laje, detalhe da fibra de vidro no pergolado e reservatório elevado e gabinete semicircular na frente.	
Interstício público privado:	Dois lotes unidos, garagem na frente, espaço livre no lote a partir da varanda do jantar.	
Interiores:	Construção térrea, gabinete em nível bem mais baixo, jantar mais alto que estar, banheiros mais altos que os quartos. Área de serviço integrada a construção. Balcões nos quartos, suíte casal com bidê, demais banheiros sem bidê, sem armários embutidos.	

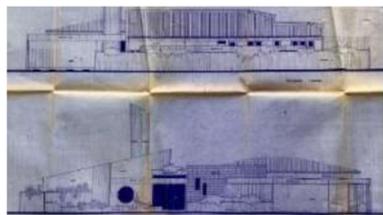
Código:	CM48	Estado de preservação:	Muito alterada
End. atual:	Rua Nossa Senhora da Piedade, 344, Santa Monica		Á. Terreno: 985,60m ²
End. projeto:	Rua Nossa Senhora da Piedade, 344		Á. Construída: 412,67m ²
Proprietário:	José Brasileiro Borges		Á. Ocupada: 394,48m ²
Arquiteto:	Everaldo Marques, Juraci Dórea e Augusto César Pacheco		Data de aprov.: 24.02.1983
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Muitas alterações que se encontram tanto no fechamento dos muros, como no revestimento e pintura, alterando os materiais de acabamento originais, contudo, sua estrutura original se mantém aparentemente inalterada.		
Materiais:	Predominância da parede emassada, concreto aparente em elementos estruturais, esquadrias em vidro temperado, telhado cerâmico com terças em concreto, forro em lambri, jardins elevados sob jardineiras em concreto.		
Volumes:	Jardins elevados, elementos verticais em concreto tipo brise, planta com muitos chanfros. Telhado cerâmico, espigão em concreto, laje impermeabilizada, pergolado seguindo a inclinação da cobertura, calha em concreto na própria laje. Os quartos com balcão estão para leste, os quartos para oeste têm uma varanda integrada ao volume, protegendo os quartos do sol direto, iluminação zenital na circulação íntima.		
Interstício público privado:	Acesso de veículos e acesso de pedestre distintos, mas ambos adentram a casa pelo vestíbulo. A varanda que se abre a um espaço externo entre o estar e o diário.		

Interiores:	Espaços muito compartimentados, forro acompanhando inclinação da cobertura instalado entre as terças. O estar num nível mais baixo três degraus, a escada engastada leva ao mezanino, jardim interno no espaço da escada é onde tem o pergolado inclinado. Lavabo, diário, copa cozinha com despensa, Iluminação zenital na lavanderia e depósito, quartos de empregada com boa iluminação/ventilação. Banheiros com bidê, banheiro da suíte compartimentado e com banheira.
--------------------	--

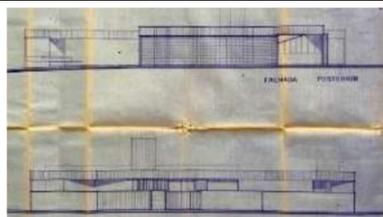
Código:	CM49	Estado de preservação:	Muito alterada
End. atual:	Rua São Geraldo, 108, Santa Monica	Á. Terreno: 840,00m ²	
End. projeto:	Rua São Geraldo, 108, Capuchinhos	Á. Construída: 418,80m ²	
Proprietário:	Egídio Dias Gomes	Á. Ocupada: -	
Arquiteto:	Jairo Cedraz de Oliveira	Data de aprov.: 20.08.1983	
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Muitas alterações que se encontram tanto no fechamento dos muros, como no revestimento e pintura, alterando os materiais de acabamento originais, contudo, sua estrutura original se mantém aparentemente inalterada, mesmo apresentando em 2022 um uso diferente do residencial, como creche escola.		
Materiais:	Pedra, concreto, pergolado, vitral, porta estilo veneziana.		
Volumes:	Reservatório enterrado e outro elevado, jardim elevado a altura do muro (meia parede). Laje e telhado cerâmico, jardim em cima da laje.		
Interstício público privado:	O abrigo é uma garagem fechada como um ambiente interno, apresenta também jardim de inverno.		
Interiores:	Construção térrea. Sala de som, sala de TV, copa cozinha, sanitário feminino e masculino na área externa, área de jogos, bar voltado para o jardim com acesso por uma sala que tem copa cozinha, banheiro e depósito, é um espaço pensado para eventos. Área de serviço reduzida. Varanda em todos os quartos e bidê nos banheiros.		

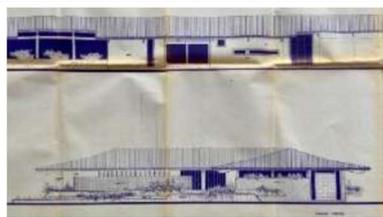
Código:	CM50	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Rua José Pereira Mascarenhas, 38, Capuchinhos	Á. Terreno: 1080,00m ²	
End. projeto:	Rua José Pereira Mascarenhas	Á. Construída: 413,88m ²	
Proprietário:	Dário Passos Rodrigues	Á. Ocupada: -	
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.: 27.12.1983	
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	

		
Observações:	Pouco alterado com apenas algumas paredes que originalmente teriam o acabamento no concreto se encontram pintadas, mas com os elementos formais mantidos. Contudo a mesma se encontra em estado de conservação ruim com marcas de chuva e umidade.	
Materiais:	Pedra, concreto, tijolo, treliça. Telhado cerâmico e jardins que emolduram e compõem a construção.	
Volumes:	Reservatório elevado, jardins elevados. Telhado cerâmico, laje, pergolado,	
Interstício público privado:	O acesso da garagem é dividido do acesso de pedestres, mas ambos pelo setor social. Com jardins internos e externos.	
Interiores:	Construção térrea, laje substitui o forro. A garagem tem acesso ao estar, varandas nas salas, bar no hall de entrada. Garagem distante do acesso ao serviço. Balcões nos quartos, suíte com vestiário e sanitários com bidê.	

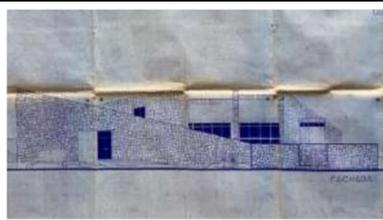
Código:	CM51	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Rua São Cristóvão, 341, Santa Monica		Á. Terreno: 900,00m ²
End. projeto:	Esquina da Rua São Cristóvão e São Raimundo		Á. Construída: 362,94m ²
Proprietário:	Manoel Alves Pereira		Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea		Data de aprov.: 19.10.1983
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O volume da construção se mantém preservado com poucas alterações nos acabamentos, mas se encontra num estado ruim de conservação, aparentemente em estado de abandono.		
Materiais:	Concreto aparente, tijolo aparente e massa.		
Volumes:	Jardins elevados, reservatório elevado integrado a construção, janela circular, sheds, paredes chanfradas e pergolado na fachada. Vigas invertidas onde o teto é a laje, outras partes têm telhado cerâmico com platibanda e forro. E balcões em balanço em concreto nos quartos.		
Interstício público privado:	Lote de esquina, garagem perto da área de serviço, acesso social na outra testada, espaço livre no lote a partir da varanda social.		
Interiores:	Construção térrea com desnível no forro. Lavabo circular, sofá em concreto, sanitário externo e bar na área livre. Setor de serviço integrado a construção principal. Estar íntimo com sofá em concreto, três quartos e uma suíte com closet.		

Código:	CM52	Estado de preservação:	Pouco alterada
----------------	------	-------------------------------	----------------

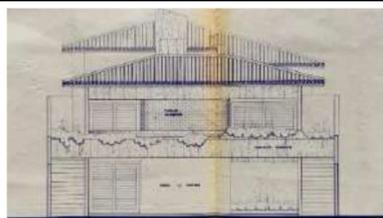
End. atual:	Rua São Mamede, 75, Santa Monica	Á. Terreno: 1500,00m ²
End. projeto:	Rua São Mamede, 75, Santa Monica	Á. Construída: 489,50m ²
Proprietário:	Florisberto Ferreira de Cerqueira	Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Luiz Humberto, Neilton Dorea e arquitetos	Data de aprov.: 02.11.1983
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:
		
Observações:	O volume da construção se mantém preservado com poucas alterações nos acabamentos, mas se encontra num estado ruim de conservação, aparentemente em estado de abandono.	
Materiais:	Predomina a parede emassada e concreto aparente.	
Volumes:	Construção horizontal com blocos bem marcados em concreto. Paredes e vigas com ângulos e curvas. Laje impermeabilizada e pergolado, iluminação zenital, vidro sobre pergolado, domos em fibra de vidro e vigas invertidas. Reservatório elevado integrado à construção principal.	
Interstício público privado:	Garagem perto do serviço, espaço livre no lote, área de lazer com deck, varanda, sauna e piscina na frente do lote, isolada pelo muro, mas acessada pelo viver e entrada de pedestres.	
Interiores:	Construção térrea, área íntima em nível mais alto dois degraus. O teto é a laje, galeria com cobertura em vidro. Varanda com churrasqueira, deck, sauna, banheiro, piscina. Um viver para empregados, quartos e banheiro de serviço com iluminação a partir de domos. Três suítes com closet e banheiro, a do casal tem banheira.	

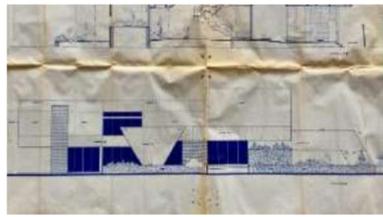
Código:	CM53	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Rua São Mamede, 96, Santa Monica	Á. Terreno: 3760,00m ²	
End. projeto:	Rua São Mamede, Santa Monica	Á. Construída: 623,55m ²	
Proprietário:	Geraldo Eurico Guimarães	Á. Ocupada: -	
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.: 27.12.1983	
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O volume e os acabamentos da construção se mantêm preservados, mas se encontra num estado ruim de conservação, aparentemente em estado de abandono.		
Materiais:	Predominam o tijolo à vista e o concreto em diferentes texturas, algumas paredes emassadas e esquadrias em vidro nas fachadas laterais e de fundo.		
Volumes:	Jardins elevados em diferentes níveis sob jardineiras de concreto, na fachada a alvenaria de vedação tem acabamento em concreto aparente e se descola da cobertura através das esquadrias, bloco de banheiros ligado ao bloco principal em uma estrutura semicircular		

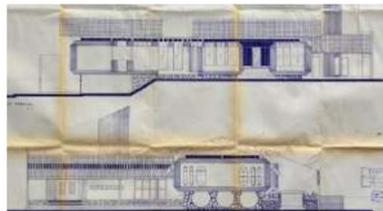
	composta por jardins, encimado por um pergolado e laje em concreto, prateleira solar nas janelas a oeste e moldura nas demais, reservatório elevado externo a construção.
Interstício público privado:	Fechamento em grade, amplo jardim externo em diferentes níveis, garagem na área de serviço, jardins internos, jardim que adentra o bloco principal da construção e varandado no perímetro nordeste.
Interiores:	Construção térrea, mudanças de nível, os desníveis são criados, não acompanham o terreno original. O banheiro para a área de lazer externa é três vezes maior que o banheiro de serviço ao lado. A estrutura de serviços é separada da construção principal pelo espaço de garagem. Os quartos se abrem para a varanda, espaço para armários embutidos na alvenaria.

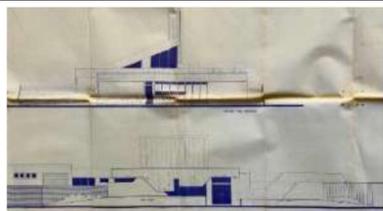
Código:	CM54	Estado de preservação:	Preservada
End. atual:	Rua Rio Amazonas, 665, Santa Monica	Á. Terreno: 1588,40m ²	
End. projeto:	Rua Rio Amazonas, 665	Á. Construída: 553,70m ²	
Proprietário:	Josué da Silva Mello	Á. Ocupada: 459,10m ²	
Arquiteto:	Raymundo Alves e Lodtone Borges	Data de aprov.: 02.03.1983	
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O uso, o volume e os acabamentos da construção original se mantêm preservados.		
Materiais:	Construção predominantemente em pedra em sua estrutura e acabamento, alguns volumes em concreto e esquadrias em vidro.		
Volumes:	Planta radial com reservatório embutido na construção, volumes em concreto projetado para fora da estrutura (banheira e hall de acesso). Telhado cerâmico sob vigas de concreto, parte em laje impermeabilizada e algumas lajes inclinadas.		
Interstício público privado:	Fechamento em grade, jardim externo ao muro emoldura a construção, garagem na área de serviço oculta o veículo da fachada, angulação da construção cria uma transição onde se dispersa o que é muro o que é casa.		
Interiores:	Parte semienterrada, trabalho com desníveis que aproveitam a inclinação da cobertura. O living e o espaço para refeições são integrados com acesso à varanda que se abre para o espaço livre do terreno com bar e lavabo, a casa tem sala de jogos e biblioteca. Passa-prato na cozinha com área para lanches próximo a sala de tv integra esses ambientes. Garagem próximo ao serviço, cozinha, despensa, quarto de goma, depósito, dois quartos de empregada e dois banheiros sendo uma suíte. O setor íntimo tem quarto de hóspedes e as suítes têm closet e varandas íntimas.		

Código:	CM55	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Avenida Maria Quitéria, 2537, São João	Á. Terreno: 360,00m ²	
End. projeto:	Avenida Maria Quitéria, s/n	Á. Construída: 297,97m ²	
Proprietário:	José de Andrade Pereira	Á. Ocupada: 192,30m ²	
Arquiteto:	Antônio Edson de Oliveira Freitas	Data de aprov.: 17.05.1985	
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	

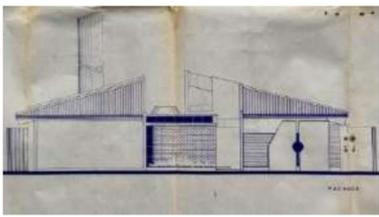
		
Observações:	O volume da construção se mantém preservado com poucas alterações nos acabamentos.	
Materiais:	Parede emassada, tijolo e concreto.	
Volumes:	Jardineiras em balanço sob as varandas e no muro, encontros de alvenaria curvados e chanfrados. Cobertura cerâmica, shed, laje impermeabilizada, lajes planas e inclinadas e reservatórios integrados a estrutura principal.	
Interstício público privado:	Garagem embaixo no nível da rua, muro inexistente, o que marca os espaços é apenas um gradil.	
Interiores:	Variações nos pés direitos, aproveitamento da inclinação do terreno. Ambientes muito divididos pela alvenaria. No pavimento superior, acesso pelo jantar ou estar. Serviço com espaço reduzido, integra o volume principal. No setor íntimo, dois quartos e uma suíte, armários embutidos, banheiros com bidê.	

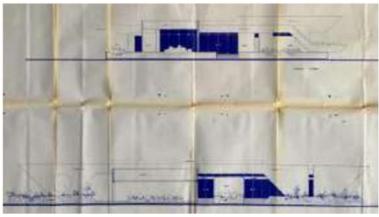
Código:	CM56	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Rua Rio Verde, 97, Santa Monica	Á. Terreno:	1800,00m ²
End. projeto:	Rua Rio Verde, s/n	Á. Construída:	779,12m ²
Proprietário:	Maria de Lourdes Lima Libório	Á. Ocupada:	555,42m ²
Arquiteto:	Everaldo, Juraci e Maria Inês Oliveira		Data de aprov.: 03.01.1985
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	A construção foi adaptada para o uso de uma escola. Aqui, os elementos que foram acrescentados para adaptar essa construção seguem o princípio da reversibilidade, aparentemente mantendo muitos dos elementos originais.		
Materiais:	Concreto, tijolo, pedra, parede emassada e muita vegetação emoldurando a construção.		
Volumes:	Reservatório externo, sanitário externo livre semicircular, moldura das janelas, jardins elevados, telhados embutidos, com platibanda, rufo e calha em concreto, lajes, domus de luz, lajes planas e inclinadas.		
Interstício público privado:	Garagem com quatro vagas próxima ao serviço, jardim interno e muito espaço livre no lote acessada pelo salão de jogos integra uma área de lazer.		
Interiores:	Construção em dois pavimentos com pavimento a meio nível, variação de nível, volume da escada solto da estrutura sob jardim, pergolado interno. Estar, bar, jantar, sofá em concreto na sala de tv. Duas cozinhas, estar de empregada, dois quartos, depósito e um banheiro. Estar íntimo, dois quartos são acessados a partir do mesmo closet e dividem o mesmo banheiro com jardim interno, quarto do casal com closet e banheiro para jardineira, mais duas suítes.		

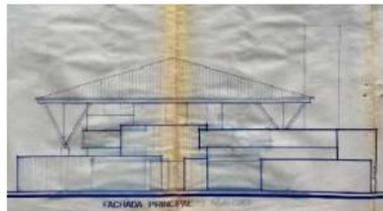
Código:	CM57	Estado de preservação:	Muito alterada
End. atual:	Av. Getúlio Vargas, 3445, Santa Monica		Á. Terreno: 1020,00m ²
End. projeto:	Lot. Rainha Elisabeth, quadra K, lotes 12, 13 e 14		Á. Construída: 364,50m ²
Proprietário:	Amauri Rodrigues de Carvalho		Á. Ocupada: 634,94m ²
Arquiteto:	Gabriel Vega Torres		Data de aprov.: 23.02.1984
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O uso residencial foi substituído pelo de uma clínica odontológica com acréscimo de elementos contemporâneos na fachada mantendo alguns elementos originais na imagem de 2022. Nessa construção, ainda em 2011 é possível perceber muitas diferenças entre o projeto encontrado no arquivo, isso pode denotar que a construção já havia passado por reformas, ou que originalmente foi construído um projeto diferente dessa primeira aprovação.		

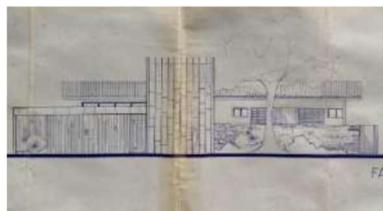
Código:	CM58	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Rua Saracura, 722, Santa Monica		Á. Terreno: -
End. projeto:	Esquina R. Tem. Leodegário Daltro c/ Riolândia		Á. Construída: -
Proprietário:	Orlando Pereira da Silva		Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Everaldo, Juraci, Maria Inês e Rita de Cassia		Data de aprov.: 15.10.1984
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O volume da construção se mantém preservado com poucas alterações nos elementos em concreto armado emassados e pintados.		
Materiais:	Concreto aparente, tijolo aparente, volumes em concreto em balanço.		
Volumes:	Talude gramado, jardins elevados. Telhado com platibanda, rufo e calha em concreto e pergolado.		
Interstício público privado:	Lote de esquina com acesso de pedestres pela fachada principal sob rampa em um talude que comporta um extensivo jardim frontal externo ao muro, outro acesso se dá para o espaço livre no lote interno ao muro como área de lazer. O acesso de veículos acontece por outra fachada onde se tem também um acesso de pedestres de serviço. No total se tem quatro acessos independentes.		
Interiores:	Construção térrea, inclinação da cobertura não cria níveis distintos internamente, mas a laje acompanha a inclinação do telhado, área íntima num nível mais elevado. Cobertura em fibra no jardim interno, bloco do lavabo livre, sanitário externo independente com chuveiro em alvenaria semicircular, jardim dentro do sanitário social, aquário em alvenaria no centro da sala com bar. Área de serviço em bloco separado da construção principal, garagem próximo		

	ao serviço, cozinha fica no bloco de serviços, afastada da sala de jantar. Suíte casal com closet e banheira, mais três suítes, sendo uma de hóspedes.
--	--

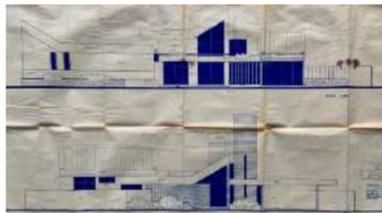
Código:	CM59	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Rua Ágata, 118, Santa Monica	Á. Terreno:	600,00m ²
End. projeto:	Rua Ágata, 118	Á. Construída:	292,00m ²
Proprietário:	Antônio Bomfim Barbosa Correia	Á. Ocupada:	-
Arquiteto:	Antônio Edson de Oliveira Freitas	Data de aprov.:	13.12.1984
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O volume da construção se mantém preservado com poucas alterações nos acabamentos.		
Materiais:	Parede emassada, tijolo e concreto aparente.		
Volumes:	Reservatório elevado forma volume na fachada, mas não é externo a construção principal, chanfros e curvas no encontro da alvenaria. Telhado cerâmico separado com platibandas laterais e lajes impermeabilizadas.		
Interstício público privado:	Garagem na frente com acesso ao serviço e ao vestíbulo social.		
Interiores:	Térreo, laje impermeabilizada em níveis diferentes permitindo iluminação natural entre lajes. Zonas bem divididas e ambientes compartimentados. Escritório, estar, jantar, vestíbulo, bloco do lavabo livre. Serviço separado da construção principal. Dois quartos e duas suítes, armários embutidos e banheiros com bidê.		

Código:	CM60	Estado de preservação:	Demolida
End. atual:	Rua São Domingos, 588, Santa Monica	Á. Terreno:	4016,00m ²
End. projeto:	Rua São Domingos, 588	Á. Construída:	737,81m ²
Proprietário:	José Tadeu da Silva	Á. Ocupada:	692,82m ²
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.:	23.10.1985
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	A partir das imagens satélite foi demolida entre o mês 7 e 11 de 2008, sendo substituída por um edifício de salas com uso comercial e administrativo que estava em construção na imagem de 2011. O projeto encontrado no Arquivo Público de Feira de Santana foi, na verdade, de uma ampliação da construção original, cujo projeto original não foi encontrado em arquivo.		

Código:	CM61	Estado de preservação:	Demolido
End. atual:	Rua São Domingos, 498, Santa Monica		Á. Terreno: 916,50m ²
End. projeto:	Rua São Domingos, s/n. Feira de Santana-BA		Á. Construída: 386,635m ²
Proprietário:	Reginaldo Caribe		Á. Ocupada: 351,53m ²
Arquiteto:	Fernando Peixoto		Data de aprov.: 24.04.1985
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	Em 2011 ainda era possível observar a construção original com poucas alterações antes de ser demolida, em 2022 a área estava ocupada por um galpão alugado para estabelecimentos comerciais.		
Materiais:	Construção predominantemente em parede emassada e concreto aparente.		
Volumes:	Blocos bem marcados. Solução de dupla cobertura, laje plana e telhado cerâmico sob estrutura independente com mão de força, telha de fibrocimento, platibanda, rufo e calha em concreto, pergolado e reservatório elevado externo.		
Interstício público privado:	Garagem mais próxima a fachada, mas acesso separado das visitas, construção completamente fechada para a rua, mas sem a rigidez do muro linear.		
Interiores:	Construção em dois pavimentos, jardineiras sem desnivelamento, escada engastada, térreo sob um único nível. Living, jantar, bar e varanda quase integrados, sala de jogos, deck com piscina e churrasqueira. Área de serviço integrada a construção principal. Pavimento superior abriga todas as suítes, exceto o quarto de hóspedes no térreo.		

Código:	CM62	Estado de preservação:	Preservada
End. atual:	Rua Erico Sophia Brandão, 430, Pq. Getúlio Vargas		Á. Terreno: 1.150,00m ²
End. projeto:	Rua Santiago, 430. Feira de Santana-BA		Á. Construída: 353,21m ²
Proprietário:	Arthur Francisco Cordeiro		Á. Ocupada: -
Arquiteto:	Raymundo Alves Pires		Data de aprov.: 17.01.1985
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O uso, o volume e os acabamentos da construção original se mantêm preservados.		
Materiais:	Predominância da pedra, concreto aparente, vitrais e brise.		
Volumes:	Vigas/pilares inclinados como elemento de composição e bloqueio solar na fachada. Cobertura principal em telhado cerâmico, partes em laje e pergolados.		

Interstício público privado:	Garagem na frente da casa com acesso direto ao espaço livre no centro do lote, muro vazado em jardineira e grande parte da fachada é ocupada pelos portões em grade.
Interiores:	Construção térrea, laje cumprindo função de forro. Acesso através da garagem para o living, não se acessa outro espaço sem passar pela varanda, o setor integra também um jantar, sala de tv e lavabo. O serviço na frente é integrado ao bloco principal com acesso pela garagem a partir do quaradouro. Tem quarto de hóspedes, e as portas dos banheiros são embutidas nos armários, aqui os banheiros não têm bidê.

Código:	CM63	Estado de preservação:	Pouco alterada
End. atual:	Rua São João Batista, 280, Santa Monica	Á. Terreno: 1.333,12m ²	
End. projeto:	Esquina Rua Rio Amazonas e Rua São João Batista	Á. Construída: 504,18m ²	
Proprietário:	Osmar Lopes de Siqueira	Á. Ocupada: 482,68m ²	
Arquiteto:	Everaldo Marques e Juraci Dórea	Data de aprov.: 10.06.1985	
Projeto Fachada:	Fachada em 2011:	Fachada em 2022:	
			
Observações:	O volume da construção se mantém preservado com poucas alterações nos acabamentos.		
Materiais:	Predominância do tijolo à vista, com estruturas em concreto aparente, muretas de pedra sustentam os jardins elevados, portas e janelas em vidro temperado.		
Volumes:	A construção é dividida em blocos, escada helicoidal compõe um volume cilíndrico na fachada junto ao reservatório, algumas inclinações da cobertura servem apenas para composição de fachada e acompanhamento da cobertura, internamente a inclinação é oculta por uma laje plana. Telhado oculto com platibanda, rufo e calha em concreto.		
Interstício público privado:	Garagem na frente mais próxima do acesso de serviço, acesso social para pedestres, espaço livre no terreno.		
Interiores:	Desnível entre área íntima e social, mezanino com balcão (varanda), escada helicoidal leva até um mezanino com balcão. Living distante do jantar, com varanda entre eles que se abre para o espaço livre do lote. O setor de serviço apresenta cozinha, despensa, quarto, banheiro e depósito. Os quartos da casa tem balcões, banheiros com bidê e as portas dos banheiros são embutidas no armário.		

Entende-se aqui por arquitetura residencial moderna o conjunto de características presentes nos projetos arquitetônicos de casas construídas sob a influência do movimento moderno dentro do seu contexto histórico, tecnológico e social. A síntese apresentada abaixo advém da análise dos desenhos das casas. Deve-se frisar a complexidade dos projetos em seus planos verticais, o que cria uma maior dependência da análise dos cortes para uma melhor compreensão.

Em Feira de Santana as casas construídas entre 1976 e 1985 exploraram diferentes materialidades, com destaque para o concreto aparente, o tijolo maciço aparente, e a pedra natural. Esses materiais são, muitas vezes, ao mesmo tempo acabamento e estrutura. Em relação à fenestração, pode ser observada a transição do uso de portas e janelas com esquadrias em metal ou madeira para janelas e portas de vidro temperado³⁸, que vão se tornar praticamente unanimidade na década de 1980. Contudo as maiores aberturas com grandes peças em vidro são utilizadas para o interior do lote, voltadas para as varandas e áreas de lazer, enquanto essas construções se fecham para a fachada com esquadrias menores ou com o uso de vitrais.

A plasticidade vai se alterando também de forma gradual até a exploração de monoblocos e variação no movimento entre lajes e vigas. Essas possibilidades advinham do uso do concreto armado, que possibilitou aos arquitetos a criação a partir de um vínculo indissociável entre arquitetura e estrutura³⁹ e que exigia o domínio do profissional responsável pelo projeto, e também uma mão de obra diferente da arquitetura praticada até então.

Acompanhando essa transição na volumetria, a variedade nos materiais e cores foi diminuindo com um único material ocupando todo um grande bloco, ajudando a marcar esses volumes, deixando o destaque para a composição formal da edificação.

No final dos 70 a solução de reservatório oculto entre laje e telhado começa a dividir espaço com o reservatório que conforma um volume elevado na composição da casa, principalmente nos sobrados, onde esse aparece acima da escada, compondo um volume único. Aqui a verdade construtiva não se limita ao uso de materiais, mas à organização de elementos construtivos: o reservatório, passa a ser incorporado nessa composição volumétrica/plástica. No ano de 1980 o volume do reservatório aparece elevado externo ao volume principal da construção.

³⁸ Nos projetos analisados, as esquadrias em vidro temperado eram especificadas como blindex, que à época das construções foi a marca pioneira na fabricação desses elementos. Tal inovação trazia uma sofisticação para o ambiente construído ao livrar o painel em vidro de molduras, marcos e contramarcos, minimizando qualquer divisão visual entre espaços externos e internos. Por isso foi um elemento largamente utilizado em construções de alto padrão para a integração entre ambientes que tanto propunha a modernidade arquitetônica.

³⁹ Essa relação se deu a partir da tecnologia do concreto armado que possibilitou novas formas arquitetônicas. Esse novo modo de fazer arquitetura se apropriou não só da capacidade plástica, mas também do acabamento superficial desse material, deixando o acabamento de muitas estruturas no concreto aparente.

Um elemento que vai ganhando espaço e começa a integrar a arquitetura é a vegetação. A natureza aqui se torna parte do projeto e é projetado o espaço dela tanto externo quanto interno. Nos anos iniciais da pesquisa a vegetação aparece como elemento complementar, por vezes decorativo, mas gradualmente vai ocupando um espaço e chega à década de 1980 como elemento essencial dentro do projeto tanto externo quanto internamente.

Essa transição se inicia com os jardins elevados que precisam de uma estrutura em concreto para o suporte dessa massa vegetal, esse elemento vai aparecer em todos os projetos analisados. Os muros simples são substituídos por uma composição de jardins elevados com muros de contenção inclinados integrados ao uso dos gradis. Que tratam do problema de segurança sustentando a privacidade do interior da casa sem perder a possibilidade de visualização dos volumes da construção.

Ainda nos anos 1970 o jardim de inverno é introduzido e passa a compor espaços que vão desde o setor social a área abaixo da escada ou espaços sob iluminação zenital, ao setor íntimo e de serviço que em alguns momentos será utilizado externamente em favor da privacidade dos ambientes e depois vai adentrar espaços como o banheiro se integrando ao ambiente. Em alguns projetos é possível observar ainda a incorporação do terraço jardim ou teto verde, onde essa vegetação vai ocupar o espaço das lajes de cobertura, sendo esses espaços acessíveis ou não, mas se apresentam como solução de conforto térmico às grandes áreas em laje desprotegidas da radiação solar.

Em relação aos lotes podemos observar como as dimensões vão aumentando. Talvez por se afastarem do centro encontrando lotes maiores nas áreas novas do bairro Santa Monica, mas também é possível relacionar a uma ascensão econômica da classe que construiu essas casas junto a valorização dos espaços externos à construção. Isso fica evidente quando observamos a integração de dois lotes para uma única construção permitindo acessos de serviço e social completamente opostos, ou até mesmo na reforma de um dos objetos encontrados que ao ser construído originalmente em 1977 estava em um terreno que conseguia abrigar todo o programa residencial. Quando reformado em 1980 foi integrado mais dois lotes laterais ao original. Apesar do acréscimo ter gerado um área duas vezes maior que a anterior, a construção principal se manteve sem nenhuma alteração, sendo acrescentado apenas dois anexos, sendo um deles um abrigo maior para os carros com depósito, e o outro um salão de festas com bar, quarto de hóspedes e sanitário. Demonstrando uma mudança nas necessidades do programa ao longo do período estudado que se manifestou também nas demais construções. A incorporação

de um espaço social para festas e hóspedes e um espaço maior para abrigar os carros que já não se restringiam a uma unidade por família.

Os anos de 1976 e 1977 viram os últimos exemplares do alpendre na frente da casa, aquela varanda espaço de transição entre o exterior e o interior que foi substituída pelo abrigo de carros. Fazendo das varandas um espaço de transição dentro do próprio terreno, voltadas para as laterais ou fundos geralmente com uma preocupação climática sendo solução de proteção para as áreas sociais como jantar e estar, ou para os quartos. Essas varandas foram se tornando menores até em 1980 serem substituídas pelos balcões, em construções de um ou mais pavimentos.

Os abrigos de carros começam ocupando um espaço na frente ou lateral da construção onde antes se tinha a varanda. No final da década de 1970 esse ambiente começa a ser levado para os fundos e se torna um espaço divisor entre o bloco construído de serviço e a construção principal. A partir disso os acessos começam a ser divididos, de modo que o acesso de pedestres dava para um *hall* ou vestíbulo no setor social, enquanto o de veículos dava para a cozinha ou sala de jantar no setor de serviços. Em alguns projetos esse ambiente começa a aparecer como uma garagem, um ambiente fechado e isolado reservado para guardar o veículo. Diferentemente do abrigo, espaço aberto, mas coberto, que apenas protegia o bem dos desgastes provocados pela exposição ao sol e à chuva, mas não aos olhares transeuntes. Contudo entre 1982 e 1983 o veículo volta gradualmente a ocupar o espaço à frente do lote e se distanciar do setor de serviços, ao mesmo tempo que o espaço para um ou dois carros não é mais suficiente.

Nos primeiros anos do estudo percebemos a predominância do telhado cerâmico em duas águas com amplo beiral e reservatório embutido entre a laje e a cobertura. As lajes aqui substituem o forro e em grande maioria são protegidas pelo telhado tradicional. Em algumas casas essa laje em substituição é dispensada no setor de serviço. E o pergolado é um elemento presente desde os anos iniciais compreendidos pela pesquisa, esses por vezes estarão sob jardins cobertos por fibra de vidro.

Nesse período além da telha cerâmica em alguns projetos também vão aparecer as telhas moduladas com uma inclinação menor variando entre 6 e 10%. Nesse período também as vigas invertidas começam a ser mais utilizadas como solução para a platibanda agora que a altura a ser vencida para esconder o telhado modulado é menor, essa solução só vai predominar o cenário das casas de alto padrão a partir de 1982.

No final dos anos 1970 em algumas casas, nos ambientes sociais o forro em madeira vai acompanhar a inclinação do telhado. É quando também começam a aparecer os telhados cerâmicos com mudança de inclinação que vão se sofisticar nos anos seguintes, a estrutura de caibros e ripas continuam de madeira, mas as terças são substituídas pelas de concreto. Nesses casos, o forro em madeira além de acompanhar a inclinação do telhado é instalado entre terças de modo a manter a estrutura aparente no interior da casa. Essa solução vai aparecer nas áreas sociais combinada com a laje plana em substituição ao forro nas áreas íntimas.

A partir do ano de 1980 as soluções de cobertura vão variar entre a solução que apresenta num mesmo projeto o telhado cerâmico, a laje impermeabilizada, e o pergolado. E a partir de 1982 começa a ser utilizado o telhado completamente embutido.

Em 1983 surge uma casa sem telhado projetada por Luiz Humberto e Neilton Dorea, com a cobertura composta apenas por laje impermeabilizada com vigas invertidas formando a platibanda e pergolados. Enquanto em 1985 aparece uma casa projetada por Fernando Peixoto com dupla cobertura onde sob a estrutura principal se apoia a cobertura em laje coberta por um grande telhado cerâmico apoiado sobre pilares nos limites externos da construção, estrutura independente com mão de força.

A presença contínua dos telhados traz uma inclinação que é acompanhada internamente pelo forro ou pela laje. Desse modo os cortes são fundamentais para a compreensão do projeto como um todo, evidenciando os desníveis no piso que combinado ao teto inclinado cria diferentes pés direitos e meios níveis. As escadas eram na grande maioria do tipo flutuante com degraus pré-moldados engastados na parede. Mas foi possível encontrar algumas escadas helicoidais e em 1980 aparece uma escada em cascata.

A grande maioria dos terrenos são planos, ainda assim no início do período estudado é comum em casas térreas encontrar pequenos desníveis entre ambientes, de modo que conforme vai adentrando aos espaços mais íntimos da casa esse nível vai aumentando. Contudo esse costume foi se perdendo e o pavimento térreo passou a ser implantado em um mesmo nível. Ao longo desse período as construções com mais de um pavimento foram se multiplicando, inicialmente com um uso do pavimento superior restrito a um escritório ou mezanino, e posteriormente esse segundo pavimento foi utilizado para abrigar todo o setor íntimo, afastando os quartos do pavimento térreo que agora era mais frequentado por visitas e hóspedes.

Desde o início do período estudado entre os quartos apresenta-se comumente uma suíte, contudo a partir de 1980 essa suíte começa a incorporar dimensões maiores e vão gradualmente se tornando menos compartimentadas com closets abertos e até alguns exemplos de banheira integrada nos últimos anos. Numa preocupação com a racionalização e ampliação de espaços livres em 1983 os bidês são eliminados dos banheiros e os jardins que já faziam parte do entorno desses ambientes passa a ser projetado no espaço interno.

A área de serviço é o setor que sofre menos alterações ao longo do tempo, sempre presente na grande maioria com dois quartos. As dimensões desse setor acompanhando a dimensão da construção como um todo. E as diferenças percebidas ao longo dos projetos analisado foi apenas a perda do quarto de goma presente em algumas poucas residências iniciais.

Ao longo dos anos foi possível perceber como a planta foi sendo liberada da compartimentação diminuindo a separação dos ambientes por paredes e integrando-os otimizando os espaços abertos internos a residência.

Percebe-se então a casa moderna feirense como uma arquitetura preocupada com formalismo, mas que frequentemente se associa ao estudo climático e uso de soluções adaptadas tanto ao clima quanto a mudança na vida e no cotidiano social de seus moradores.